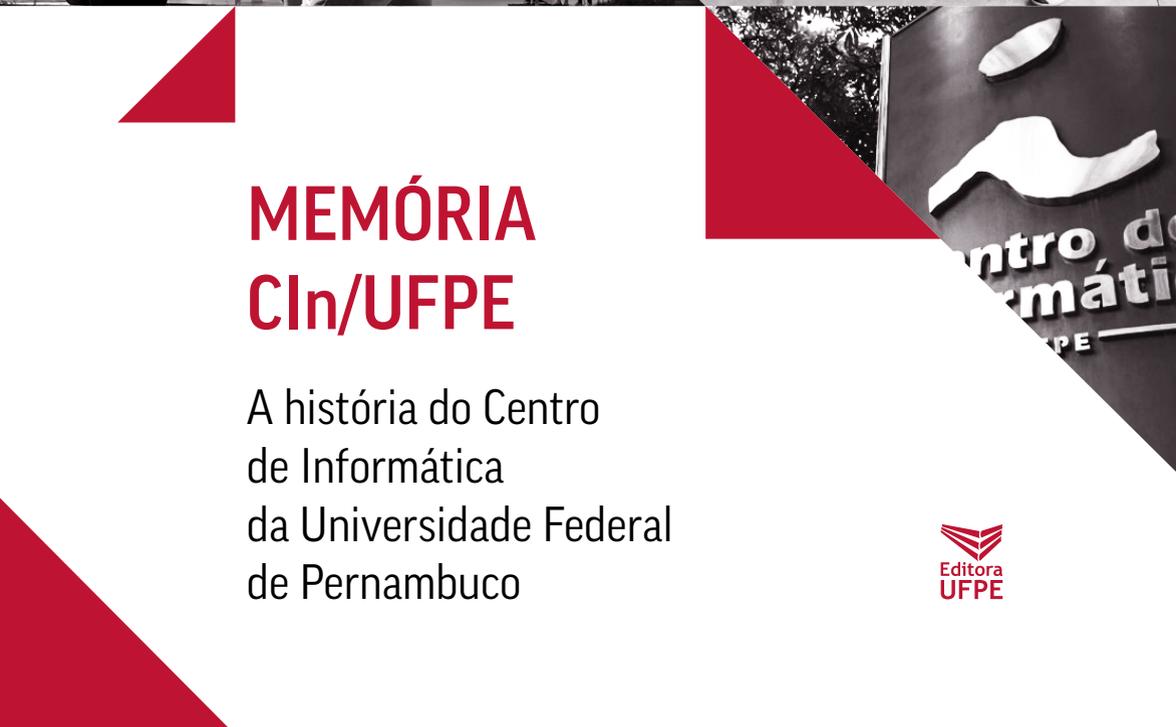


**VOZES
DA UFPE**

Júlia Nogueira
de Almeida



**MEMÓRIA
CIn/UFPE**

A história do Centro
de Informática
da Universidade Federal
de Pernambuco



**Editora
UFPE**

| MEMÓRIA CIn/UFPE

A história do Centro
de Informática da Universidade
Federal de Pernambuco

Júlia Nogueira de Almeida

**VOZES
DA UFPE**



**Editora
UFPE**

**RECIFE
2021**

Universidade Federal de Pernambuco

Reitor: Alfredo Macedo Gomes

Vice-Reitor: Moacyr Cunha de Araújo Filho

EDITORA ASSOCIADA À



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Editora UFPE

Diretor: Diogo Cesar Fernandes

Vice-Diretor: Junot Cornélio Matos

Editor: Artur Almeida de Ataíde

Conselho Editorial (Coned)

Alex Sandro Gomes

Carlos Newton Júnior

Eleta de Carvalho Freire

Margarida de Castro Antunes

Marília de Azambuja Machel

Editoração

Revisão de texto: Olívia Mindêlo

Projeto gráfico: Adele Pereira

Tratamento de imagens: Ildembergue Leite

Catálogo na fonte:

Bibliotecária Kalina Ligia França da Silva, CRB4-1408

A447m Almeida, Júlia Nogueira de.

Memória CIn/UFPE [recurso eletrônico] : a história do Centro de Informática da Universidade Federal de Pernambuco / Júlia Nogueira de Almeida. – Recife : Ed. UFPE, 2021.

(Coleção Vozes da UFPE).

ISBN 978-65-5962-028-9 (online)

1. Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Informática – História. 2. Universidade Federal de Pernambuco. Departamento de Informática – História. 3. Informática – Estudo e ensino (Superior) – Pernambuco – História. 4. Informática – Pernambuco. I. Título.

004.0981

CDD (23.ed.)

UFPE (BC2021-035)

Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.



| Sumário

- 5** Prefácio
- 8** Linha do tempo
- 13** Como tudo começou
- 22** O início do ensino de Computação no Brasil e o surgimento do Departamento de Informática
- 61** Liderança transformadora
- 72** De departamento para centro, uma transformação
- 82** O surgimento do CESAR
- 91** O nascimento do Porto Digital
- 95** Cooperação
- 102** O jeito CIn de ser
- 112** Contribuição do CIn para o ecossistema
- 119** A extensão como rota de ampliação do alcance da Informática

- 122** O Centro de Informática e a permanente missão de se reinventar sem perder a essência
- 125** Um olhar para o futuro: desafios do porvir
- 147** Posfácio
- 150** Entrevistados
- 152** Expediente

| Prefácio

Prefaciara o livro *Memória CIn/UFPE: a história do Centro de Informática da Universidade Federal de Pernambuco* é motivo de grande satisfação, especialmente porque toma a educação superior como espaço de criação, de transformação e de construção de redes, de novas relações sociais e oportunidades. Podemos imediatamente imaginar o CIn como locus instituinte de criatividade, de conexões de ideias, de dedicação e parcerias que articulam projetos de vida, de formação profissional, de criação e produção científico-tecnológica que vem impactando, de forma cada vez mais relevante, a história da UFPE e da cidade do Recife, centro irradiador de novas instituições de ensino-aprendizagem.

Desde seu surgimento, o CIn demonstra a capacidade de interação e diálogo com outras áreas de saber, tais como a Física, a Matemática e a Engenharia, característica seminal que permanece atual e visível nas iniciativas empreendidas na academia, na inovação, na tecnologia e na promoção de ações relativas à montagem do ecossistema de Tecnologia de Informação, ampliado e desterritorializado. A partir do esforço acadêmico-científico realizado de forma coletiva,

institucional e estratégica, a sociedade, a cidade, o mundo produtivo, a escola e a geração de produtos e serviços foram alcançados nesse percurso histórico, o que nos leva a (re) conhecer três importantes marcas do Centro de Informática: relevância social e acadêmica, excelência na abordagem e na entrega, e liderança. Por isso, o CIn é um centro empreendedor e inovativo.

O compromisso de produzir conhecimento é fundamentado na busca da resolução de problemas que se apresentam à sociedade, com a visão histórica de tempo assentada na experiência de muitas gerações, com sentido coletivo.

Posicionar-se como narrador e rememorar os acontecimentos mobiliza afetos e reflexões, em concretamente constatar que, do primeiro computador, tanto já foi realizado, visível nesta cronologia que nos situa no tempo quanto aos desafios, principais atores, incentivos e passos dados para a conformação atual, referência nacional e internacional.

Perceptíveis são os sentimentos expressados nos depoimentos, olhando para dentro das experiências acumuladas, compartilhando histórias e reconhecendo a importância de cada um(a) que se dedicou, professoras e professores, técnicas e técnicos ou estudantes, na sua construção.

Recorre-se a diversas fontes na composição desta história institucional, repleta de significado em que a marca memorativa está adensada à observação do mundo, sobressaindo intimidade e feitos acadêmicos do caminho, conscientes da representação do tempo histórico, na busca por alinhar partes para esta reconstituição (ou junção), cheia de lembranças comuns e objetos biográficos dignos de exposição.

Neste momento em que precisamos reiterar fortemente a importância das universidades públicas, estimulando a produção e a circulação científica com vistas à compreensão de nossas possibilidades como homens e mulheres, este livro nos enche de potencialidades e possibilidades de desenvolvimento social que merecem publicidade. Assim, a mensagem compartilhada, através destas memórias, reitera também referências das histórias de união, de reunião de forças e de sonhos que fizeram e fazem o CIn. Não podemos conservar o passado na íntegra, como foi processado e sentido, todavia a interpretação é de um presente que solicita sabê-lo e analisá-lo, para aprendermos sobre a universidade pública, sobre nós mesmos e as obras que o tempo vai discernindo.

Finalizo tais breves palavras parabenizando todas e todos que construíram e constroem o CIn, de modo especial os envolvidos na tessitura de *Memória CIn/UFPE*, reunindo fragmentos, produção dos símbolos, significações, mas também registrando as mudanças no curso de sua história, em contextos sociopolíticos diversos nos quais a ação estratégica soube posicionar o Centro de Informática. Vida longa ao CIn.

Alfredo Gomes

Reitor da UFPE

Linha do tempo

1950

No início da década, são feitos os primeiros esforços para a criação da graduação em Matemática, com a contratação dos professores portugueses Alfredo Pereira Gomes e Manuel Augusto Zalar Nunes. Na mesma década, é criado o Instituto de Física e Matemática da então Universidade do Recife, hoje Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

1967

Chegada do primeiro computador, um Sistema IBM 1130, ao Instituto de Física e Matemática, surgindo assim o Centro de Computação Eletrônica, que oferece cursos de preparação e treinamento especializado, de extensão, e disciplinas relacionadas à Computação. O computador é utilizado ainda em pesquisas e no âmbito administrativo da UFPE.

Ainda em 1967, com a reestruturação da universidade e com o desenvolvimento de sua área computacional, o Centro de Computação Eletrônica se desliga do Instituto de Matemática, passando a órgão da universidade

nomeado Centro de Computação Professor Manuel Zaluar Nunes. A partir daí, os serviços de Informática alcançam a administração de pessoas e de ensino.

- 1971** O Centro de Computação Eletrônica passa a se chamar Centro de Processamento de Dados, permanecendo até 1974, quando vira o Núcleo de Processamento de Dados (NPD). No fim do milênio, o NPD passa a se chamar Núcleo de Tecnologia da Informação (NTI).
- 1973** Fundação do Departamento de Estatística e Informática (DEI) da UFPE.
- 1974** Início da primeira turma do mestrado em Informática.
- 1975** Início da primeira turma do curso de graduação em Informática.
- 1978** É fundada a Sociedade Brasileira de Computação (SBC). No mesmo ano, ocorre a conclusão da primeira turma do curso de graduação em Informática da UFPE.
- 1983** Criação do Departamento de Informática (DI) da UFPE.
- 1984** Criação do setor administrativo-financeiro do DI

- 1986 No mês de julho deste ano, o DI sedia, pela primeira vez, o Congresso da Sociedade Brasileira de Computação (CSBC). Esta é a sexta edição do evento.
- 1988 O mestrado recebe nível A da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).
- 1989 O final da década de 1980 é marcado pela chegada dos microcomputadores a algumas divisões da universidade.
- 1992 Início do doutorado em Ciência da Computação.
- 1996 Criação do Centro de Estudos e Sistemas Avançados do Recife – CESAR.
- 1997 A revista *Veja* menciona o Departamento de Informática da UFPE como um centro de excelência na área.
- 1999 Criação do Centro de Informática (CIn), pelo Conselho Universitário da UFPE.
No mesmo ano, forma-se a primeira turma no recém-criado CIn/UFPE.
- 2002 Início da primeira turma do curso de Engenharia da Computação.

- 2006 Início da primeira turma do mestrado profissional.
- 2008 Defesa da 100ª tese de doutorado.
- 2010 Cria-se a graduação em Sistemas de Informação, a “caçula” do CIn/UFPE.
- 2011 Defesa da 1.000ª dissertação de mestrado.
No mesmo ano, o CIn conquista o Prêmio Finep de Inovação.
- 2012 Inauguração do Bloco A (entrada do CIn).
Ainda em 2012, defesa da 100ª dissertação de mestrado profissional.
- 2014 Defesa da 200ª tese de doutorado.
- 2015 Inauguração dos três primeiros módulos do Bloco E.
- 2017 Defesa da 2.000ª dissertação de mestrado.
No mesmo ano, a pós-graduação acadêmica obtém conceito 7 na Capes.

2018 Defesa da 300ª dissertação do mestrado profissional.
Também em 2018, ocorre a inauguração do SandPIT, espaço de prototipação e inovação tecnológica.

2019 Inauguração do quarto módulo do Bloco E.

2020 Credenciamento do CIn como unidade da Empresa Brasileira de Pesquisa e Inovação Industrial (Embrapii).
No mesmo ano, defesa da 500ª tese de doutorado.

| Como tudo começou

No início dos anos 1950, na então Universidade do Recife – hoje Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) –, os professores portugueses e especialistas em Matemática Pura e Aplicada Alfredo Pereira Gomes e Manuel Augusto Zaluar Nunes, respectivamente, deram os primeiros passos para a criação do curso de graduação em Matemática, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Pernambuco (Fafipe). Posteriormente, chegariam ainda os professores, também portugueses, José Morgado e Ruy Luis Gomes.

Algum tempo depois, ainda na primeira metade dos anos 1950, eles fundariam o Instituto de Física e Matemática da UR¹, instalado inicialmente na Rua do Progresso, esquina com a Rua Gonçalves Maia², na Boa Vista. Junto

1 A Universidade do Recife foi criada em 11 de agosto de 1946. Mais tarde, com a federalização das universidades, transformou-se em Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

2 Em 1966, o Instituto de Física e Matemática se transferiu para o prédio dos Institutos Básicos, que hoje abriga o Centro de Filosofia e Ciências Humanas, no Campus Joaquim Amazonas.

aos professores Zalar e Pereira Gomes, participaram da empreitada os professores assistentes de Matemática Jônio Santos Pereira de Lemos e Manfredo Perdigão do Carmo, e os professores catedráticos Luiz de Barros Freire e Aurino Duarte. O advento do instituto foi o marco zero dos estudos e pesquisas não apenas em Física e Matemática da UFPE, como também nas áreas de Análise Numérica, Estatística e Probabilidade, que se tornariam, anos mais tarde, as bases da criação do Centro de Processamento de Dados, do Departamento de Informática e, finalmente, do Centro de Informática da UFPE.



Figura 1 Professores Ruy Luis Gomes e José Morgado

O primeiro computador comercial surgiu no início dos anos 1950, com o Univac I, mas somente em 1958 o Brasil vem ter seu primeiro computador, adquirido pelo Instituto de Pesquisa do Exército, que funcionava no bairro da Urca, na cidade do Rio de Janeiro, como explica o professor Manoel Agamemnon Lopes:

Até então, a ideia estava emperrando porque o CNPq não tinha confiança para investir uma grande soma de dinheiro numa compra desse tipo. Naquela época, o computador era uma coisa cara e complicada.

O primeiro computador do Instituto de Matemática chegou à instituição na década seguinte à sua inauguração, nos anos 1960, a partir da mobilização de um grupo de professores que acabara de participar de um evento da International Business Machines Corporation (IBM). Liderados pelo diretor do Instituto de Matemática, o professor Jônio Lemos, eles solicitaram ao reitor da UFPE à época, o professor Murilo Humberto de Barros Guimarães, uma base de processamento de dados. Isso evitaria ficar para trás em relação a outras instituições de ensino superior da época, inclusive a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Campus Campina Grande, que já se preparava para instalar um computador semelhante.

Em preparação para a chegada deste computador, em 1966, foi criado um programa de formação em Computação para estudantes dos cursos das Engenharias, da Matemática e da Física. As aulas aconteceram no prédio da Faculdade de Engenharia (Rua do Hospício, Boa Vista), com mais de 100 estudantes participando. Aos poucos, esse número foi

diminuindo e, ao atingir aproximadamente entre 15 e 20 estudantes, o programa passou a ser oferecido no prédio do Instituto de Física e Matemática. Coordenado pelo professor argentino Raul Dicovsky, continha conceitos de máquinas simples, de Wang e de Turing, Linguagem de Máquina, Assembly, Linguagem Fortran etc. Diante da demora na chegada do computador, o professor Dicovsky não conseguiu mais aguardar por aquele momento. A professora Sonia Sette, então aluna de Matemática, diz que ficou fascinada com os conceitos inerentes a essas máquinas, que a atraíram e a fizeram aliar o estudo da Computação ao da Matemática.

Assim, em outubro de 1967, foi inaugurado o Centro de Computação Eletrônica da universidade, dotado do primeiro computador da UFPE, um Sistema IBM 1130. O computador ocupava toda uma grande sala com seus equipamentos periféricos. A animação era de tal ordem, que os estudantes, muitos dos quais futuros professores, como a professora Sonia Sette, passavam grande parte do dia naquela sala e até varavam noites “brincando” com aquela máquina. Naquele ano, conforme lembra o professor Múcio Gomes, a IBM lançou um projeto mundial audacioso, com a pretensão de instalar o referido computador científico em todas as universidades.

Inicialmente, a máquina foi responsável por auxiliar no processamento de dados da folha de pagamento dos funcionários da UFPE. Em seguida, já no início dos anos 1970, serviu como ferramenta para a realização de cursos de introdução à Computação para os alunos dos cursos de Engenharia da UFPE. O segundo computador da UFPE foi um Burroughs B-500.

Em sua época, o Sistema IBM 1130 era considerado um computador científico. Era uma máquina de monoprocessamento: só conseguia processar um programa por vez. A medida de armazenamento era uma palavra (*word*, em inglês), que tinha 16 bits. A sua CPU – IBM 1131 – tinha 32K *palavras* de memória RAM, o que corresponde a 64 Kbytes.

De acordo com o professor Manoel Agamemnon Lopes, o Sistema IBM 1130 foi o terceiro computador do Recife. Antes dele, vieram um 1401, também da IBM, que pertencia ao Banco Nacional do Norte (Banorte) e foi o primeiro computador da cidade, e, na sequência, um computador da Empresa Municipal de Informática – Emprel.

Após a instalação do Sistema IBM 1130, a empresa passou a oferecer cursos de capacitação, para a correta utilização do sistema, aos profissionais da UFPE, além de outros cursos voltados para a área acadêmica. Com isso, a UFPE passou a ser destino de professores de renomadas universidades europeias, que desembarcaram no Recife para ministrar essas aulas. Os cursos de Teoria da Computação e Métodos Numéricos foram os primeiros da universidade voltados para a área computacional. Assim lembra Múcio Gomes:

No começo de 1967, contratamos um professor argentino chamado Raul Alberto Dicoovsky, que tinha feito cursos pela IBM nos Estados Unidos. Ele era o “bam-bam-bam” nas coisas da IBM. Nessa época, eu era novato e os portugueses disseram: “Você, Rivaldo e Marluce vão fazer os cursos dele, e não tem quem diga que não, têm que fazer!”. Então, nós começamos a fazer aquele que foi o primeiro curso de Computação no Nordeste, ministrado por esse professor argentino, usando os computadores 1401 da

Celpe ou do Banorte, uma vez que a UFPE não possuía nenhum desses equipamentos.

O ano de 1967 foi movimentado, como segue Múcio em sua recordação:

Em 1967, a gente fez a maior aventura do mundo, o primeiro vestibular unificado da universidade contra todo o pessoal da área de Humanas e de Direito, que dizia que não era



Figura 2 Na últimas décadas, acompanhando as transformações tecnológicas, usamos disquetes para armazenar dados, passeamos pela era da internet discada e, agora, vivenciamos a época em que máquina e ser humano interagem como nunca antes na história. Muitos dos estudos que mudam a realidade e auxiliam a sociedade acontecem nos nossos laboratórios

possível, que cada área tinha que fazer o seu próprio vestibular. Mas o reitor meteu o dedo e disse: “Não, vamos fazer unificado”, e a gente fez usando esses computadores 1401, numa linguagem chamada *Autocode*. E foi um sucesso. A gente rodou tudo no Banorte. O banco fazia as coisas dele e largava pra gente às 22h30. A gente se mandava pra lá e virava até de manhã, pra entregar de volta pra eles, rodando tudo. Era assim que funcionava.

Depois que o Sistema 1130 passou a existir, a UFPE realizou mais um vestibular unificado e, também com o auxílio do computador científico, rodou toda a folha de pagamento da universidade. “Começamos a ministrar cursos de Introdução à Computação nos cursos de Engenharia da Área II. Eu ficava dando esses cursos para quase todas as turmas; eram quatro ou cinco”, conta o professor Múcio Gomes.

Tendo em vista a desistência do professor Dicovsky e a necessidade de se continuar com a formação de pessoal capacitado para a utilização do computador, em 1968 foi contratado o professor Ernesto Garcia Camarero, da Universidade Complutense de Madrid, Espanha. O professor Garcia deu andamento a essa formação, introduzindo os conceitos de Autômatos e Linguagens Formais, Funções Recursivas, Álgebra de Boole, Linguagem Algol etc.

Nessa época, a UFPE foi pioneira nacional na preocupação em levar o conhecimento sobre Computação também para as escolas locais. Assim, sob a coordenação do professor Garcia e com a participação de seus estudantes, realizamos – conta a professora Sonia Sette – cursos de iniciação à Informática para alunos do ensino médio.

A professora Sonia Sette foi uma das pioneiras da área de Informática na Educação, tendo coordenado, em 1993, o



Figura 3 O professor Garcia Camarero com os então alunos de Matemática José Raimundo, Maria Katheleen Vasconcelos, Sonia Schechtman e Maria da Glória Abage, no curso de Introdução à Computação Eletrônica ofertado no e com apoio do Cecine/UFPE

primeiro Workshop de Informática na Educação (WEI), que aconteceu acoplado ao IV Simpósio Brasileiro de Informática na Educação da SBC, bem como o segundo WIE, em 1996, que integrou o XVI Congresso da SBC. O WEI, criado no CIn/UFPE, passou, desde então, a ocorrer anualmente como parte dos congressos da SBC, como assim é até hoje.

Posteriormente, a UFPE continuou o seu pioneirismo, criando, em 1996/1997, o primeiro curso de Especialização em Informática na Educação, voltado para a formação de

professores das redes públicas estadual e municipal do Recife, bem como o Programa de Formação em Telemática na Educação, destinado aos professores da rede municipal do Recife. “Coordenei ambos e considero que representaram importante passo para a inserção das chamadas novas Tecnologias da Informação e Comunicação na educação básica do Estado”, afirma Sonia Sette.

Ainda na perspectiva da formação de recursos humanos na nova área que se inseria na UFPE, em julho de 1968, estudantes da primeira grande turma de concluintes do curso de Matemática, interessados no assunto, participaram do curso de inverno no Departamento de Informática da PUC/RJ, sob a direção do professor Carlos José Pereira de Lucena. Foi uma ação precursora de uma importante parceria entre essa instituição e o futuro Departamento de Estatística e Informática da UFPE.

O início do ensino de Computação no Brasil e o surgimento do Departamento de Informática

Concepção do Centro de Processamento de Dados – CPD

No relato do professor Múcio Gomes, o antigo Centro de Processamento de Dados (CPD) – posteriormente chamado de Núcleo de Processamento de Dados (NPD), depois de Núcleo de Tecnologia da Informação (NTI) da UFPE –, surgiu a partir de uma concorrência entre as empresas IBM e Burroughs. Na época, o único computador que a universidade possuía era o Sistema IBM 1130, que, àquela altura, já estava ficando sobrecarregado:

Não dava pra fazer folha de pagamento, vestibular e ainda tentar montar os cursos que a gente ministrava para o pessoal de Engenharia. Estava difícil. Tínhamos que dar aula prática, trazer a turma de Engenharia em partes, de 15 em 15 alunos para entrar na sala, perfurar cartões, botar na máquina, olhar o resultado, era dureza. A gente começou a pensar que não dava mais pra fazer isso, e, a partir daí, foi feita uma concorrência entre a IBM e a Burroughs. A Burroughs ganhou com o Burroughs 500, um computador que só usava linguagem simbólica.

Com a chegada do novo computador, fundou-se, no térreo do atual Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH), o NPD, responsável pelas rotinas administrativas da universidade, aliviando muito da carga de trabalho que, até então, era toda concentrada no Sistema IBM 1130. A partir de sua criação, o NPD passou a ser o responsável pela folha de pagamento e pelo vestibular da universidade. O primeiro chefe do NPD foi Rivaldo Alves Correia. Atualmente, essa estrutura se chama Superintendência de Tecnologia da Informação (STI).

A partir dos anos 1960, as faculdades que existiam no Brasil, à época, foram federalizadas. Assim, em 1965, instituições como a Universidade do Recife e o Instituto de Física e Matemática passaram a integrar a Universidade Federal de Pernambuco. Em 1968, foi aprovada a Lei 5540, que estabeleceu a nova estrutura das universidades federais no País e que corresponde ao modelo seguido pela UFPE até recentemente, com a universidade dividida em Reitoria, Conselho Universitário, centros, esses centros congregando departamentos e esses departamentos congregando especialidades. De acordo com o professor Manoel Agamemnon Lopes, a lei dava um prazo até 1974 para que todas as universidades brasileiras se adequassem à estrutura. O desenho era minucioso e permitia poucas flexibilidades.

Também em 1968, o governo federal iniciou um projeto para implantar cursos de Computação em todo o Brasil. Assim, foi criada uma comissão em Brasília, tendo o professor Múcio Gomes como representante do Nordeste. Na época, a implantação dos cursos ainda dava os primeiros passos: “Existia uma espécie de currículo básico, que a IBM

me forneceu, e a gente iniciou os cursos devagarinho, em 1970, mas as primeiras turmas, na prática, só tiveram início em 1975”. Segundo ele, entre 1970 e 1975, a equipe montou o projeto do curso com auxílio da IBM:

A despeito de toda a oposição do pessoal da Física, que não queria de jeito nenhum, nós tocamos o projeto da nossa graduação. A gente levou esse projeto para Brasília. Arnaldo Niskier, escritor da Academia Brasileira de Letras, foi o relator. Ele veio aqui, ficou com a gente, passou mais de uma semana olhando se havia instalações adequadas e pessoal para viabilizar o curso. Nessa época, já havia alguns alunos de Engenharia que nós tínhamos puxado pra gente. Então, em 1975, teve início a primeira turma do curso de graduação.

No início da graduação em Computação da UFPE, ainda não havia praticamente nada de informatização em Pernambuco, como recorda o professor aposentado Múcio Gomes:

De uso de computação tinha o Banorte, a Celpe, a Chesf e a Emprel. Todos tinham computadores comerciais. Inclusive, nós também trabalhamos na Chesf, implantando algumas coisas. Eu fui lá, dei curso de linguagem Fortran pro pessoal, que era algo de que eles precisavam para fazer trabalhos de engenharia de rede elétrica.

De acordo com Múcio, estabelecido o curso superior, começou-se a colocar em prática a pós-graduação que, curiosamente, surgiu como ideia antes da graduação:

Antes da graduação, já estávamos pensando na pós, para poder formar professores. Então, começamos um

programa simples, no qual eu ensinava praticamente todas as disciplinas, desde as práticas até as teóricas. Eu tinha que pegar porque não havia mais ninguém para ensinar. Nosso corpo docente era reduzidíssimo. Eu também era o responsável pela aplicação do teste de Inglês da pós-graduação. Eu e Sonia Sette fazíamos parte da comissão de aceitação.



Figura 4 Concluintes da primeira turma (1978) do curso de Informática com o professor Múcio Gomes, que deu o nome à turma

Nessa época, Múcio diz, os professores ingressavam na UFPE por indicação: “A gente indicava o que precisava e o reitor contratava. Depois, fazia carreira lá dentro. Eu mesmo fiz concurso depois, para professor adjunto”. Segundo o professor, os desafios da graduação foram muitos, a começar pelo espaço físico:

A gente era do CFCH e lá só tinha umas três salas, que eram para Matemática e Estatística. Então, por falta de espaço, chegamos a dar aula para a turma do curso de Computação na Faculdade de Direito. E as aulas também se espalhavam

pelas áreas de Economia, Medicina, onde houvesse sala (...). A gente se virava com três para dar aula. Aí, começamos a pegar o pessoal de Engenharia Elétrica, que era o melhor pessoal da Área II, e botar pra dar aula. Assiná-vamos a caderneta por eles e assim foi.

Somada à infraestrutura física deficiente e a um corpo docente extremamente reduzido, estava a questão financeira. Não havia muitos recursos, e o pouco que chegava vinha de forma unificada para o Departamento de Estatística e Informática. “A gente não tinha dinheiro e, quando entrava, tínhamos que brigar para dividir”, lembra Múcio, que também foi chefe de departamento. Ao mesmo tempo, o bom nível dos alunos da graduação foi, desde os primórdios, um registro positivo para a história do curso de Informática, como ele explica: “Os alunos, em sua maioria, eram bons. Muito raramente aparecia um ruim. Quando surgia, desaparecia logo, por causa dos cálculos da Área II. A concorrência para o curso também sempre foi boa, desde o começo”.

Em 1975, o então professor Múcio Gomes foi convidado pela Universidade Federal da Bahia para implantar seu curso de graduação em Computação:

Eles tinham um Sistema IBM 1130 e mais nada. Assim, eu e a professora Sonia Sette fomos para lá, ministramos os cursos para que eles comessem a usar o 1130 e implantamos a graduação em Ciência da Computação. Depois, fizemos o mesmo na Universidade Federal de Alagoas, em Maceió. Eu passei dois meses lá dando aulas e treinando os professores para o curso. Em seguida, fomos para os estados da Paraíba, do Rio Grande do

Norte, do Piauí, do Pará até o Amazonas, implantando tudo com o patrocínio do governo federal. Éramos uma comissão que saía implantando esses cursos e avaliando se eles tinham viabilidade.

Com o tempo, a necessidade de desmembrar as áreas de Física e Matemática do instituto, para um melhor desempenho nas pesquisas, ficou mais evidente. O Instituto de Matemática (IM) foi, então, dividido em dois departamentos: A, para os estudos de Matemática Pura, e B, para os de Matemática Aplicada, compreendendo as áreas de Estatística e Computação Eletrônica, o que pavimentou ainda mais o caminho para o estudo da Computação na UFPE.

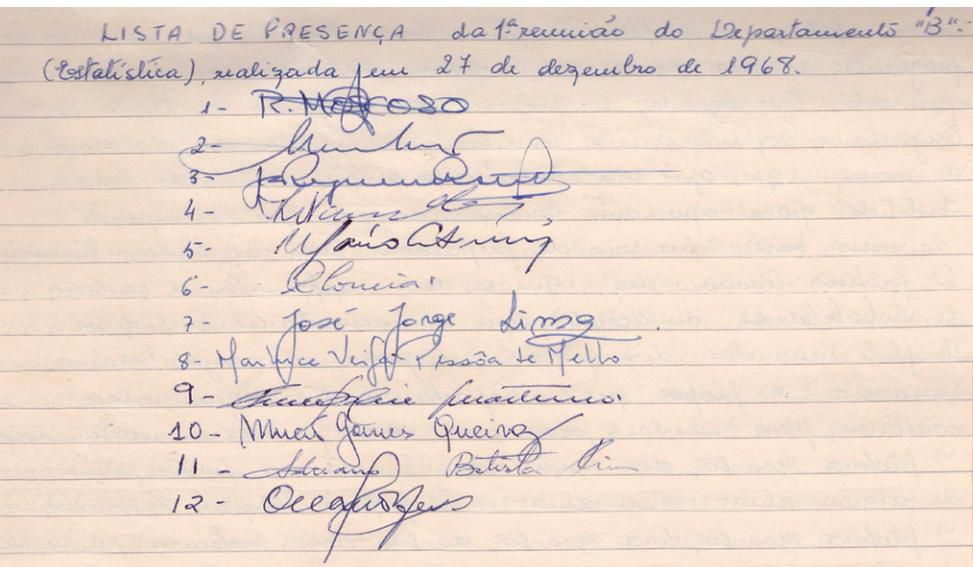


Figura 5 Lista de presença da primeira reunião do Departamento "B" (Estatística), realizada em 27 de dezembro de 1968

Menos de uma década após a chegada do primeiro computador à UFPE, a intenção de fundar o Departamento de Informática (DI), em fevereiro de 1972, acrescentou mais um marco na trajetória bem-sucedida que antecedeu a fundação do Centro de Informática da UFPE. No início da década de 1970, não se tinha clareza sobre a qual área pertenceriam os estudos da Informática, que foi disputada pelos institutos de Física e de Matemática e pelo departamento de Engenharia. Após o impasse inicial, para assegurar o desenvolvimento da área de Informática, foi criado o novo departamento C, mais conhecido como Departamento de Informática.

Já no ano de 1973, com tudo pronto para a viabilização do DI, a implantação da mencionada reforma imposta pela Lei 5540/68, que dividiria a instituição em vários centros, mudou o rumo das coisas. O Instituto de Matemática foi extinto e subdividido nos departamentos de Matemática (DM) e de Estatística e Informática (DEI) que, junto aos novos departamentos de Física e de Química e às disciplinas básicas de Ciências e Tecnologia, formaram o novo Centro de Ciências Exatas e da Natureza (CCEN).

Também naquele ano, chegava da França a professora Sonia Sette, a primeira com doutorado, para esse departamento. Constituiu-se, então, no ano seguinte, uma comissão para a implantação do curso de bacharelado em Informática, bem como se iniciou o Programa de Pós-Graduação em Informática, do qual ela foi a primeira coordenadora, com a abertura do mestrado na área. O curso de graduação em Informática teve, posteriormente, seu nome alterado para Ciência da Computação, por sugestão da Comissão de Avaliação da Capes, com o argumento de uniformização

nacional. O programa foi realizado com muito esforço, contando-se com o apoio da Capes e do CNPq, o que tornou possível a participação de professores visitantes.

O primeiro projeto internacional do qual o CIn fez parte foi o Programa Combra, da Cida (Canadian International Development Agency), de 1976 a 1981, coordenado pelos professores José Carlos Pereira de Lucena, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ); Donald Cowan, da Universidade de Waterloo (Canadá); e Calvin Gotlieb, da Universidade de Toronto (Canadá). O projeto contou ainda com a participação dos professores Sonia Sette, da UFPE; Tarcísio Pequeno, da Universidade Federal do Ceará (UFCE); e Geovane Magalhães, da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Por meio desse projeto, o CIn recebeu diversos professores visitantes do Canadá, por curta temporada, e o professor Matthew Hennessy, por período mais longo. A partir daí, iniciou-se um processo de ampliação do quadro de doutores do departamento, com a partida de Paulo Freire Cunha e Sóstenes Lins para o programa de doutorado na Universidade de Waterloo (Canadá).

Em 1977, a professora Sonia Sette coordenou o primeiro projeto de pesquisa da pós-graduação, submetido ao CNPq, com a participação também dos professores do Departamento de Estatística e Informática, Eduardo Dória e Pedro Cruz. Por meio desse projeto, além de material bibliográfico e de outros itens, foi adquirida a primeira máquina datilográfica IBM, com esferas, possibilitando a impressão de textos com variação de fontes e, principalmente, com símbolos matemáticos.

Em 1979, foi criado o Laboratório Nacional de Redes de Computadores (Larc), com as instituições que possuíam

pós-graduação na área de Informática como fundadoras, tendo a professora Sonia Sette como a primeira representante da UFPE. Dado que a universidade ainda não possuía nenhum especialista na área de Redes de Computadores, a Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (USP) ofereceu uma vaga de mestrado para alguém da UFPE.

Assim, em 1980, o professor José Augusto Suruagy, recém-formado em Engenharia Elétrica, que havia manifestado interesse em fazer o mestrado, preencheu a vaga, retornando em 1983. Inicialmente, foi contratado como professor visitante e, posteriormente, como professor assistente, com a disponibilização de uma nova vaga para o concurso no qual ele havia sido aprovado anteriormente. Assim conta:

Na época, o meu interesse em fazer o mestrado era para aprender mais sobre microprocessadores, eu nem sabia o que eram redes de computadores. Lá, tive oportunidade de me envolver no projeto de um comutador de pacotes (roteador) para a Rede Experimental de Pacotes (Rexpac), numa parceria entre a USP e o então Centro de Pesquisa e Desenvolvimento (CPqD) da Telebras. Terminei aprendendo sobre microprocessadores usados no computador, sobre redes de computadores e muitas outras coisas da Computação.

O ano de 1981 marcou o início de uma nova leva de investimentos da UFPE na área de Informática, o que garantiu o retorno de alguns professores de renome ao DEI, como os doutores Agamemnon Lopes, Merval Jurema e Paulo Cunha, que contribuíram para a ampliação do capital intelectual institucional. Com a chegada dos doutores e as obras de expansão do prédio do CCEN, foi iniciada uma pressão para que a extensão fosse concluída, proporcionando uma sede própria ao DEI

O professor Fernando Fonseca, formado em Engenharia pela UFPE, chegou à área de Computação com o desejo de fazer mestrado em Informática, após ter feito alguns cursos no centro educacional da IBM que existia no Recife. Na época, dois professores do então DEI, que funcionava no 14º andar do atual CFCH, haviam pedido demissão, e ele pediu uma chance para começar a dar aulas como professor colaborador, numa nomenclatura equivalente ao que hoje se chama de professor substituto. Algum tempo depois, foi efetivado por meio de um concurso. Fonseca lembra que, na gestão do DEI, a cada dois anos, a chefia era assumida por um representante de uma das duas áreas, o que, para ele, de certo modo, dificultava um planejamento específico para a Informática. Além disso, boa parte do corpo docente da Informática trabalhava em regime de dedicação parcial. Se, por um lado, era bom porque os professores traziam a experiência do mercado para a sala de aula, por outro, o envolvimento com a universidade era menor. Foi uma época de “muitas idas e vindas” de pessoal, como menciona Carlos Ferraz, ex-diretor do CESAR e atual diretor de finanças da Sociedade Brasileira de Computação (SBC).

Fonseca recorda a construção do primeiro bloco do CCEN, que deveria abrigar o DEI: “Na época, o curso de Física era muito mais avançado, tinha pesquisas importantes e um número maior de doutores que nós. Como tinham uma demanda maior, acabaram ocupando o prédio todo e nós continuamos no CFCH”. Depois dessa primeira tentativa frustrada, foi construída uma extensão do prédio. Só então o DEI pôde ocupar o espaço, que viria a ser compartilhado com o pessoal da Química e da Matemática.

O professor divide a história da Informática da UFPE em três grandes marcos para o seu desenvolvimento: o primeiro é justamente a ocupação da extensão do prédio do CCEN, o que aconteceu, segundo seu relato a seguir, antes mesmo da conclusão da fase de acabamento da obra:

O chão ainda era de cimento bruto, mas resolvemos nos mudar mesmo assim, à revelia do CCEN. Ficamos com receio de perder o espaço, como já havia acontecido antes. Então, nos organizamos e nos mudamos por conta própria. Podemos dizer que carregamos o departamento nas costas. Um dos professores era diretor da Cohab à época. Ele conseguiu um caminhão caçamba e nós, professores e funcionários, carregamos tudo isso nas nossas cabeças. Quando chegamos, as condições não eram das melhores. Não tinha um estacionamento bem-feito, o chão era todo de cimento bruto, algumas pessoas começaram a ter alergia por causa disso. Mas a gente foi montando as coisas e, aí, aconteceu a primeira defesa de mestrado no novo prédio, da professora [Ana] Carolina Salgado, mas não no que seria o auditório, que ainda não havia sido montado. A primeira defesa de mestrado no auditório foi justamente a minha.

Em 1982, as obras no CCEN para abrigar os departamentos de Matemática e de Estatística e Informática ficaram prontas. Porém, limitações como corredores estreitos, salas e gabinetes em menores proporções do que as utilizadas anteriormente, além de estacionamento deficitário, apontaram para a necessidade de novas obras de melhoria. Em 1983, esses serviços foram realizados para otimizar a estrutura e, assim, aproveitar todos os benefícios que o novo edifício tinha a oferecer.



Figura 6 Professores Fernando Fonseca e José Augusto Suruagy participando da mudança para o prédio do CCEN

Após tantas obras de melhorias, o primeiro semestre de 1983 foi marcado pela implementação definitiva do novo Departamento de Informática (DI). Nessa época, o reitor em exercício da UFPE era Geraldo Lapenda, que nomeou o professor Roberto Faria como chefe do departamento e o próprio Fernando Fonseca como subchefe *pro tempore*, para



Figura 7 Professores Agamemnon Lopes e Sérgio Sette plantando árvores no pátio interno do novo prédio do CCEN, com assistência dos filhos do segundo

a instalação do DI “Essa nova fase, efetivamente, fez com que as coisas se desenvolvessem um pouco mais”, afirma Fonseca. Para ele, a separação entre os departamentos de Estatística e de Informática, em 1983, foi o segundo grande marco na trajetória da Informática da UFPE. O professor Paulo Cunha relata:

Até então, o DEI era um departamento bastante grande, com mais de 70 professores. Eu fui o primeiro deles a voltar do doutorado com o título de Ph.D. em Computação. Com a separação de Estatística e Informática, ficamos com

pouco mais de 30 professores e ficou operacionalmente muito mais fácil trabalhar, com objetivos mais claros. Foi uma separação bastante tranquila.

ANTE-PROJETO DE DESMEMBRAMENTO DO DEPARTAMENTO DE ESTATÍSTICA E INFORMÁTICA.

UNIDADE: Centro de Ciências Exatas e da Natureza

EXECUTOR: Departamento de Estatística e Informática

PROJETO: Desmembramento do Departamento de Estatística e Informática

1 - OBJETIVO

Este projeto tem como objetivo o desmembramento do atual Departamento de Estatística e Informática (DEI) em dois outros com as seguintes denominações:

- . Departamento de Estatística (D.E.)
- . Departamento de Informática (D.I.)

Figura 8 Anteprojeto de desmembramento do Departamento de Estatística e Informática

O pró-reitor de Planejamento da UFPE à época, o professor Ednaldo Gomes Bastos, que tinha um olhar voltado para a tecnologia e modernização da universidade, colaborou para o equilíbrio das demandas de infraestrutura do DI, tendo em vista seu pleno funcionamento.

A aquisição do primeiro microcomputador do Departamento de Informática aconteceu em 1983. Tratou-se do Microengenho produzido pela Spectrum, considerado como clone do Apple II,

utilizando Unix. O microcomputador gerou grande interesse entre os professores e estudantes do DI, para uso do qual existia uma agenda disputada.

Na mesma época, o professor Paulo Cunha assumiu suas funções, em regime de dedicação exclusiva, como coordenador da pós-graduação em Informática.

A gente pegou essa pós-graduação, que tinha cerca de 20 professores, e reduziu para oito, todos com dedicação exclusiva, com tempo para orientar, para dar aula – o que também foi um processo bastante tranquilo – porque, na época, a Informática estava crescendo muito. Às vezes, no ambiente acadêmico, essas coisas provocam muita confusão, mas, nesse caso, foi tranquilo porque os professores tinham suas carreiras na iniciativa privada. Aqui na Informática, a gente sempre teve uma filosofia de que existe espaço para todo mundo, mas nem todo mundo vai ser pesquisador, nem todo mundo vai ser só professor. Nós tínhamos um time com várias posições, funções bem-definidas, pessoas com competências complementares. E, assim, a universidade começava a se transformar de um lugar de professores de tempo parcial, que vinham aqui só dar aula e depois iam embora, para professores com carreiras de pesquisador de tempo integral, com doutorado, que passavam o dia aqui. Isso nos fortaleceu e a gente começou a identificar que a universidade tinha que ser um lugar agradável, de desafios.

Alunos de outros departamentos passaram a fazer mestrado no DI, atraídos pelo ambiente estimulante e agradável. A falta de uma infraestrutura ideal era compensada pela vontade de se criar alguma coisa e pela receptividade do departamento.

A professora Edna Barros formou-se em Eletrônica e foi fazer mestrado no DI, no ano de 1985:

Minha vivência na universidade antes do DI era muito confusa, sempre tendo que brigar pelas coisas, para conseguir usar o laboratório... Eu era aluna de iniciação científica e era muito difícil usar o espaço, mas aqui foi diferente. O DI era muito receptivo, recebia muito bem os alunos. Eram pouquíssimos computadores, por causa da reserva de mercado, mas ficavam disponíveis para os estudantes. Apesar de não ter muita infraestrutura, existia uma interação muito boa. Eu me senti diferente, como se fosse da casa. Acho que o diferencial era esse, mesmo como aluna eu me sentia parte do DI

No final de 1983, o DI já dispunha de um quadro docente altamente qualificado e de grande dedicação. Poder contar com a “prata da casa” garantiu à instituição um forte engajamento e estabilidade entre seus professores. Assim, a chefia do departamento passou a investir na capacitação de seus profissionais, com recursos financeiros obtidos por meio de um convênio que também financiou a aquisição de livros, revistas e equipamentos de tecnologia para a formação de uma biblioteca.

O professor Paulo Cunha é autor da primeira dissertação de mestrado em Informática da UFPE, defendida em 1977, sob a orientação do prof. Múcio Gomes:

Quando cheguei, em 1981, Silvio (Meira) estava saindo para fazer doutorado na Inglaterra. Foram quatro anos – talvez um pouco

menos que isso – e ele ficou em conexão com a gente, retornando em seguida. Silvio era professor da Eletrônica e, quando chegou, viu que as coisas por lá estavam muito paradas e então veio pra cá. Começamos a trabalhar juntos, a gente se dava muito bem e era uma mistura de trabalho com amizade. A gente passava o dia todo junto, houve uma sinergia muito grande. E aí começamos a tocar as coisas.

Entre essas realizações, está o fortalecimento do mestrado, que saiu de uma avaliação conceito C para B e, em seguida, para A. “Foi uma evolução em um tempo curto. Em 1988/1989, a gente já era conceito A”, lembra Cunha.

O terceiro marco mencionado por Fernando Fonseca foi o despertar da visão sobre a importância de qualificar os professores. “Uma das críticas que o departamento recebia do CCEN era justamente quanto ao pequeno número de doutores, em comparação aos demais departamentos”, lembra. Segundo ele, havia uma grande disparidade nos níveis de qualificação entre o pessoal da Informática e o da Física e da Química Fundamental. “Eles estavam bem mais adiantados, porque eram todos doutores, e nós tínhamos apenas três doutores: Paulo Cunha, Sérgio Sette e Sonia Sette”, afirma.

Decidiu-se, então, que era a hora de mandar os professores que ainda não eram doutores para fazer a qualificação fora do País, como relata Fonseca:

Eu era casado, tinha dois filhos pequenos e a gente resolveu se planejar para sair. Eu fui para o doutorado na Inglaterra. Acho que uma das coisas que incentivou muito foi

uma professora, Marina Roesler, a primeira professora do departamento a sair do País com esse objetivo. Ela foi uma inspiração. Depois dela, muita gente saiu para os Estados Unidos e, principalmente, para a Inglaterra. Éramos pessoas novas ainda e com todo o gás para nos lançarmos numa aventura. Alguns foram para a Alemanha, outros para a França, os rumos foram se diversificando, nosso exemplo passou a ser seguido e o mais importante é que havia um estímulo para que os alunos que concluíssem o mestrado já emendassem com o doutorado.

O professor Hermano Perrelli foi outro integrante do Departamento de Informática entre os vários que partiram para fazer doutorado fora do País, logo após a conclusão de seu mestrado em 1989, numa época em que o DI era composto por 30 professores. “A gente era muito estimulado a fazer doutorado. Silvio (Meira) e Paulo (Cunha) diziam o tempo todo: ‘Tem que ir, tem que ir!’. Viajei no dia 6 de setembro de 1989 para Glasgow, Escócia. Nessa época, eu já tinha família com dois filhos”, diz.

Ao chegar à Escócia, Perrelli se deparou com uma realidade distante da rotina do Brasil, caracterizada pela pequena quantidade de computadores e menor ainda de máquinas conectadas em rede. Assim relembra:

Quando eu cheguei a Glasgow e fui visitar o departamento da universidade de lá, havia umas estações de trabalho da Sun que eram o nosso sonho de consumo aqui, completamente conectadas à internet. Fiquei estonteado. Já quando voltei para a UFPE, encontrei outro departamento. Todos nós, que tínhamos vivido ali, naquele corredorzinho com dois laboratórios muito modestos, com alguns PCs que quase não tinham memória, ficamos felizes em

nos deparar com a realidade em transformação. Tenho um afeto muito grande pelo DI e por tudo o que ele me proporcionou.

A formação dessa massa crítica começou a render frutos, que se revelavam na qualidade da formação dos próprios alunos, aceitos nos programas de doutorado mundo afora. Ao retornarem ao Brasil, quando surgiam vagas, eram efetivados no quadro do Departamento de Informática por meio de concurso. “Todos os bons alunos do nosso mestrado a gente mandava para fazer doutorado fora do País”, conta Paulo Cunha, que complementa:

O nosso doutorado ainda não havia sido criado. Então, ao longo de 10 anos, de 1982 a 1992, anualmente sete, oito ou até nove estudantes nossos iam fazer doutorado no exterior. Houve uma época em que chegamos a ter 45 alunos fazendo doutorado fora do País. Eu era coordenador da área no CNPq e houve uma reunião em que foram destinadas 12 bolsas de doutorado para todo o Brasil. Desse total, nós levamos sete. Fizemos uma base para contratação, todo esse pessoal que ia voltando ia sendo contratado, isso fortaleceu o nosso corpo docente de forma importantíssima. Alguns optaram por ir para fora. Hoje temos ex-alunos atuando como professores na Universidade de São Paulo (USP) e na Universidade de Campinas (Unicamp), por exemplo.

O compromisso de receber os alunos que voltavam do doutorado pode ser visto no exemplo da professora Edna Barros, que passou cinco anos na Alemanha. Quando voltou, em 1993, foi contratada como professora visitante até 1995, mesmo antes de haver concurso.

Posteriormente, outros professores foram sendo atraídos para o DI: Geber Ramalho é um deles. Depois de fazer mestrado na Universidade de Brasília e doutorado na França (concluído em 1997), veio para o Recife como convidado e ficou, cativado pela atmosfera estimulante do departamento. “Eu passei em primeiro lugar em um concurso da UFRN e não fui, eu abdiquei.” Quase um ano depois de ter vindo ao Recife, Ramalho finalmente fez o concurso para o CIn, passou e está no centro desde então.

Este posicionamento arrojado trouxe cada vez mais relevância ao Departamento de Informática, que passou a ocupar um lugar transformador no Recife. “Foi uma decisão estratégica, consciente, intencional”, aponta o empresário e ex-aluno do CIn Ismar Kaufman; “uma intencionalidade estratégica de primeiro aperfeiçoar o curso, para formar alunos de qualidade muito forte, e depois formar alunos para o mercado do futuro – para serem eles os agentes de transformação”. Muitos dos melhores estudantes da graduação preferiram seguir na vida acadêmica a entrar no mercado, e pessoas de fora do Recife também passaram a vir, como conta Kaufman:

Começou-se a formar uma geração de gente no mestrado, fazendo pesquisa de qualidade, de relevância mundial e, depois, rapidamente, essas pessoas foram incentivadas a fazer doutorado nas melhores universidades do mundo, principalmente as europeias: Alemanha, Reino Unido, França; [e também] Canadá, Estados Unidos. Foi um esforço muito grande dos líderes do CIn, cada um com contribuições únicas, sem dúvida, mas que se somaram

para criar essa geração de pessoas muito interessadas em uma carreira acadêmica.

Os estudantes tinham, de fato, uma participação ativa dentro da universidade. A professora Teresa Ludermir comenta que já era integrante do Diretório Acadêmico durante a graduação e, depois, durante o mestrado, fez parte da representação estudantil do colegiado. Quando foi fazer seu doutorado na Inglaterra, ela sabia que iria voltar, mesmo com as oportunidades que Londres oferecia:

Para mim, estava muito claro que a minha missão era voltar para fazer o que eu tenho feito nos últimos quase 30 anos. Certamente, se eu quisesse ter me estabelecido lá, eu me estabeleceria. Faltava um ano para eu conseguir meu passaporte inglês, eu já tinha visto de trabalho. Mas eu tinha uma preocupação realmente muito grande de, primeiro, ressarcir quem me educou e, segundo, eu queria voltar para cá.

Mesmo longe, a ligação com o departamento nunca se perdeu:

Quando iam à Europa, Paulo, Silvio e Clylton [Galamba] passavam nas nossas casas. Acho que Silvio ficou hospedado lá em casa umas duas vezes. Quando Paulo foi à Europa, acho que fazer alguma coisa na França, foi também para saber se estava todo mundo lá e se todo mundo iria voltar: o professor Ruy, Jaelson, eu... Um dia, tenho que perguntar se eles fizeram de propósito, porque a gente saía daqui sabendo que ia voltar. E tanto é que eu estava lá, não existia internet no Brasil, não existia nada disso e Clylton me ligou, disse que ia ter concurso e que estava mandando por correio a documentação para eu ver e me inscrever. E tudo na maior correria porque, daqui que a documentação chegasse e voltasse, eu tive que fazer tudo em cima da hora! Essa responsabilidade que eu sentia, de ter que

voltar, foi um pouco também o espelho dessas pessoas que eu vi tão comprometidas aqui.

Essa visão apaixonada, de querer estar dentro da universidade liderando as transformações, é uma das qualidades que o CIn pretende transmitir às gerações futuras.

Na opinião de Fernando Fonseca, o investimento na qualificação foi uma das coisas que mais contribuíram para o avanço do departamento, ao lado da postura e da disposição de quem o integrava:

As pessoas estavam completamente voltadas ao bem comum, ao avanço do departamento. Havia uma dedicação, quase que uma atuação romântica, porque nós não tínhamos os meios, mas fomos atrás deles. Era uma luta, uma dificuldade grande: não havia internet, toda a correspondência era remetida por correio convencional. Quando alguém ia se candidatar a uma vaga numa instituição lá fora, era preciso reunir todos os documentos, enviar tudo pelo correio e ficar aguardando resposta. Não tinha outra forma. Era uma loucura, mas a gente foi lutando e conseguindo os meios. Claro que, no começo, você não tem aquela credibilidade que hoje a gente tem, era preciso convencer.

Algum tempo depois, o processo pontuado por esses valores culminou na transformação do departamento em Centro de Informática.

Diante dos três principais marcos elencados para pontuar a história da Informática da UFPE – ter o próprio espaço, a própria identidade e qualificar as pessoas –, o professor Fernando Fonseca relata um

sonho simbólico ocorrido na época da mudança para as novas instalações do Centro de Ciências Exatas e da Natureza (CCEN), quando da construção da extensão do bloco que abrigava o CCEN:

Logo que a gente mudou pra cá, quando o nosso chão ainda estava sem revestimento, a professora Marina, que estava lá nos Estados Unidos, me mandou uma comunicação dizendo que sonhou que entrava aqui no nosso novo prédio e que ele era todo em piso de mármore. Foi um sonho muito significativo. Claro que não havia piso de mármore, mas o sonho ilustrou a mudança pela qual estávamos passando. Foi como a visão de uma mudança, de um crescimento fantástico, e talvez o piso de mármore simbolizasse isso. Isso me deixou surpreso: como ela sonha uma coisa dessas?

“Foi uma mudança feita na raça mesmo, tivemos que fazer. E não foi logo de imediato não, foi demorado. Ainda passamos um bom tempo, vários meses, com o chão de cimento puro, esperando ter verba para concluir”, emenda.

O professor Augusto Sampaio, recordando de sua época de estudante, entre 1982 e 1985, lembra de como o crescimento do Departamento de Informática trouxe um clima de entusiasmo e reforçou sua convicção quanto à própria vocação:

Nessa época, vários professores que tinham ido fazer doutorado fora do País estavam retornando à UFPE. O professor Paulo Cunha já estava aqui e eu comecei a me interessar por fazer mestrado. Então, fiquei com um certo dilema entre fazer mestrado e trabalhar. Na época, havia muitas oportunidades profissionais interessantes, tinha como sair de Pernambuco e ir para São Paulo, para atuar em empresas ligadas à Petrobras, por exemplo. E eu, dividido,

cheguei a trabalhar por três anos como programador, mas, com a chegada de Silvio Meira e de outros professores, e com a dinâmica que eles estavam dando ao então Departamento de Informática, decidi fazer carreira acadêmica. Eu vi que ali era o lugar em que eu realmente tinha vontade de ficar e trabalhar a longo prazo.

Com o investimento em professores visionários – Clylton Galamba, Paulo Cunha e Silvio Meira – e a capacitação dos demais professores, o currículo da graduação foi reformulado e tornou-se mais complexo, com um grande número de disciplinas de Física e de Cálculo. Era a sinalização do amadurecimento do Departamento de Informática, não mais visto como uma simples dissidência da Estatística, da Matemática. A reforma da grade curricular tornou o curso mais complexo, mas também apresentou aos estudantes o lado mais prático da Computação. O curso passou de quatro para cinco anos e, com matérias de Economia e Administração, formava os alunos para serem gerentes de Centro de Processamento de Dados em grandes empresas, como relembra Clylton:

Antes, os alunos acabavam sendo mão de obra barata para muitos centros de processamento e abandonavam o curso, que tinha uma conotação quase de tecnólogo, embora tivesse quatro anos. Então, Silvio (Meira) e eu – a gente dividia uma sala no DI – bolamos um currículo de graduação, todas as disciplinas, com ementa, com bibliografia, com tudo. Nós demos um caráter de cinco anos ao curso, com perfil mais de Engenharia mesmo.

É importante ressaltar que, em meados da década de 1980, Computação ainda era um ramo pouquíssimo desenvolvido no Brasil. “Era coisa dos americanos”, pontua

Ismar Kaufman. “Escolher Ciência da Computação no vestibular era uma coisa menor do que escolher Engenharia. Era uma aposta, muita gente escolhia Computação porque era mais fácil de passar na prova!”

A professora Teresa Ludermir, graduada da terceira turma de Computação da UFPE, concorda que muitos alunos viam o curso de Computação como um plano alternativo, mas diz que essa sempre foi sua primeira opção, mesmo com sua família não aprovando plenamente a escolha:

Eu queria vir pra cá mesmo, queria fazer Computação, embora não soubesse exatamente o que um profissional da área fazia, mas era um desafio saber que havia uma máquina capaz de fazer automaticamente uma folha de pagamento – porque era isso que a gente fazia naquela época. Por isso, decidi que eu queria esse desafio, queria fazer uma coisa diferente.

A mudança do curso mudou o perfil dos alunos, que não entravam já pensando em conseguir um emprego no segundo período, mas, sim, em ficar até o final e se formar, o que também mudou a visão das pessoas no mercado, que passaram a entender Computação como uma formação sólida, de Engenharia, gerando um círculo virtuoso: quanto mais o curso era valorizado no mercado, mais interessante era para os alunos conquistarem seus diplomas.

Diferente de alguns de seus colegas, Ismar Kaufman optou por logo ingressar no mercado de trabalho e compartilhar sua experiência:

Havia muito emprego na época, as empresas estavam precisando de profissionais formados na UFPE, mas a maioria das posições era para trabalhar com Tecnologia da Informação

(T.I.) como atividade meio – no banco Bandepe, no supermercado Bompreço, no Grupo João Santos –, você ia trabalhar nos centros de processamento de dados das empresas que consumiam Informática. Algumas pessoas da área de Engenharia iam trabalhar na IBM ou na Burroughs, porém era uma coisa muito menor e muito menos relevante. Mas eu trabalhei em uma empresa de consultoria, a Kitner & Steinberg Consultores Associados (K&S), que foi muito inovadora, e então percebi a importância do movimento do mercado nos resultados socioeconômicos posteriores à existência do Centro de Informática: na hora em que o CIn começa a se fortalecer, também começa uma disponibilidade de pessoas mais qualificadas, capazes de produzir T.I. e não somente de consumir T.I. Quando eu me formei, muitas empresas de automação comercial apenas implantavam T.I. produzida em outros lugares: ou no exterior, ou em São Paulo, geralmente no exterior. Mas em empresas como a K&S, que surgem entre o final dos anos 1980 e o início dos anos 1990, a gente começa a ter produção de produtos de T.I. em Pernambuco. Portanto, há essa virada de perfil das empresas, ao mesmo tempo em que o CIn vai se fortalecendo de uma maneira muito radical, com a chegada das pessoas que foram para o exterior fazer doutorado e chegaram com aquele gás, aquela força e aquela vontade de fazer acontecer.

Kaufman conclui dizendo que, dois anos depois de formado e já no mercado de trabalho, acabou pedindo demissão e entrando no mestrado, contagiado pela atmosfera estimulante do DI

A professora Teresa Ludermir recorda que, em sua época de estudante da graduação, havia muitas mulheres no curso, mas nem tantas trilhando a carreira científica, justamente porque o mercado era muito promissor. Antes da reformulação do currículo, a graduação tinha uma parte inicial que

ensinava programação, e depois seguia com disciplinas mais teóricas. Sobre esse período, ela acrescenta:

Quando a gente terminava o primeiro ano de curso, ia fazer um curso na IBM, aqui mesmo, ali na Avenida Agamenon Magalhães, e quando acabava aquele curso, já tinha um emprego, um bom emprego. Emprego no Banorte, no Bandede, nos grandes bancos.

Portanto, as mulheres acabavam indo para o mercado de trabalho, com muitas sustentando a família inteira com o salário que ganhavam, ao contrário dela, que investia na academia:

Eu fiz uma graduação em que não ganhava nada, enquanto minhas amigas de sala todas estavam empregadas, com excelentes empregos. Muitas abandonaram o curso, o que não aconteceu comigo. Acho que eu era a única mulher da minha turma de mestrado.

Nos anos 1980, assim que aprendiam o básico de Informática, muitos alunos de graduação deixavam a universidade para trabalhar. A evasão era tanta, que, do total quem entrava via vestibular, menos de 30% se formavam. Os empregos eram bons, mas bastante demandantes. Os alunos raramente conseguiam conciliar os estudos. A estratégia para diminuir a evasão foi criar um programa de bolsas aos alunos. Assim, eles podiam ser remunerados para trabalhar em projetos da universidade e continuar estudando. O professor aposentado Merval Jurema foi um dos responsáveis por essa “virada” no jogo. A alta empregabilidade dos recém-formados também era notável: Ismar Kaufman conta que se formou na graduação em janeiro de 1988 e, em março do mesmo ano, já estava empregado.

Em 1984, o DI, a cada dia mais robusto, carecia de uma melhor estruturação administrativo-financeira. Foi então criado um setor responsável pela área, sob o comando da experiente servidora Ivanilda Mendes da Silva, economista relocada da Pró-Reitoria de Planejamento da UFPE. “Sem Ivanilda, a gente não teria ido muito longe. Ela era uma pessoa que gostava de trabalhar, eu brincava que tinha sido uma aquisição invejada pelos outros departamentos. Ela foi nosso braço direito”, reconhece Clylton Galamba. Com a estruturação para administrar os recursos, os pesquisadores que tinham projetos contavam agora com alguém que lhes dava todo suporte contábil, o que os tranquilizava diante da responsabilidade de ter que prestar contas. Assim defende Clylton:

Isso foi fundamental porque o dinheiro é de todo mundo, e passamos a ver qual era o aporte de recursos que estávamos trazendo, e todo mundo trazia um projeto daqui, um projeto dali, então as pessoas se comprometiam a usar uma parte da verba para fins específicos dentro do CIn.

“A confiança nos pares sempre foi um pedestal do CIn, juntamente com a honestidade dos líderes”, comenta Julio Glasner, técnico do centro. A organização financeira do departamento foi uma mudança que puxou outras e, ainda em 1984, a equipe administrativo-financeira ampliou-se para atender à nova realidade.

Na metade dos anos 1980, o tamanho da estrutura física do Departamento de Informática já não era proporcional à demanda de uso de suas instalações. Crescer era preciso e os ventos do contexto político do Brasil à época sopravam a favor da UFPE. O senador pernambucano Marco Maciel

acabara de assumir o Ministério da Educação e Cultura, tendo o professor Everardo Maciel como secretário geral. O fato de o titular do MEC ser um conterrâneo foi um ponto de vantagem na aproximação entre o governo federal e os interesses de Pernambuco de forma geral, e do DI em particular, à luz de uma nova fase em que o desenvolvimento no campo técnico-científico na Informática, no Brasil, iria ser potencializado. Autointitulado “senador da Informática”, Marco Maciel sempre foi um grande apoiador dos projetos de Computação. Clylton Galamba conta:

Quando Maciel vinha ao Recife, íamos ao aeroporto conversar com ele e conseguíamos verba. A gente aprendeu que muitos desses políticos sérios querem bons projetos, para que façam alguma coisa útil. Ele nunca pediu para votarmos nele, nada, nunca houve compromisso político nenhum, ele simplesmente viu que a gente tinha uma proposta de entusiasmo mesmo, e nós conseguimos verbas para montar algumas coisas.

Na época, as turmas do DI já eram bem numerosas. Carlos Ferraz recorda:

As pessoas estavam realmente começando a enxergar a Computação. Enquanto antes as turmas eram pequenas, umas 20 pessoas, a minha turma tinha 50 alunos. Inclusive, poucos desistiram, quase 40 se formaram. Era uma turma muito boa.

A ampliação da infraestrutura do DI era prioridade para o corpo docente, alunos, funcionários e demais usuários do prédio. Numa articulação com o recém-nomeado ministro da Educação, o então reitor da UFPE, George Browne do Rêgo, conseguiu a liberação de recursos do MEC para a

reforma, mediante o compromisso de transformar o DI em um centro de excelência para poder receber os recursos de um programa que incentivava tais iniciativas.

Àquela altura, o DI já tinha um grupo de pesquisa reconhecido na área de Redes de Computadores e conseguiu comprar novas máquinas com os recursos que recebeu pelo projeto. A ideia, então, foi dar ao departamento o status de Centro de Excelência em Redes de Computadores e Sistemas Distribuídos. Assim foi feito e, já em março de 1986, o recurso estava disponível para a tão desejada construção do novo prédio, só dependendo da aprovação da Pró-Reitoria de Planejamento da UFPE.

Em abril de 1986, a Sociedade Brasileira de Computação (SBC) viria realizar mais um evento na UFPE, o IV Simpósio Brasileiro de Redes de Computadores e Sistemas Distribuídos (SBRC). O simpósio tinha o perfil daqueles já promovidos pela instituição: eventos especializados com viés técnico-científico, abrangendo todas as áreas de interesse da comunidade no universo da Computação, a exemplo de Banco de Dados, Informática na Educação, Inteligência Artificial, entre outros. Os dois eventos promovidos pela SBC foram experiências exitosas que ajudaram a consolidar, dali em diante, o Departamento de Informática como um ambiente de dedicação e excelência em tudo o que se propunha a fazer.

No mesmo ano de 1986, em julho, Pernambuco foi o estado escolhido pela SBC para sediar a sétima edição do congresso da entidade, com a apresentação de novidades e as últimas descobertas em Computação. O local escolhido para abrigar o evento foi o Departamento de Informática. Sob a coordenação local do professor Paulo Cunha, o

congresso contou com a atuação dos professores Clylton Galamba, Eduardo Valle e Ivan Pedro, na parte logística, e com o auxílio dos alunos de mestrado do DI. O evento registrou um número recorde de inscritos para época – 1.200 pessoas – e foi muito bem-avaliado.

Uma característica que acompanhou a trajetória do DI, desde os tempos do DEI, foi o crescimento contínuo e a permanente necessidade de ampliação de sua estrutura física. Em 1987, foi iniciada a elaboração do projeto de construção do módulo II: um prédio de 1.200 m² com mais duas salas de aula, 14 gabinetes de professores, laboratórios de pesquisa, de ensino, de graduação e de circuitos digitais. O prédio também contaria com espaços para copa, banheiros, administração e uma ampla área de circulação. Em dezembro deste mesmo ano, o professor Clylton Galamba foi eleito para assumir a chefia do DI, e resume um pouco da sua visão à época:

Quando eu era chefe do departamento, nunca me preocupei com ter uma vaga [de estacionamento] exclusiva para diretor, essas coisas, porque se você fizer isso, não vai saber dos problemas do estacionamento. Tem que usar o mesmo banheiro de todo mundo, e não ter um banheiro no seu gabinete. Esse tipo de privilégio trabalha contra você. Não é questão de ser bonzinho e democrático, vai muito além disso.

Uma iniciativa muito importante – não somente para o CIn, mas para a história dos cursos universitários de Informática no Brasil – foi o Programa Temático Multi-institucional em Ciência da Computação (ProTeM-CC), liderado por Silvio Meira entre 1988 e 1993. Na época, era difícil conseguir boas máquinas para os departamentos,

por causa da reserva de mercado de grandes empresas que restringiam o número de computadores que as universidades poderiam ter. Por causa disso, havia poucos. Ademais, eles também não eram conectados em rede, já que a internet, à época, ainda estava engatinhando no Brasil. Com o ProTeM, várias universidades receberam computadores e melhoraram sua infraestrutura. Além da aquisição de máquinas, o programa proporcionou bolsas, viagens e viabilizou intercâmbios.

Outro momento marcante na trajetória do Departamento de Informática foi a primeira vez em que o curso de Ciência da Computação, até então o único curso de graduação do DI, recebeu a classificação de cinco estrelas concedida pela Editora Abril, o que, segundo o professor Fernando Fonseca, não acontecia no Nordeste. “Já recebemos essa classificação outras vezes, mas, na primeira vez, foi um rebuliço com a imprensa”, lembra o professor Fernando Fonseca. “Nessa ocasião, a professora Ana Carolina Salgado era coordenadora do curso e eu era o vice-coordenador, e era assim: Carolina dando uma entrevista para o SBT e eu para a Globo. Depois trocávamos.”

A repercussão gerada por isso estimulou um grande movimento e colocou o Departamento de Informática na pauta dos veículos de imprensa local e nacional de forma definitiva. Fernando afirma que

isso foi uma coisa fantástica porque jogou muito pra imprensa, houve várias entrevistas e aí a sociedade descobriu que a gente existia. Daí pra frente, foram aparecendo várias outras possibilidades de mostrar nossos serviços. As emissoras vinham por aqui, filmavam, entrevistavam, mostravam alguns dos nossos trabalhos de pesquisa.

Em 1990, o Departamento de Informática começou a preparar o projeto do próprio doutorado, que começou a funcionar efetivamente em 1992. Segundo Paulo Cunha, havia uma capacidade de pesquisa no mestrado e no doutorado. Então, não era mais necessário ir para o exterior para fazer pós-graduação. “Com isso, a gente começou a ter um departamento forte em pesquisa, e isso foi um marco.”

Nessa mesma época, a internet começava a dar os primeiros passos no Brasil, como lembra o professor Hermano Perrelli:

Eu lembro que Silvio (Meira) tinha um *modem* discado na sala dele e era uma coisa extraordinária poder mandar mensagem para um possível orientador, quando estávamos na fase de busca, para saber aonde a gente ia fazer o doutorado. Não era uma internet comercial como a gente conhece hoje, era tudo mais limitado. Esse *modem* era ligado à rede da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), para se conectar ao que seria essa rede ainda sem nome, depois conhecida por internet.

De acordo com o professor José Augusto Suruagy, a Fapesp fazia parte da rede HEPnet (rede de instituições de física de altas energias) e era a porta de entrada para a conexão com outras redes que, juntas, passaram a formar a internet.

Ismar Kaufman recorda-se da atmosfera do departamento e do que compõe o caldo de cultura que estimula os pesquisadores: o acesso às máquinas, a conversa com os professores, a liberdade de ação, o fato de estar inserido em um ambiente inovador e visionário. Quando estava no mestrado, Kaufman era assistente

de Silvio Meira e deu as aulas de Programação, como professor substituto, em 1994 e 1995. Depois, assumiu as aulas de Sistema de Informação. Ele conta:

Foi quando demos uma reviravolta muito grande nessa disciplina, com orientação de Silvio. Como eu tinha vindo do mercado antes do mestrado, eu tinha uma visão muito clara. Nós transformamos Sistema de Informação em Administração de Sistema de Informação e, a partir daí, são sete turmas que passam a estudar não os sistemas de informação, mas a administração deles, temas que, naquela época, eram desafios muito grandes, como segurança em sistemas de informação, planejamento estratégico do sistema de informação, gestão de departamento de informática, organização dos departamentos de informática. Passamos a trazer artigos dessa área que, no exterior, não eram dos departamentos de *Informatics*, eram dos departamentos de *Information Systems*, que eram mais do ramo da Administração de Empresas do que do ramo da Tecnologia da Informação. Trazíamos palestrantes, economistas, administradores, planejadores, estrategistas para dar aula para os alunos e era bem transformador. Depois que eu saí, uma outra coisa que foi muito transformadora foi a chegada de professores que passaram não a enfatizar tanto essa área de Administração, mas de Gerência de Projetos, que também é uma área mais *soft* do negócio, menos tecnológica, e que passa a fazer parte da formação dos alunos, resultando em dissertações de mestrado nessa área.

Fabio Silva chegou ao DI em 1993, como professor convidado por Silvio Meira, após concluir doutorado na Escócia e graduação na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Mesmo antes de prestar concurso e ser efetivado no quadro do CIn, ele começou a se envolver nos

projetos de interação do centro com a sociedade, gestando o que viria a ser o CESAR. Sobre a época, Fabio diz:

O CIn mudou e cresceu muito, desde os anos 1990 até hoje. Quando eu cheguei aqui, tínhamos um departamento muito pequeno e unido do ponto de vista de que todo mundo se conhecia e estava quase sempre junto. Havia poucos alunos de pós-graduação, apesar de já ser um departamento de certa projeção nacional, mas ainda pequeno. O que foi interessante porque permitiu que a gente tivesse muita coisa para fazer. Uma das razões pelas quais eu vim de São Paulo para cá e me estabeleci, sem seguir a trajetória que seria natural de voltar para a Unicamp, é que lá as coisas eram muito estabelecidas, muito mais rígidas, mais distantes e menos flexíveis; e aqui a gente tinha mais autonomia para criar coisas novas e diferentes, estando mais próximos de onde as coisas aconteciam.

Edna Barros, ao voltar do doutorado, reconheceu a atmosfera de autonomia mencionada por Fabio Silva e o compromisso de todos com o crescimento do DI, que vinha desde quando ela fazia mestrado, em 1985, antes de ir para a Alemanha: uma sensação de entusiasmo e pertencimento, um ambiente estimulante e agregador. Além disso, admirou-se com a infraestrutura do departamento: “Tudo que eu tinha na Alemanha, tinha aqui também; foi uma surpresa muito boa”.

Em meados de 1996, a UFPE foi novamente sede do congresso da Sociedade Brasileira de Computação, e o professor Hermano Perrelli, recém-chegado ao quadro do DI, recebeu a incumbência de coordenar a organização do evento, como lembra:

O congresso era imenso, com 10 eventos paralelos e quase cinco mil participantes. Eu me envolvi em várias frentes, desde a logística à divulgação, passando pela montagem do restaurante e pela gestão financeira. Foi um evento muito integrador, que teve muito sucesso. Todo mundo ficou muito satisfeito com o resultado.

“Foi uma ‘virada de chave’ para o centro”, comenta Julio Glasner. “Tínhamos três projetores, compramos um poderoso da Epson, que era o preço de um Fusca. Depois, a gente usou esse mesmo projetor para ver o jogo do Brasil na Copa”, ri Glasner. “O congresso estava muito afinado com a vocação agregadora do centro; no final, todo mundo recebeu certificado, ficamos muito orgulhosos.”

No segundo semestre do mesmo ano de 1996, o professor Hermano Perrelli se envolveu em outra iniciativa marcante, voltada ao desenvolvimento do empreendedorismo. Na época, existia um programa nacional de empreendedorismo, o Soft Start, coordenado pelo professor Fernando Dollabella, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com financiamento do CNPq. Esse programa formava multiplicadores com o objetivo de oferecer disciplinas de empreendedorismo nos cursos de graduação em Computação, em todo o País. “Eu fui fazer esse curso de multiplicador lá na UFMG. A gente pegava todo material e metodologia que ele tinha e trazia para implantar aqui”, explica. As disciplinas de empreendedorismo que o Soft Start propunha precisavam de uma infraestrutura de laboratório, para que os alunos pudessem desenvolver seus produtos.

No segundo semestre de 1997, a disciplina batizada de Empreendimentos em Informática entrou oficialmente na

grade curricular do curso de Ciência da Computação. “Esse foi outro projeto pelo qual eu comecei a criar gosto, me envolvi muito com aquilo que o professor Dollabella chamava de ‘inocular o vírus empreendedor nos nossos alunos de graduação’. Isso foi um marco”, diz Perrelli.

A onda do empreendedorismo deu origem a uma estrutura de pré-incubação de empresas que surgiu dentro do Centro de Informática e foi batizada de Recife Beat. As atividades tiveram início entre o final de 1996 e o início de 1997, e tinham como referência nacional o Projeto Gênesis.

Carlos Ferraz foi o responsável por implementar a pré-incubadora, “convocado” por Fabio Silva para a tarefa: “Recém-doutor não diz não a nada, né?”, brinca. “Silva me disse que coordenava o Projeto Gênesis e me ofereceu essa oportunidade. Obviamente que ele também me deu todo o apoio, falou com um monte de gente para me ajudar. Silvio criou o nome, ele sempre foi o grande criador de nomes.” E assim surgia o Recife Beat, com a palavra *beat* sendo o acrônimo para “Base para Empreendimentos de Alta Tecnologia”, nome também super afinado com o movimento Manguebeat, efervescente naquela época, na cidade; inclusive, a marca do Recife Beat era um tambor de maracatu. Sorrindo, conta Ferraz:

Eu gostei daquilo, era uma coisa que eu nunca imaginei que faria na vida. Era até um pouco ingênuo, eu inventei um mural no DI para colocar plaquinhas das primeiras empresas que atingissem um milhão de reais de faturamento. Mas não conseguimos; nenhuma empresa, enquanto eu estava no Recife Beat, conseguiu chegar a um milhão de reais de faturamento. Mas a gente conseguiu criar várias empresas.

Desde o início, a intenção do Recife Beat era ser diferente de uma incubadora tradicional, daí a ideia de ser uma pré-incubadora e criar um caminho para que as empresas pudessem ter sucesso. A proposta começava com a educação em empreendedorismo dos alunos. Ao integrar o Recife Beat, eles desenvolviam seus produtos e, de lá, iam direto para a Incubatep (a incubadora do Instituto de Tecnologia de Pernambuco – Itep), sem precisar participar do processo seletivo para o ingresso.

“Com o CESAR, tínhamos uma pós-incubadora, que não sei se chamamos assim, mas o percurso dos alunos então era sair do Recife Beat, ir para a Incubatep e, da Incubatep, para o CESAR. E, enfim, do CESAR, para o mercado”, conta Carlos Ferraz. O Recife Beat surgiu na mesma época em que o CESAR foi fundado e em que a Empresa Júnior (CiTi) começava a tomar forma, uma época em que a vocação para empreender fervilhava. Todas essas iniciativas integravam um “caldo” muito interessante, que permeava os corredores do CIn, como registra Perrelli:

Basicamente, a disciplina de Empreendimentos em Informática consistia em planejar um negócio novo – uma *startup* – e entregar um plano de negócio. Muita empresa que existe hoje surgiu em meio a conversas na sala de aula e continuam aí, tendo êxito e com seus fundadores decidindo a vida a partir desse negócio. Nessa época, a gente abria os suplementos de Informática dos jornais locais e estavam lá notícias da disciplina.

Ao final de cada semestre, o professor Hermano Perrelli organizava um concurso no auditório do CCEN, com capacidade para

200 pessoas, a fim de julgar os melhores planos de negócios de *startups* surgidas no âmbito da disciplina de Empreendimentos em Informática. Vinte professores externos eram convidados para compor a banca julgadora dos projetos. “Os meninos iam lá, de terno e gravata, faziam uma festa”, lembra Perrelli. O projeto que ficava em primeiro lugar ganhava um pacote de bolsa de incubação por um ano no Recife Beat. A bolsa era paga pelo CNPq, com assessoria e espaço físico garantidos. Havia um laboratório exclusivo para o Recife Beat.

De acordo com Perrelli, outro marco no quesito empreendedorismo diz respeito a um grande projeto de consultoria, que envolveu diversos professores de Engenharia de *Software* do então Departamento de Informática. O Projeto P2K, iniciado em 1999, foi ousado e inovador, e representou um exemplo vivo da interação entre a universidade e a iniciativa privada, viabilizado a partir de uma articulação feita pelo CESAR.

O P2K teve o objetivo de promover a migração de um sistema de frente de loja de uma empresa chamada CSI – uma desenvolvedora de *softwares* que atuava junto ao setor de comércio varejista e supermercadista – para uma tecnologia orientada a objetos com Java. A estrutura de trabalho funcionava na Avenida Dantas Barreto, centro do Recife. “A gente formou equipes, contratou alunos, passamos uns quatro a cinco anos de projeto, com sete professores envolvidos e em interlocução direta com a IBM, que era parceira da CSI”, afirma Perrelli. “Isso trouxe uma experiência e uma maturidade muito ricas para todos os que estavam envolvidos nele.”

| Liderança transformadora

De janeiro a parte de março de 1978, a UFPE ofereceu o curso Verão em Informática. Um dos inscritos foi o professor Silvio Meira, um apaixonado confesso pela Informática que, inclusive, ingressou como professor colaborador na graduação de Informática enquanto continuou fazendo mestrado na mesma área, no então Departamento de Estatística e Informática (DEI), que, na época, funcionava no penúltimo e último andares do atual Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH) da UFPE.

Durante o mestrado, Silvio Meira foi orientado pelo professor Clylton Galamba, do Departamento de Eletrônica e Sistemas. Hoje aposentado, Clylton foi, durante muito tempo, também professor da Informática. Ele participara da criação do Departamento de Eletrônica, que surgiu da Elétrica; do Departamento de Informática, que surgiu de Estatística e Informática; e do Departamento de Design, que era dentro de Teoria da Arte. Portanto, ele reconhecia a importância de ter identidade para ter representatividade, o que seria essencial para a decisão da criação do CIn.

Na Informática, Clylton montou o primeiro grupo de Redes Neurais do Brasil e, na universidade, lecionou mais de 55 disciplinas, muitas das quais ele mesmo criou. Durante o mestrado, Clylton levou Silvio para trabalhar com ele porque, na ocasião, o reitor da UFPE precisava de um diretor para o Centro de Computação da Universidade, o antigo Núcleo de Processamento de Dados (NPD). Dentro do NPD, um dos projetos desenvolvidos foi uma parceria com a Embratel, que envolvia tanto montagem de *hardware* quanto processamento de *software*. “Assim como o pessoal fazia no Sul, a gente começou a fazer no Centro de Computação”, diz Galamba.

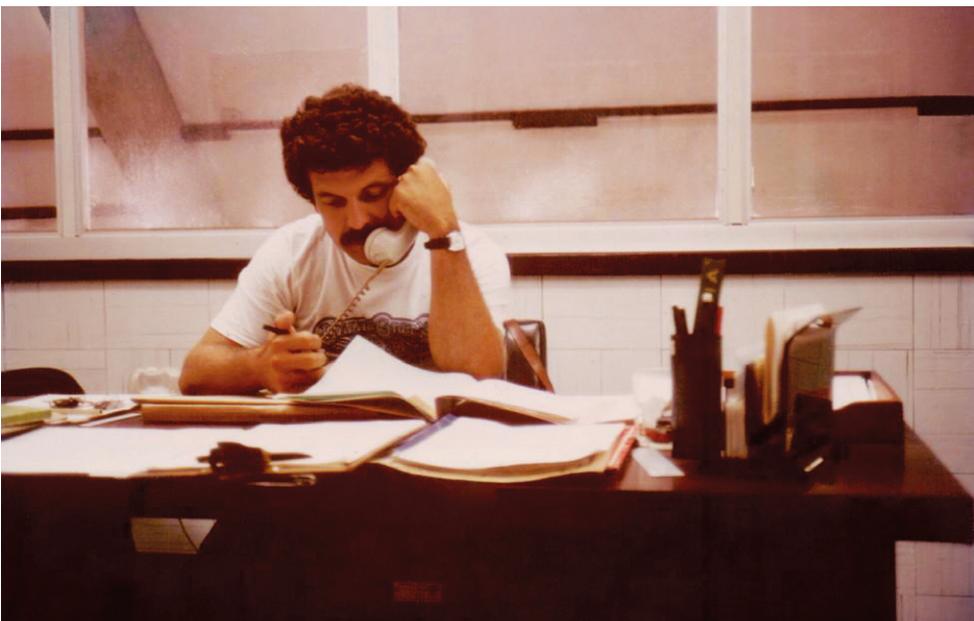


Figura 9 Professor Clylton Galamba como diretor do NPD

Sobre o NPD, lembra Silvio Meira:

Quando entramos no Núcleo de Processamento de Dados da UFPE, em 1979, fui eu que fiz um parecer como engenheiro eletrônico, mostrando pra Clylton que, se a gente não tomasse providências imediatas sobre a infraestrutura elétrica e de ar-condicionado do núcleo, poderíamos ter um incêndio de proporções catastróficas e perder os equipamentos computacionais que estavam lá dentro. Foi então que desligamos o computador da universidade durante meses e entregamos o parecer ao pró-reitor, dizendo: 'Tá aqui o parecer de dois engenheiros, professores da universidade. Se o senhor quiser mandar ligar de novo, a gente liga, mas aí o senhor assume o risco'. Então, a universidade rodou o *software* dela todinho, durante meses, em Fortaleza e Salvador, que tinham computadores iguais, enquanto a gente montou uma estrutura de eletricidade e de ar-condicionado que durou 30 anos no NPD. A gente fez tudo em 1979 e ela só foi trocada em 2010. Não foi brincadeira esse trabalho.

Diz Clylton Galamba que a passagem pelo NPD foi muito importante porque

me aproximou de Silvio, a gente gostou de trabalhar junto, éramos de botar a mão na massa. Silvio era tão inquieto quanto eu, a gente deu certo e nós fomos muito agressivos. É melhor pagar o preço por ter resolvido do que por não ter resolvido, e isso é um lema. Lá no NPD já começou a política de que a comunidade acadêmica é prioridade.

A parceria da dupla rendeu muitos frutos no Centro de Computação e logo viraria um trio: "Um dia, Paulo (Cunha) passou por aqui e começamos a conversar. Eu e Silvio começamos a contar para Paulo as nossas traquinagens

por aí, porque a gente pintou e bordou, né?”, ri Clylton, e continua:

Tínhamos essa ideia de montar um grande centro, sonhamos alto mesmo. Eu me apaixonei por essa ideia e, como não tinha muito o que fazer na vida, na época, resolvi tocar esse projeto, já que eu estava lá. E acho que era justamente isso que Paulo buscava, então foi muito natural essa junção, embora sejamos bem diferentes os três.

O trio é sempre lembrado como uma força visionária que liderou o movimento responsável por transformar o Recife em um dos principais polos de tecnologia do mundo. Nas palavras de Clylton Galamba:

Paulo teve um papel muito importante porque ele é um cara mais institucional e estabeleceu uma política sistemática para que as avaliações da Capes fossem positivas, o que é um processo indigesto para mim. Acho que tanto eu quanto Silvio somos mais erráticos e Paulo é um cara mais consistente, eu lembro que ele deu esse equilíbrio que a gente não tinha. Silvio era o cara mais afeito ao computador, a conseguir equipamentos. Ele era o cara mais da máquina, focado. Eu era o que cumprimentava todo mundo, era um paizão, evitava conflitos e também fiz essa estrutura básica de montar as coisas, cavar buraco, fazer instalação elétrica. Eu entrei com um papel de infraestrutura, porque cresci numa fábrica, e eu funciono no caos, não me sinto enervado; pode estar tudo desarrumado e eu funciono, porque, quando eu era garoto, a fábrica do meu pai pegou fogo e a gente a montou todinha de novo. Eu não me queixo com a precariedade e isso é um fato importante, porque tem cara que chega com doutorado em um departamento e, se não tem muita condição, não está bem-organizado, ele vai embora. Então,



Figura 10 Clylton Galamba, Silvio Meira e Paulo Cunha no Carnaval de Olinda

uma política que eu estabeleci também, como o mais velho deles, foi desincentivar todos nós a aceitarmos cargos fora do departamento e consegui realmente que a gente ficasse praticamente os 10 anos iniciais sem se dispersar.

Julio Glasner aponta que um dos maiores diferenciais do centro é justamente reconhecer a simplicidade de começos importantes e ter humildade para enfrentar os momentos iniciais – difíceis e sem muita infraestrutura – dos grandes projetos:

Muitas vezes, há situações em que as pessoas, talvez por excesso de conhecimento, já querem chegar ao estado da arte de uma hora para outra. Isso, no setor público, dentro da

universidade, acaba sendo ruim, porque cria um empecilho, uma condição inalcançável que você fica buscando por anos e anos, gerando uma frustração naquele que está fazendo. Mas nós sempre fomos um degrau por vez, sabendo minimamente quais eram os objetivos e seguindo em frente.

Juntos, os professores Clylton Galamba, Silvio Meira e um time que eles formaram receberam, em 1979, o primeiro computador de grande porte da UFPE, o DEC10: um mega computador, o maior do Nordeste, com 1 *megabyte* de memória. “Enfim, a gente tinha um computador com terminais compartilhados em tempo real. Era fantástico, eu morava lá dentro praticamente”, lembra Silvio Meira. “Às vezes, chegava lá 7h da manhã e saía 1h da manhã do outro dia. No fim, eu passei mais tempo gerenciando esse problema do que fazendo a minha dissertação de mestrado.”

“Tudo começou com esse computador”, lembra Clylton:

Criou-se muita expectativa da comunidade, porque esse computador era moderno, tinha terminais. E a gente criou uma comissão de usuários para poder lutar pelos interesses da comunidade, porque terminava que o pessoal de dentro do núcleo, que eram apenas técnicos, não tinha a visão acadêmica. Eu fui muito atuante nessa comissão e acho que chamou a atenção do professor Sérgio Rezende, de Física, que era um cara muito influente. Houve uma mudança de reitorado, do professor Geraldo Lafayette, e ele me indicou como diretor. Eu recusei, no começo; era muita responsabilidade; porque, na época, a folha de pagamento da universidade, a contabilidade e o controle acadêmico eram de responsabilidade da Computação, e eu não tinha experiência com isso, mas terminei aceitando e levei Silvio comigo. Silvio ficou como diretor de operação e foi aí que começou tudo.

O professor Silvio Meira retornou à UFPE em 1985, após um doutorado em Kent, na Inglaterra, e, na UFPE, depa-rou-se com uma realidade bem diferente da que estava acostumado no exterior:

Eu estava na internet, tinha *e-mail*, a gente estava conectado no mundo e eu voltei pro Brasil pra um mundo de cartão perfurado. Pra mim, aquilo era inacreditável, era como se eu tivesse voltado pra Idade Média; não é que só não tinha internet; não tinha telefone, não tinha nada.

Essa realidade motivou o estabelecimento de uma grande articulação que envolveu desde a Reitoria, passando pela Pró-Reitoria e pelos professores da Informática, com o objetivo de remodelar o funcionamento da Informática e tentar montar um centro de qualidade internacional. A principal mudança não foi estrutural nem de equipamentos, mas, sim, curricular.

O responsável pela mudança do currículo foi o professor Silvio Meira que, segundo ele próprio, “criou um currículo quase impossível de ser dado pelos professores que estavam na Informática, na época”, uma vez que se dispunha de apenas quatro ou cinco doutores, e a vasta maioria dos professores que tinha mestrado ou estava fazendo mestrado não possuía formação técnica para ministrar as disciplinas recém-inseridas no currículo.

Diante da nova realidade, os professores se viam diante de duas opções: deixar o Departamento de Informática ou partir para fazer um doutorado. E foi isso que muita gente fez: os líderes do departamento se mostraram incansáveis e apoiaram a ida sistemática dos professores para fazer doutorado no exterior como um investimento, para que

eles voltassem e enriquecessem o CIn. “Para mim, foi uma paixão aquela ideia, o prazer de ver os alunos se realizando e produzindo. Foi muito bom”, orgulha-se Clylton Galamba.

Então, ao longo dos 15 anos, entre 1985 e 2000, a quantidade de professores no Centro de Informática passou de algo em torno de 30 profissionais para cerca de 40. Mas o que mais chamou a atenção foi o investimento em qualificação, que transformou uma realidade em que havia mais professores com mestrado em um cenário com um maior percentual de doutores. Isso valeu tanto para os professores que já eram da casa quanto para novos contratados. Fazer isso de forma tão bem-sucedida, em uma década e meia, foi uma troca rápida, uma realização e tanto, que fazia parte de um plano maior que incluiu ainda: elevar o conceito do mestrado para A (em 1988), criar um doutorado, quintuplicar o número de professores com doutorado na graduação, ter impacto verdadeiro regional e nacional. Enfim, ser um centro de excelência e referência.

Lembra Silvio Meira:

A gente achou que tinha que mudar dramaticamente o que as pessoas tinham que aprender porque estava todo mundo aprendendo, éramos a primeira geração da Informática. A Informática dos computadores que você fazia programa e deixava lá pra rodar... Aí, a gente montou o laboratório de micro, conectou os micros em rede, a gente passou a ter outra visão de mundo, o que é que ia ser a Informática do futuro?

Nesse sentido, emociona-se Clylton Galamba:

Quando a gente montou aquele laboratório, eu me lembro como se fosse hoje, ia inaugurar no outro dia. Silvio pegou um *spray*,

não tinha cortina, e pintamos o vidro do lado de dentro todinho, até sujou as paredes! Tínhamos comprado mesa, computadores... A gente mesmo instalou tudo e lá estavam as máquinas, novinhas. Aquilo foi um marco, ter lutado para montar o laboratório e entregá-lo funcionando para os alunos.

Até então, o que se tinha de teoria no currículo do curso de Informática era um substrato rudimentar com pouca coisa de Matemática, Álgebra e Lógica, algo natural para a época. O primeiro passo havia sido dado no curso de Informática da UFPE, um dos primeiros do Brasil. Dali em diante, era preciso dar outros passos, começar a ensinar redes, sistemas em tempo real, sistemas operacionais, toda a pesquisa que estava acontecendo na época; linguagem de programação, linguagens funcionais, orientação a objetos em novos paradigmas de bancos de dados e assim por diante. Tudo isso foi incluído ao mesmo tempo na graduação e na pós-graduação, não havia praticamente diferenças entre os dois. Tal feito criou uma “diáspora” de professores para fazer doutorado.

Na esteira da mudança curricular, o Departamento de Informática montou uma estratégia de *marketing* e divulgação para ganhar visibilidade junto à sociedade civil, mostrando a importância social e econômica da instituição. “Queríamos aparecer no jornal”, lembra Silvio Meira.

No período de 1985 a 1990, quando se começou a levantar recursos para os primeiros prédios do Departamento de Informática – já fora da estrutura original das dependências do Centro de Ciência Exatas e da Natureza (CCEN), onde ele funcionou inicialmente –, Clylton Galamba e Silvio Meira,

dois engenheiros, colocaram, literalmente, a mão na massa para fazer as coisas acontecerem. Era um tempo de poucos recursos e muita vontade. Se era preciso correr atrás de dinheiro para viabilizar a infraestrutura, sobravam energia e boa vontade de todos os envolvidos, sem exceção.

Valendo-se do que já tinham aprendido no NPD, caíram em campo e cuidaram pessoalmente dos projetos elétrico e de comunicação, além do sistema de ar-condicionado, com todo o cabeamento exposto que permanece no CIn até hoje. A propósito, o CIn foi o primeiro prédio da UFPE que teve todas as suas instalações elétricas feitas de forma externa, o que, na prática, era de muito mais fácil manutenção ou alteração, quando era necessário mudar algum laboratório de lugar. A Clylton coube fazer as interferências desde o cálculo estrutural até o projeto elétrico; a Silvio, as áreas de comunicação, computação, arquitetura, laboratório e seleção de computadores. Segundo Silvio,

foi um prazer fantástico fazer aquilo. A gente dava aula às 8h e chegava lá às 6h30, quando os peões da construção estavam chegando. E a gente ia pra dentro da obra com eles, era uma coisa absolutamente maluca, porque a gente estava construindo o futuro que a gente tinha desenhado ali, era a nossa esperança que aquilo ali, no futuro, fosse ser o lugar que é hoje; o lugar que atrai pessoas que querem ser o futuro não só delas próprias, e não só da geração delas, mas talvez o futuro do lugar delas.

“Foi realmente um marco ter conseguido a verba, aprovar o projeto, construir e ocupar os prédios e ver o valor que os alunos passaram a dar àquilo ali”, diz Galamba. “As gerações que entraram e saíram daquelas instalações mais organizadas deram vida ao departamento, porque eles

tinham vontade de produzir.” O professor também destaca o cuidado com a manutenção do espaço: “Eu montei um estúdio de manutenção, peguei uma pessoa conhecida, paguei justamente com as verbas do projeto, e começamos a contratar pessoas”. Segundo ele, “não tinha uma tomada que quebrasse que a gente não consertasse, ar-condicionado, tudo”.

Lembra-se Julio Glasner:

Houve essa época em que todas as nossas máquinas tinham nome de cidade. Aí tinha a Recife, a Olinda e mais um monte de outras. Foi logo no começo, outra “virada de chave” pra gente, logo que começaram os incentivos da Lei de Informática. Tivemos um projeto forte e recebemos dois computadores. Um deles foi o Deep Blue, que era o mesmo computador que derrotou o Kasparov, aquele famoso enxadrista. Nessa mesma leva, chegaram as máquinas e os servidores Risc, e demos nomes começados com I, numa referência à IBM: Iguaracy, Ipubi, todas as cidades com I, foi difícil achar tanta cidade com I. Um dia, eu levei um aluno na sala de servidores, antigamente era uma sala fechada, no mesmo lugar de hoje, inclusive. E ele olhou para o computador, surpreso: “Eita, essa que é Recife, é?” – o menino usava a máquina a vida inteira, o curso dele inteiro, mas nunca a tinha visto.

De departamento para centro, uma transformação

Em 1999, o Departamento de Informática da UFPE virou o Centro de Informática e a professora Ana Carolina Salgado foi uma das pessoas que fez parte desse processo. Ela também foi a primeira diretora eleita do centro que, desde seu início, tem estrutura e ritmo de funcionamento semelhantes ao de uma empresa privada.

Entre os aspectos estratégicos da transformação para centro, estava o fato de poder concorrer de igual para igual com os outros centros da universidade e de estar na linha de frente nas negociações com a UFPE, o que encurtou distâncias e diminuiu a burocracia nos processos internos. A vontade de crescer era compartilhada por todo o departamento. Teresa Ludermir lembra: “Eu queria construir o que a gente acabou construindo, o Centro de Informática. Eu queria ajudar nessa construção, eu tinha uma responsabilidade ética muito grande, um compromisso”.

Carlos Ferraz lembra que Silvio encabeçou a proposta do centro e formulou o projeto, com o qual os outros professores do departamento foram contribuindo. A ideia original era inovadora, sem uma hierarquia hiperrígida, muito

diferente do que eram os centros na época. O projeto inicial foi levado para a burocracia da Reitoria, que deu o parecer de que ele não seria aprovado pelo Conselho Universitário, por estar em desacordo com o próprio estatuto da universidade. A proposta foi, então, reformulada.

Antes da aprovação, o professor Paulo Cunha, então pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação, encabeçou um longo trabalho de convencimento junto aos diretores de outros centros, para demonstrar a importância de transformar o então Departamento de Informática em Centro de Informática. O professor Hermano Perrelli também participou desse processo. Seria o décimo centro da UFPE, e o primeiro criado depois da fundação da universidade. Assim nos conta Paulo Cunha:

O então reitor Mozart Neves Ramos me levou a todos os centros para vender a ideia. Ao longo de cerca de um ano, fui a nove centros, pedi espaço. Normalmente, passava duas horas apresentando a ideia, explicava que não queria nenhum cargo a mais e queria só mostrar que a Informática era uma área transversal e as pessoas, de certa maneira, foram receptivas e focaram no lado positivo, então, fiz duas apresentações no Conselho Universitário e, na segunda, a coisa começou a complicar porque, quando chegou a hora de votar, as pessoas começaram a resistir à ideia do centro, com receio de dividir recursos já escassos.

O “jogo virou” graças à contribuição de um professor do Departamento de Geologia, Edmilson Santos de Lima, que ajudou a sustentar a ideia da criação do Centro de Informática, como recorda Paulo:

Desde a primeira até a última apresentação que eu fiz, esse professor salvou a situação. Ele disse: ‘Então vamos fazer o

seguinte: a gente aprova o Centro de Informática por três anos pra ver como a coisa se desenrola, e depois a gente volta pra bater o martelo'. Mas nunca houve necessidade dessa reavaliação. O centro foi aprovado como se fosse um teste temporário, mas se tornou algo permanente. Isso foi um marco importante.

Hoje, uma mudança no estatuto da UFPE permite que os centros sejam criados de forma diferente e o CIn é lembrado como inspirador dessa transformação.

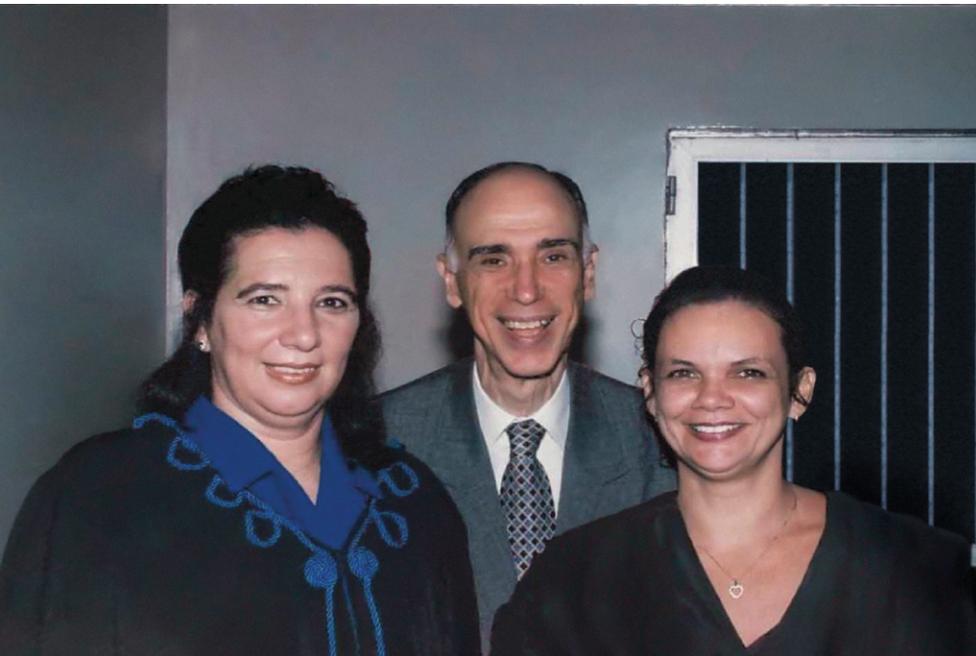


Figura 11 Posse das primeiras diretora e vice-diretora do Centro de Informática, respectivamente, as professoras Ana Carolina Salgado (à direita) e Judith Kelner (à esquerda), com o então vice-presidente da República, Marco Maciel

O CIn já nasceu inovador, desde o funcionamento de seu organograma, como explica Hermano Perrelli:

A gente se organizou de uma forma completamente diferente, porque o nosso receio era de que, se nos restringíssemos aos departamentos, perderíamos agilidade. Se não prestarmos atenção, os departamentos terminam se tornando microuniversos, “caixinhas com donos” e, no CIn, ninguém nunca quis ser dono, sempre houve uma preocupação de tudo passar por todos, existe uma preocupação institucional. A estrutura que a gente tem é completamente funcional, voltada para os serviços que queremos ofertar na graduação e na pós-graduação.

Os recursos gerados a partir dos projetos e das empresas instalados no Centro de Informática ajudam a alçar o CIn a uma condição diferenciada no contexto da UFPE. “A gente retorna muito mais dinheiro para a universidade do que aquilo que recebemos em termos de recursos”, explica o professor Paulo Cunha, complementando que todo o montante que o CIn recebe da universidade em verbas de custeio retorna para a UFPE por meio de convênios. De acordo com o professor Geber Ramalho, de toda a verba do CIn, a universidade é responsável por aproximadamente 5%. “Noventa e cinco por cento é do dinheiro que a gente capta, a partir dos projetos que a gente traz”, diz.

Os 10 primeiros anos do Centro de Informática foram de consolidação. Nesse período, o centro mais que dobrou de tamanho, melhorou sua infraestrutura física, contratou mais técnicos e implantou dois outros cursos de graduação (Engenharia da Computação e Sistemas de Informação), totalizando três formações superiores com duas entradas por ano, cada. Com isso, o número de estudantes quase triplicou

e hoje 270 alunos ingressam anualmente no CIn, sem contar com os alunos de especialização, mestrado e doutorado.

Ao longo de sua trajetória, o CIn conseguiu se firmar não apenas como centro acadêmico, mas também como instituição que gera impacto e retorno para a sociedade. “Ficou difícil de criticar o nosso modelo porque, se você vai olhar o impacto na sociedade, a gente produz muito”, afirma Paulo Cunha. “Se for avaliar o impacto acadêmico, todos os nossos cursos de graduação são avaliados com nota cinco, a máxima, e a pós-graduação, com nota sete, que é a nota máxima também.” Mas o reconhecimento não foi fácil de conseguir. De acordo com o professor Geber Ramalho, “virar nível sete na Capes foi ‘uma novela’”, mesmo com o centro apresentando os melhores números. Ramalho estima que levou o dobro do tempo que levaria caso o CIn estivesse ligado a uma universidade no Sudeste do País, por exemplo. Quebrar a desconfiança e o preconceito por ser uma instituição nordestina foi outra conquista que reforça a excelência do CIn. “Nós tivemos que nos impor mesmo e conseguimos isso mostrando serviço”, reconhece Clylton Galamba.

O Centro de Informática é sinônimo de retorno acadêmico, social e econômico: um *case* de sucesso numa região periférica, reconhecido por diversas premiações, entre elas o Prêmio Finep de Inovação, concedido, em 2011, pela Financiadora de Estudos e Projetos – empresa pública brasileira de fomento à ciência, tecnologia e inovação em empresas, universidades, institutos tecnológicos e outras instituições públicas ou privadas, vinculada ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações. O CIn foi a primeira instituição de ensino superior a ganhar o prêmio Finep de Inovação “porque ajudou a criar o Porto Digital, o CESAR, ajudou a

criar um monte de empresas. [O CIn] ajuda os negócios que já existem e ajuda a criar novos negócios. Esse é o papel da gente”, diz Geber Ramalho.

O Porto Digital, mencionado por Ramalho, foi fundado em 2000. É um dos principais parques tecnológicos e ambientes de inovação do Brasil e um dos representantes da nova economia do Estado de Pernambuco.

Sua atuação se dá nos eixos de *software* e serviços de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) e Economia Criativa (EC), com ênfase nos segmentos de *games*, cine-vídeo-animação, música, fotografia e design. Desde 2015 o Porto Digital também passou a atuar no setor de tecnologias urbanas como área estratégica.

Instalado no centro histórico do Bairro do Recife e nos bairros de Santo Amaro, Santo Antônio e São José, na região central da cidade, totalizando uma área de 171 hectares, é reconhecido por sua territorialidade singular entre parques tecnológicos.

O Porto Digital é fruto e referência nacional de uma ação coordenada entre governo, academia e empresas, conhecido como modelo “Triple Helix”. Essa iniciativa propiciou o ambiente necessário para fazer com que a instituição se transformasse num dos principais ambientes de inovação do País.¹

Hoje, o Centro de Informática é um dos maiores núcleos de Computação do País, com cerca de 90 professores. Ramalho entende que o centro ter chegado aonde chegou é um feito singular, um desafio pela própria condição de estar

1 Trecho redigido a partir de informações do site do Porto Digital: <https://www.portodigital.org/parque/o-que-e-o-porto-digital> (acesso em: 14/07/2021).



Figura 12 O professor Paulo Cunha, então diretor do CIn/UFPE, recebe o Prêmio Finep de Inovação das mãos da então presidente da República, Dilma Rousseff, em 2011

localizado no Brasil, país afastado dos grandes núcleos internacionais de inovação, e fora do eixo Sul-Sudeste. “O cara pega as malas em São Paulo e vem fazer projeto com a gente.”

O fomento de uma cultura interna, estabelecida desde os primórdios do CIn, de democratização de recursos e acesso a uma infraestrutura de qualidade para todos, com igualdade de condições, se reflete no bem-estar de alunos, professores e funcionários, criando um ambiente positivo, amigável e rico em oportunidades. A ideia do centro como bem comum ajudou a forjar a identidade característica e singular do CIn/UFPE.

No ano 2000, o CIn fez uma reforma curricular na graduação de Ciência da Computação. A ideia principal era tornar o curso mais flexível, multidisciplinar, para que recebesse outras áreas da Computação, como Sistemas Digitais, e não somente as mais tradicionais. Dessa forma, os alunos teriam mais opções quanto a que caminhos acadêmicos e profissionais seguir. Além das mudanças no curso de Ciência da Computação, o plano sempre foi implementar mais duas graduações: Engenharia da Computação e Sistemas de Informação. Esta última foi criada 10 anos mais tarde, com opção de curso noturno, e Engenharia da Computação surgiu em 2002, mas não sem desafios. A professora Edna Barros, responsável pelo projeto à época, conta as dificuldades de implementar um curso novo:

O curso tinha que passar por todos os trâmites lá da Reitoria e foi muito difícil conseguir que passasse, porque outro departamento negou nossa proposta. Foi uma guerra, seis meses muito difíceis para aprovar esse curso, muita negociação para se conseguir que ele fosse aprovado no Conselho Coordenador de Ensino, Pesquisa e Extensão (CCEPE). Algumas disciplinas tiveram que ser inseridas, tivemos que mudar um pouquinho a grade curricular e teve muita negociação, mas conseguimos.

A reforma curricular de 2000 introduziu a disciplina de inovação e empreendedorismo chamada Projeto de Desenvolvimento, apelidada pelos alunos de “Projetão”. O professor Hermano Perrelli foi o primeiro docente à frente da disciplina, cujo modelo foi reproduzido por outras universidades. “Quando a disciplina surgiu, havia uma movimentação muito grande em termos de empreendedorismo e

inovação. Isso tudo fervilhava e os alunos buscavam essa atmosfera”, lembra Perrelli.

O professor Geber Ramalho conta mais:

É uma disciplina prática. Ao final, eles (os alunos) têm que sair com um projeto de inovação. Tem aluno de Química, Psicologia, Design, Engenharia. Junta todo mundo. Tem aluno de Dança, já teve aluno de tudo que você possa imaginar. Existe uma versão dela no Centro de Artes e Comunicação [CAC], só para Economia Criativa. A disciplina também já rodou em Cinema e em Administração, rodou na pós-graduação de Química. Ela também roda em Caruaru, está rodando agora no Instituto Federal de Minas Gerais. O MEC quer que a gente leve essa disciplina para todos os Institutos Federais. Ela evoluiu com a chegada de novos professores: Luciano Meira, que vem com os alunos de Psicologia; André Neves, que vinha com os alunos de Design. Um monte de empresas que se conhecem dos alunos da gente nasceu dessa disciplina. A InLoco nasceu dentro de “Projetão”, os sócios são alunos do CIn, o CEO é André Ferraz, aluno do CIn. Chico (Francisco Saboya), ex-presidente do Núcleo de Gestão do Porto Digital, dizia o seguinte: “Cara, qualquer negócio que a gente abra aqui de empreendedorismo, mais de 50% das vagas são dos alunos que vieram do ‘Projetão’, depois vêm os outros”. Então, assim, é mais uma das coisas que a gente faz que têm impacto no ecossistema; o Softex reconhece, todo mundo reconhece.

Ramalho segue explicando como a disciplina funciona:

É uma história linda, porque é uma disciplina toda diferente, não tem aula “blá-blá-blá”, tem mentoria, tem *quests*. À medida que a gente foi absorvendo outras pessoas, como Luciano, André Neves, Leonardo Castilho, a gente foi melhorando o método, aí os meninos têm tarefas toda a semana, tem umas *quests* que eles têm que fazer. Há oito professores juntos na sala de aula, ao mesmo tempo.

O professor ainda destaca a multidisciplinaridade do Projeto, mais um exemplo da ousadia inovadora e agregadora do CIn: “Cada um oferece a disciplina em seu departamento para seus alunos, só que todos oferecem no mesmo horário, aí junta todo mundo”. Além disso, empreendedores formados no CIn são convidados para dar palestras e indicar caminhos possíveis, compartilhando suas experiências no mercado.

Mesmo antes da disciplina “Projeto”, alunos do CIn já criavam suas próprias empresas, como foi o caso de Ismar Kaufman, com a Informa: “Resolvemos criar nosso próprio produto e o nome da empresa teve influência direta do Centro de Informática”. Mesmo sem uma disciplina específica voltada para o mercado, o curso do CIn, como diz Kaufman,

preparava as pessoas para mudar o mercado. Eram alunos já formados nesse currículo um pouco mais intensivo, que já tinham aulas com os doutores, já tinham visão de mundo. O CIn formava pessoas que não iam simplesmente ser programadoras, repetidoras de instruções, e, sim, que seriam capazes de criar coisas diferentes, algoritmos diferentes, possibilidades diferentes.

De acordo com o Ranking Universitário da Folha (RUF), em 2019, os cursos de Computação da UFPE ocupavam a quinta posição entre as melhores instituições de ensino superior do País. Desde 1975, o CIn atende, com excelência, às necessidades de formação profissional em Informática, em Pernambuco, construindo a história de um centro consolidado no cenário universitário do País.

| O surgimento do CESAR

Em 1990, o CIn, ainda como Departamento de Informática (DI), deu início ao projeto do seu doutorado, que teve aprovação um ano depois, em 1991. No mesmo ano, dava-se conta de uma consequência não tão trivial de sua excelência: nos primeiros anos dessa mesma década, cerca da metade – e, de acordo com Silvio Meira, em alguns anos, mais de 80% – de todos os alunos formados pelo CIn foi embora do País.

Antes mesmo de receber um nome, a essência do CESAR – Centro de Estudos e Sistemas Avançados do Recife já estava definida: um mecanismo de criar ambiência do mercado com a universidade, do ponto de vista da Informática. E, desde 1993, já se sabia que era necessário fazer alguma coisa nessa direção. Assim, Fabio Silva, Ismar Kaufman, Paulo Cunha e Silvio Meira se uniram no sentido de dar forma a uma força que já existia. “O CESAR seria uma interface com o mercado local e isso faria com que as pessoas ficassem aqui. Que pudessem se formar, trabalhar, fazer doutorado e realimentar o sistema”, afirma Paulo Cunha.

Antes da criação do CESAR, a relação do ecossistema com os professores do CIn não era sistematizada, como ele conta:

Um ou outro professor era contratado para prestar consultoria para empresas, por exemplo, mas não era o departamento que fazia essa ponte, era o indivíduo que era contratado e trabalhava por conta própria. Na época, os projetos do departamento eram sempre de natureza acadêmica, até o CIn ter uma visão fantástica: o CESAR. Foi um posicionamento muito diferente do departamento de Física, por exemplo, que era muito famoso, ou de Química Fundamental, que estava ali do lado da gente, departamentos muito famosos, com doutores mundiais, com um traço acadêmico muito forte.

Silvio Meira endossa a história:

Nós rodamos o mundo, prestamos atenção num bocado de coisa, analisamos todo tipo de instituição. Nessa época, eu era membro do Comitê de Ciência da Computação do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a gente analisou os modelos desde Campina Grande, na Paraíba, até o Rio Grande do Sul, e resolvemos criar uma organização do terceiro setor, uma Organização Não Governamental (ONG).

O CESAR surge como um projeto na Facepe, de onde arrecada fundos. “Silvio Meira produziu um calhamaço de papel explicando por que a gente precisava transformar as dissertações de mestrado em produtos de mercado, é até inocente a maneira como ele coloca aquilo naquele momento”, comenta Kaufman. “Não tinha o caráter do empreendedorismo associado a isso, tinha aquela visão de dizer: ‘Não podemos produzir esse bocado de coisa e deixar na prateleira, precisamos levar para o mercado de alguma maneira.’”

A intenção de criar uma associação civil sem fins lucrativos ocorreu porque, durante a pesquisa de campo, Fabio

Silva, Ismar Kaufman e Silvio Meira haviam descoberto que, nos lugares onde professores universitários haviam criado empresas com fins lucrativos ligadas a ambientes universitários, surgiram diversos conflitos. “As universidades não estavam prontas para isso, como, aliás, não estão prontas até hoje”, pontua Silvio Meira. Mas a visita a vários centros também começou a amadurecer uma ideia mais estratégica do projeto, encabeçada por Fabio Silva, que “começa a trazer essa visão de como é que as coisas são feitas em outros lugares e a gente começa a dar forma pro CESAR como Centro de Empreendedorismo”, complementa Kaufman.

Além do apoio da Facepe, o CESAR, ainda em sua fase embrionária, também consegue financiamento com o Banco do Nordeste para montar sua infraestrutura inicial e é completamente viabilizado por meio do Programa Temático Multi-institucional em Ciência da Computação (ProTeM-CC) do CNPq, uma iniciativa nacional com sede no Recife. Tomou forma e passou seus primeiros anos – até 2000 – funcionando dentro das dependências do Centro de Informática. Assim foi até ser transferido para o Porto Digital, como instituição âncora.

O atual diretor do Centro de Informática, o professor André Santos, assistiu ao “desabrochar” do CESAR assim que voltou ao Brasil, em 1995 – após uma temporada de quatro anos em Glasgow, na Escócia, onde fez doutorado. Ele relata:

Eu voltei justamente num momento em que a necessidade de conexão entre o CIn e a sociedade estava cada vez mais forte. Até então, era claro que nós formávamos profissionais de alta qualidade, e o mercado local de tecnologia, apesar de já ser historicamente pujante, ainda não estava tão atualizado e moderno. Eram tecnologias

avançadas, mas ainda não estávamos na era dos micro-computadores. As tecnologias e os desafios que estavam surgindo naquela época, às vezes até para os alunos, eram diferentes do que o mercado demandava, então havia um certo distanciamento.

De acordo com André Santos, até então, grande parte dos profissionais formados pelo CIn era contratada por empresas de fora de Pernambuco ou do País, o que causava uma evasão de talentos. A formação oferecida pelo CIn era de alta qualidade, mas faltava um impacto local capaz de reter os profissionais localmente.

O atual diretor do Centro de Informática lembra:

Impactar a vida das pessoas faz parte do nosso papel, oferecendo essa formação de qualidade, mas a gente sentiu que iríamos ficar nesse limite e que poderíamos tentar fazer mais. Então, o desafio, a partir da perseverança dos professores, apontou na direção de tentar atrair projetos, criar uma instituição de pesquisa e fazer com que as indústrias e as empresas acreditassem que o investimento na universidade era algo viável, que dá retorno, que gera uma troca e ganhos para a própria universidade, para o País, para o governo. Esse foi um processo de convencimento difícil, porque houve muita desconfiança.

De acordo com o professor Geber Ramalho, ex-presidente do conselho do CESAR, muitas necessidades complexas em Programação não eram entendidas pelos empresários locais, acarretando apenas exportação de profissionais formados pelo CIn, sem nenhuma retenção de talentos. “Então, o CIn criou o CESAR como uma ponte entre a universidade e o mercado, gerando oportunidade para os meninos permanecerem aqui.”

Silvio Meira detalha a história:

Quando a gente mudou o nível de sofisticação na formação da graduação, não olhou para as empresas ao redor, para dizer a elas que estávamos formando um tipo completamente diferente de aluno. E quando esses alunos foram para o mercado, se depararam com as mesmas vagas que existiam antes de mudarmos o currículo. Então, todo mundo começou a ir embora. E foi aí, já em 1993, que a gente tomou o primeiro susto com esse negócio de todos os alunos irem embora e começamos a pensar no CESAR. Não tinha esse nome ainda, mas o CESAR começa a ser gestado quando a gente descobre que precisa criar um atrator de problemas complexos, para que esses problemas demandassem a complexidade do capital humano que a gente estava formando na universidade.

Com a chegada do CESAR, como era esperado – e almejado –, esse cenário mudou, dando lugar a projetos desafiadores, como a criação das primeiras *startups*, dos cursos de empreendedorismo e da disseminação do conceito de empreendedorismo para os cursos de Computação e de Informática de todo o País, criando um movimento que resultou na criação de diversas empresas, muitas das quais permanecem em atividade até hoje. Assim nos conta Geber Ramalho:

O CESAR era a primeira sacada de inovação sem o nome de “inovação”, que não existia ainda, porque a missão do CESAR era fazer a transferência autossustentada de conhecimento entre a sociedade e a universidade – o que, no fundo, é inovação: pegar um conhecimento e ver onde ele realmente é aplicado na sociedade.

O professor segue desenvolvendo melhor o que é inovação, que ele diz ser um outro nome para ciência aplicada:

Inovação é o novo que é útil; pra alguém ver valor naquilo, o problema tem que ter uma validade externa. Inovação é um negócio-chave na competitividade das empresas, mas também é chave porque é entrega de valor, é resolver problemas relevantes. A sociedade brasileira está cheia de problemas relevantes, que são oportunidades para inovar: problema de saneamento básico, segurança, educação.

De acordo com ele, a universidade cumpre seu papel ao trazer soluções reais:

Quais são basicamente as relações da universidade com seu entorno local? Formação de gente e inovação. Claro que deve haver pesquisa por trás, o novo vai vir da pesquisa, mas você, quando faz inovação, constrói a solução junto com a pessoa, o valor vai vir da escuta da pessoa do outro lado. A gente tem que formar gente pra tudo; quem quer seguir carreira acadêmica e ser pesquisador, *ok*; mas quem quiser montar sua empresa, *ok* e quem quiser trabalhar numa empresa, é *ok* também.

André Santos complementa:

A gente tinha realmente essa conexão, essa interação com empresas e um fluxo para trazer projetos de outras regiões do País e do exterior pra cá, por meio do CESAR. Nessa época [antes dos anos 2000], o CESAR funcionava dentro da universidade e isso também era uma experiência muito enriquecedora: ver o trabalho profissional, o surgimento de um instituto de pesquisa e de inovação ali no seu comecinho e a gente como instituição acadêmica de pesquisa com esse trabalho complementar. Foi um momento muito rico e, daí pra frente, foi um crescente, sempre com muito esforço.

Os fundadores do CESAR somaram visão e vivência de mercado à prática universitária. Munidos da certeza de que o mercado precisava de todo esse conhecimento e experiência a serviço da sociedade, desenharam um movimento de forma a gerar um menor impacto possível na universidade. As críticas, inevitavelmente, vieram, mas o CESAR seguiu em frente e se consolidou como um forte parceiro do Centro de Informática, contribuindo, inclusive, para o que o CIn é hoje, como um dos maiores captadores de recursos da Lei de Informática¹.

Um dos fundadores do CESAR, o professor Fabio Silva, egresso da Unicamp, no interior de São Paulo, viu florescer outras iniciativas a partir de sua consolidação:

A criação do CESAR foi o primeiro projeto com o qual eu me envolvi mais diretamente, logo que eu cheguei ao Recife, em 1993 e 1994. Começamos a tentar viabilizá-lo enquanto organização e, ao mesmo tempo, comecei a participar de outras iniciativas de programas prioritários de Informática. A partir daí, começamos a estruturar alguns projetos nacionais, que passaram a trazer recursos para a gente desenvolver as nossas ideias aqui no Centro de Informática.

Uma dessas iniciativas nacionais foi o Gênesis, um projeto de empreendedorismo do qual Silva foi um dos

1 A Lei de Informática (Lei nº 8.248/1991) é um incentivo fiscal para estimular o aumento da competitividade e da capacitação técnica nacionais, sendo direcionada a empresas que produzem bens de Informática, automação e telecomunicações no Brasil. As empresas beneficiadas, em contrapartida, são obrigadas a investir parte da sua receita em pesquisa, desenvolvimento e inovação, internamente ou em parceria com Instituições de Ciência e Tecnologia (ICTs), como o Centro de Informática da UFPE.

idealizadores e coordenador nacional em 1996. Tendo o CIn como raiz, o Projeto Gênesis implantou vários centros de formação de empreendedores, tanto na UFPE quanto em outras instituições de ensino em diferentes regiões do País.

O CESAR foi gestado para ser um ambiente de inovação teórico-prático, de mudanças de comportamento, que exigem que se esteja fazendo coisas novas. E, assim, ele se tornou o maior gerador de empresas do início da trajetória do Porto Digital, porque tudo o que o CESAR tinha aprendido a fazer e começava a repetir era transformado numa empresa do Porto Digital. Isso ocorreu principalmente nos primeiros anos de vida do CESAR, de 1996 a 2006, gerando cerca de 30 diferentes empresas. Isso foi fundamental para tornar visível – e tangível – uma das razões de ser do próprio CESAR: a transformação do conhecimento em negócio.

Em 1999, o professor Geber Ramalho coordenava um projeto dentro do CESAR que levou ao nascimento da primeira empresa brasileira a fazer jogos para celular, a Meantime:

Eu comecei a desenvolver um outro lado meu que não é o lado para o qual eu fui formado, porque o doutorado não prepara para empreender, para inovar. Você é formado para escrever artigos, fazer ciência e publicar coisas, é isso que você aprende. Agora, como eu sou um cara engenheiro, tenho muito esse olho, sempre me instigou o lado prático, o lado útil do que eu faço, que é a relevância.

De acordo com Ramalho, a preocupação com ser relevante é essencial para a cultura do CIn: “Silvio [Meira] sempre disse que era importante ser relevante, e a relevância quem dá são os outros. Não basta ser excelente. Excelente academicamente é um pressuposto, tem que ser. Só que tem

vários que são. O que faz a diferença do CIn é a relevância, o lado de fora que olha para a universidade e diz: ‘Você é importante pra mim’”.

O professor Geber Ramalho também foi responsável por criar, dentro do CIn, a primeira disciplina universitária de desenvolvimento de jogos da América Latina:

E por que eu criei a disciplina de *games*? Porque um dia entraram duas pessoas na minha sala, Alexandre Brayner e Débora Aranha, e disseram: “Olha, a gente tem a única empresa de jogos da cidade e os alunos do CIn chegam lá e não sabem nada, e começaram a dizer umas coisas técnicas lá, tu não queres dar uma disciplina para desenvolvimento de jogos, não?”. E isso porque eu orientava dois alunos nessa área de *games*. Eu disse: “Tá, se vocês me ajudarem, eu faço, vamos bolar juntos a ementa”. Foi uma demanda deles.

Ele ainda completa, satisfeito: “Há mais de 200 pessoas trabalhando na área de *games* no Recife, eu tenho certeza de que eu tenho uma contribuição importante nesse negócio”.

Hoje, o CIn já tem relações com o mercado independentemente do CESAR, mas continuam sendo instituições irmãs. O crescimento do CESAR é bom para o CIn porque fortalece o ecossistema, que serve como um atrator de talentos para o centro. “Nossos alunos querem vir fazer pós-graduação com a gente porque sabem que há emprego aqui. É útil pra universidade ter também quem vai empregar os nossos alunos, quem tá dizendo qual é a demanda, quais são as tendências”, conclui Geber Ramalho.

| O nascimento do Porto Digital

Quase cinco anos após a criação do CESAR, em 2000, de acordo com Silvio Meira, seus fundadores descobriram que a instituição não era suficiente para dar esse respaldo socioeconômico ao Centro de Informática. Era preciso criar algo muito maior do que uma instituição atratora de problemas complexos para Pernambuco, dentro de um ambiente de inovação, como já tínhamos com o CESAR. Era preciso ter todo um sistema local de inovação, um território com organizações e instituições inseridas nele, com investidores, empreendedores, processo de criação, novos negócios e atração de empresas externas para cá.

Foi aí que o então secretário de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente de Pernambuco, Cláudio Marinho, e os professores Silvio Meira e Paulo Cunha (este último então pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação) propuseram a criação do Porto Digital. O governador do Estado era Jarbas Vasconcelos e, segundo Cláudio Marinho, o nome inicialmente proposto para o equipamento foi Pernambuco Digital. O cientista político e responsável pela assessoria de *marketing* político do governo à época, Antônio

Lavareda, foi quem cunhou a sugestão Porto Digital. “A ideia era fazer um parque perto da universidade, mas Cláudio Marinho disse: ‘Não, vamos fazer no centro [do Recife] porque aí a gente resolve dois problemas, fazendo a revitalização do centro ao mesmo tempo’”, relembra o professor Geber Ramalho.

O professor Fabio Silva, que foi o primeiro presidente do Porto Digital no período de 2000 a 2003, lembra do contexto que ensejou a criação do parque tecnológico. Segundo ele, as iniciativas com a chancela do Centro de Informática da UFPE começavam a ter uma projeção nacional maior à época e o Porto Digital surgiu como consequência natural dessa projeção. Uma evolução de tudo o que se fazia no CIn, como microecossistema de inovação, sobretudo a partir do CESAR, que desde a sua criação, sempre atendeu clientes locais e, principalmente, de fora. Ele nos conta:

O CESAR já era um projeto nacional, mas ainda muito pequenininho. Na medida em que chega um investimento como o Porto Digital, com toda a sua capacidade de atração, passando a imagem de um lugar de inovação, a coisa cresceu bastante. Então, é aí que o Centro de Informática pega aquele núcleo de pequenas iniciativas que existia aqui dentro, pega o Gênesis e pega o CESAR – que não era mais tão pequeno assim, mas ainda era quase que um projeto – e dá um ganho de escala fenomenal.

Desde então, a participação do Centro de Informática no Porto Digital tem sido algo ímpar no Brasil. Segundo Silvio Meira, não existe um modelo como esse em nenhum outro lugar do País. Em última análise, insumos vindos diretamente da UFPE foram os principais irrigadores de capital humano e de conhecimentos de instituições e empresas

como o CESAR, a InLoco, a Neurotech, a Qualiti, a Tempest e tantas outras, de diferentes portes e igual potencial, em cujas trajetórias o CIn teve papel fundamental, desde a sua concepção e fundação.

E os benefícios são mútuos: “Ser uma universidade em um polo ativo faz toda a diferença; pode até ser uma boa universidade, mas nunca vai ser grande mesmo se não tiver, no seu ambiente, um entorno produtivo”, reconhece Geber Ramalho.

O Centro de Informática tem papel central como fundador do *cluster* de Tecnologia da Informação do Recife e já é considerado o terceiro maior setor de serviços da capital pernambucana. Atualmente, o Porto Digital conta com mais de 340 empresas, organizações de fomento e órgãos de governo. Juntos, empregam mais de 13,3 mil pessoas num trabalho extremamente sofisticado, que, só em 2020, gerou um faturamento de R\$ 2,86 bilhões, na tentativa de recuperação do centro da cidade, num lugar onde, até o ano 2000, estava em completo abandono.

Quem atua no Porto Digital tem alta produtividade, inclusive do ponto de vista fiscal. Mesmo com a redução, pela Prefeitura do Recife, do incentivo de cinco pontos percentuais para dois pontos percentuais do Imposto sobre Serviços (ISS), a contribuição *per capita* de um colaborador de empresas do Porto Digital é seis vezes maior do que a média do Recife. “Então, mesmo com a redução, criar um emprego numa empresa do Porto Digital é seis vezes melhor para a prefeitura do que criá-lo em outra atividade

econômica”, pontua o consultor Cláudio Marinho. “E isso é mais um indicador de sucesso do que nós fazemos aqui.”

Para André Santos, a criação e o sucesso do CESAR e do Porto Digital são desafios que o Centro de Informática conseguiu superar ao longo dos anos, embora, ainda hoje, sejam motivos de admiração de muitos:

As pessoas ainda se surpreendem com o fato de termos conseguido realizar isso sem gerar disputas e desentendimentos. São equipamentos que demonstram ser perfeitamente viável fazer uma parceria público-privada do conhecimento, com investimento do governo na formação de capital humano, em professores, técnicos e demais profissionais de alta qualidade, e também transformar isso em mercado, criar *startups*, gerar emprego, movimentar a economia.

| Cooperação

O viés de negócios está presente no DNA do Centro de Informática desde a sua criação. A produção de conhecimento por meio da pesquisa e a sua aplicação prática junto a parceiros acadêmicos, comerciais e industriais sempre fizeram parte da realidade do CIn, e são diferenciais que ajudaram a reafirmar sua reputação como instituição de alto padrão de qualidade, tanto no meio acadêmico quanto no mercado. “O Centro de Informática é uma grife muito importante, que já atrai oportunidades no País inteiro”, diz Teresa Ludermir. Diferente de outras instituições acadêmicas, o CIn sempre exercitou sua inserção no mercado, tanto para contribuir socialmente quanto para retroalimentar o fluxo de relacionamento e troca de experiências entre os ecossistemas nos quais transita.

Um dos papéis fundamentais do CIn é justamente transferir conhecimento de pesquisa para coisas práticas e manter-se em constante diálogo com a sociedade. O CIn está comprometido com o empreendedorismo e o desenvolvimento científico é essencial para criar soluções reais.

O professor Geber Ramalho cita um caso prático da convergência entre a universidade e o mercado:

Dois fundadores da Manifesto Games, Túlio e Vicente, foram meus alunos de doutorado. Cada um chegou em mim com um problema: “Eu queria fazer um sistema que previsse quando é que uma pessoa tá a fim de abandonar um jogo, para eu fazer uma ação antes que ela o abandonasse”. Esse é um problema complicado, eu sugeri que Vicente trabalhasse isso no doutorado e ele topou. Já Túlio disse: “Olha, eu preciso entender mais o que os jogadores estão fazendo dentro do jogo para eu poder balancear, tornar o jogo mais atrativo, e não existe uma linguagem que descreva o que eles estão fazendo... Vamos trabalhar nisso?”. Então, é um problema real, está sendo usado na prática e foi ação de um doutorado, que teve *paper* publicado e todas as coisas acadêmicas que se esperam de um trabalho científico, não é só um trabalho de inovação.

O professor acha fundamental o fato de que boa parte da comunicação que o CIn estabelece com o mercado é com seus próprios ex-alunos, pois muitos fundaram empresas.

Para além das cooperações que já mantinha com universidades da Alemanha, dos Estados Unidos e da Inglaterra, as relações de intercâmbio de conhecimentos do CIn com outras instituições tornaram-se ainda mais intensas após o surgimento do CESAR e do Porto Digital, âncoras de um ecossistema muito maior que amplificou o universo de parcerias do centro. A relação com o ecossistema “traz inspiração, traz demandas qualificadas, traz recursos”, aponta Ramalho.

Ao mesmo tempo, o contexto da Lei de Informática oportunizou a possibilidade de estabelecer parcerias estratégicas de longa duração com grandes empresas, como Banco

do Brasil, Empresa Municipal de Informática – Emprel, Motorola, Itautec/Oki e Samsung. Tais parcerias foram muito benéficas ao CIn, pois permitiram a retenção de professores no centro, que, por sua vez, levavam para a sala de aula exemplos atuais do mercado.

“E de onde vem esse papo de ecossistema?” Geber Ramalho começa a explicar:

Vem dessa ideia de que há um conjunto de animais, cada um tem o seu papel, e essa mesma metáfora vale para as empresas. No ecossistema do Porto Digital, há um monte de empresas que fazem coisas diferentes, mas que se encontram, fazem negócios uma para a outra, ou juntas para um terceiro. É uma comunidade de trocas de conhecimentos e experiências.

O papel da universidade neste ambiente, de acordo com o professor, é entregar gente capacitada para atuar nas empresas.

Antes da Lei de Informática, já havia cooperação, mas o advento da legislação permitiu dotar o CIn de uma melhor infraestrutura para desempenhar uma atividade mais consolidada. “Quando a gente enxergou essa oportunidade, foi institucionalizada uma coordenação de cooperação para dar mais visibilidade à área. O primeiro coordenador foi Sérgio Cavalcante, no ano 2000, durante a gestão da professora [Ana] Carolina Salgado como diretora do CIn”, recorda o professor Augusto Sampaio.

Ao longo dos últimos anos, a área de Cooperação cresceu, se profissionalizou, viu sua demanda aumentar e, graças à gestão inovadora que é marca do CIn, hoje lida com

empresas e instituições parceiras de grande porte e diferentes áreas de atuação, que vêm beber na fonte de conhecimento do Centro de Informática, como explica Sampaio:

A gente tem uma pessoa de mercado, uma gerente de negócios, para fazer a interação com as empresas. Alguém que não é um professor. Então, quando uma empresa precisa conversar com o CIn, ela não percebe diferença de estar conversando com um centro acadêmico ou com outra empresa, porque o nível de profissionalismo que a gente oferece nessa interação é como o de qualquer outra empresa e isso traz uma grande confiança, permite que as empresas se aproximem cada vez mais. Isso começa pequenininho, você mostra um bom serviço na cooperação, vai mostrando que tem o que oferecer, que tem como contribuir para melhorar os processos internos das empresas e organizações e, com isso, as empresas vão ganhando mais confiança e investindo mais.

A cooperação com a Motorola é um exemplo clássico na trajetória do CIn. A relação do centro com a empresa teve início em 2002 e já dura 18 anos ininterruptos. Sampaio continua:

É interessante porque essa parceria é renovada anualmente, a gente nunca tem a garantia de projetos de mais de um ano. Isso acontece porque a base da Lei de Informática prevê projetos anuais, por isso nós não conseguimos fazer um projeto de três anos ou de cinco anos, por exemplo. Mas, na prática, essa é uma cooperação tão estreita, tão bem-estabelecida, que, mesmo sendo renovada anualmente, não teve um ano sequer que tenha deixado de acontecer. Ao longo dessas quase duas décadas, nós passamos por muitos altos e baixos no mercado: a Motorola foi comprada duas vezes, a Google comprou, depois

vendeu para a Lenovo e a empresa já está em seu terceiro dono. Mesmo com todas essas mudanças, o Centro de Informática continuou como um parceiro altamente estratégico para a Motorola.

O mesmo ocorre com a Samsung, que mantém uma cooperação bastante ativa com o centro, e com a Oki, que anteriormente adquiriu a Itaotec e depois passou a ser uma empresa japonesa, sem que isso alterasse sua relação com o CIn. Empresas e instituições como Exército Brasileiro, FCA, HP, LG, Petrobras e Tribunal de Contas do Estado de Pernambuco (TCE-PE) também integram o vasto portfólio de parceiros do centro.

Cada projeto é extremamente autônomo e tem sua própria equipe, seu suporte técnico, seu time de apoio financeiro e de recursos humanos, quando necessário. Cada projeto de cooperação tem um coordenador e, em alguns casos, mais de um, como ocorre com o Projeto Motorola, que tem um coordenador geral, Augusto Sampaio, e outros quatro, responsáveis por subprojetos, todos professores do CIn. Cada um deles está envolvido em algum aspecto dessa cooperação e, além disso, outros professores eventualmente se envolvem em atividades de consultoria.

Dentro da cooperação com a Motorola, existe o modelo de curso, batizado de Residência de Software, criado pelo CIn e pelo qual já passaram mais de 20 professores como colaboradores. Sobre isso, opina o professor Sampaio:

Eu acredito que os professores envolvidos com essas cooperações fazem pesquisas relevantes, dão aulas melhores e cursos melhores, porque todo esse aprendizado que ocorre em dois sentidos também retroalimenta a própria vocação acadêmica do CIn e os exemplos vistos em sala de aula

deixam de ser fictícios e teóricos e passam a ser práticos, a partir de problemas reais.

Para ele, a área de Cooperação reforça a relevância institucional do CIn porque, com todo o desafio de resolução de problemas reais das empresas parceiras, o centro se reafirma como entidade de primeiro mundo que cumpre seu papel não apenas acadêmico, mas econômico e social:

Outro aspecto relevante dessa atividade é o investimento em infraestrutura que ela traz para o centro. Há ainda a taxa de administração, que tem ajudado a UFPE e o CIn a terem uma fonte de financiamento além da tradicional, que paga salários e alguns custos da universidade. A maior parte desses recursos é gerada pelo próprio centro, por meio da Cooperação. Então, além de toda a importância dessa mão dupla de benefícios, há o investimento essencial para o CIn ter chegado aonde chegou e ser um centro de excelência. Se hoje existe uma certa independência financeira, é graças, também, à Cooperação.

Outro lado da Cooperação é o relacionamento com os estudantes. Um dos exemplos disso é o fato de o CIn já ter formado dezenas de alunos de mestrado, cujos trabalhos de conclusão estavam vinculados a projetos de cooperação, além de alguns deles terem bolsas de estudos pagas pelos projetos, uma vez que a quantidade de bolsas oferecidas pelos órgãos tradicionais (como Capes, CNPq e Facepe) não é suficiente para atender a toda a demanda, como explica o professor:

Já há bastante tempo, a Cooperação vem financiando dissertações de mestrado, teses de doutorado e trabalhos de iniciação científica. A Cooperação beneficia alunos de

todos os níveis, desde o graduando, sem esquecer do curso de Residência de Software, que é uma residência modelo e também pode ser compreendida como um curso de especialização voltado para a realidade teórica e prática. No caso da Motorola, contempla testes de celulares, todos os aspectos de planejamento e projetos de execução de testes. Nele, o aluno aprende toda a parte conceitual para se especializar e também está contribuindo de forma ativa para o dia a dia do projeto, exercendo suas habilidades profissionais imerso na dinâmica da empresa.

De acordo com Sampaio, o termo “residência de *software*” pegou no Brasil todo e, até o final de 2019, já haviam sido realizadas mais de 20 turmas do curso em parceria com a Motorola. Se cada turma teve uma média de 30 estudantes, já foram formados pelo menos 600 de dentro e de fora do CIn, com pessoas de todos os estados do País.

| O jeito CIn de ser

Em 1991, quando da criação do doutorado de Informática, o CIn protagonizou mais uma das várias histórias singulares que, com o tempo, se transformaram numa espécie de “lenda” dentro da UFPE. Na ocasião, o professor Silvio Meira era o coordenador da pós-graduação e foi feito um projeto de doutorado para ser submetido à universidade.

O tempo foi passando e, com os trâmites correndo, Silvio Meira descobriu um espaço na regulação da universidade que o permitiu submeter o processo diretamente ao Ministério da Educação e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes):

Como naquela época eu ia muito a Brasília, por causa da minha participação no Comitê de Computação do CNPq, eu conversava muito com as pessoas, elas me pediam explicações e eu dava – na época existia uma informalidade, mas também havia um grande rigor na avaliação dos processos – e o resultado disso é que a Capes aprovou a criação de um doutorado de Computação na UFPE sem a universidade submeter o processo! E um dia o reitor me chama na Reitoria e diz: “Como é que você explica isso

aqui?”. E então, a universidade fez todo o processo retroativo e, no fim, tudo aconteceu como deveria acontecer, mas era um período muito mais aventureiro. Tinha muito mais liberdade para se fazer as coisas. E essa nem foi, eu acho, a coisa mais radical que a gente já fez.

O professor Clylton Galamba emenda:

O pessoal ficava olhando nossas ideias, o entusiasmo das coisas e eles não acreditavam que a gente ia chegar aonde chegou. Eu fui membro do Comitê de Computação da Capes e houve uma época em que a Computação não tinha nem o seu próprio comitê, era misturado com as Engenharias, então era muito preterida; mas hoje, olha tudo o que a gente conseguiu.

Julio Glasner lembra-se do alto nível de proatividade do CIn:

Se queríamos construir um prédio, íamos atrás do arquiteto para fazer o desenho, falávamos com um engenheiro e chegávamos à Reitoria já com o projeto pronto, do jeito que fosse. Com isso, a gente vencia umas 50 etapas do processo e já se livrava de muita fila.

A criação atípica do doutorado não é a única história pouco convencional na trajetória do Centro de Informática. A ousadia faz parte da formação do CIn. Num período de escassez de recursos ainda maior do que o tempo em que o doutorado surgiu, durante o mandato do então presidente da República Fernando Henrique Cardoso, Silvio Meira lembra que o Ministério da Educação (MEC) fez uma espécie de edital para preencher vagas de professores na UFPE e foi aí que o CIn deu um dos grandes saltos de sua história, como lembra o professor:

Na ocasião, nós ainda éramos Departamento de Informática e eu fui para Brasília defender, junto ao ministro da Educação, que nós precisávamos de 15 vagas de professor. Mostramos por A mais B que, se não tivéssemos as vagas, iríamos limitar nossa capacidade de crescimento e isso ia travar o desenvolvimento da Informática no Brasil. O resultado é que saiu uma portaria do MEC destinando oito vagas para o [Departamento de] Informática e nove para o restante da UFPE toda. Dessas nove vagas, nós montamos um argumento e conseguimos mais uma. Então, no final, o DI ficou com nove vagas e a universidade ficou com oito vagas. Obviamente, quem não estava do lado que ganhou as nove vagas ficou completamente revoltado, mas a gente montou coisas desse tipo, por exemplo.

O DI também sempre foi muito inventivo no reaproveitamento de recursos, como conta Julio Glasner:

Tínhamos uma prática engraçada: íamos ao lugar onde ficam armazenadas as coisas em desuso da universidade, chamado de Patrimônio, para garimpar máquinas que podíamos consertar e usar. Lembro que os nossos primeiros crachás eram impressos em papel, com uma impressora a *laser* que nós tínhamos, por um aluno que trabalhava aqui e foi uma das pessoas que idealizou, junto com Silvio, um sistema chamado *Aqua*, que era um dos primeiros sistemas de ambiente multitarefas, uma coisa parecida com Windows, super vanguarda naquela ocasião. Aí, imprimimos os crachás e plastificamos em uma máquina que a gente arrumou, fomos à Rua da Concórdia para comprar a resistência e trocar. Muitas vezes, os professores e os coordenadores botavam dinheiro deles mesmos nos projetos e compravam o que a gente precisava. Essa maneira de encarar as tarefas e resolver tudo era muito forte, e ainda é.

A busca quase obsessiva para não desperdiçar recursos de empenhos virou uma marca da equipe que fez nascer o Centro de Informática da UFPE. Clylton Galamba, Paulo Cunha e Silvio Meira estiveram, durante anos, na linha de frente do processo da realização de empenhos até o último minuto do ano. Do contrário, recursos que não tivessem sido utilizados retornavam para o MEC. Foi aí que eles criaram um método que despertou curiosidade em outros setores da universidade.

Assim conta Silvio Meira:

No meu primeiro ano de volta à universidade, em 1985, eu briguei por um monte de recursos e acabei ficando com bem pouquinho, porque sobrou o dinheiro, mas a gente não tinha nenhum plano. Então, em 1986, nós fizemos tomada de preço para absolutamente tudo e, durante 1986, 1987, 1988 e acho que 1989, eu perdi todas as comemorações de Ano Novo da minha casa: eu fiquei na universidade e só saí depois que fechou o sistema do MEC. Aí, depois as pessoas ficavam dizendo: “Pô, mas como é que essas caras fizeram isso?”. A gente fez isso porque a gente trabalhava que nem louco; de 1985 a 1995, eu não tirei férias, eu trabalhei 3.600 dias sem parar. Eu chegava ao Centro de Informática às 7h da manhã e saía meia-noite todo dia, todo santo dia, sábado, domingo, feriado, Natal, Ano Novo, o que você quisesse... Domingo eu ia pra praia de manhã e ia pro Centro de Informática à tarde, e saía de lá meia-noite, todo dia, durante 10 anos. Então não teve intervalo, e não tem mágica, ninguém fez mágica nenhuma.

“O centro deu certo porque as pessoas certas estavam no lugar certo, assumindo seus papéis e trabalhando muito”,

diz Julio Glasner. O Centro de Informática tem uma aura diferente. E isso vem lá de trás, dos primórdios. Desde antes de o centro ser centro. Nas palavras de Silvio Meira, quem fez parte da gênese do CIn conseguiu empreender alguns feitos absolutamente fora da curva, porque o nível de dedicação das pessoas que estavam lá, na época, era muito acima da norma e isso envolvia funcionários de todas as áreas e funções, alunos, professores.

O professor Geber Ramalho lembra o que mais o atraiu no centro (quando ainda era Departamento de Informática): a mistura singular de liberdade e liderança. Normalmente, de acordo com ele, ou você tem uma coisa, ou tem outra. “O CIn tinha uma confluência de duas coisas que são muito difíceis de acontecerem juntas na academia.” Ele explica que ter liberdade de ação dentro de um departamento é “pesquisar o que você quiser, criar disciplinas novas, ensinar”. Como exemplo, Ramalho cita que criou as disciplinas de Agentes Inteligentes, Computação Musical e Desenvolvimento de Jogos. “O mais comum é você ter essa liberdade num lugar onde não tem liderança.”

Quanto à liderança, ele reconhece:

Eu tenho certeza de que boa parte do sucesso do CIn foram as lideranças de Paulo Cunha, Silvio Meira, Cylton Galamba... Essa galera liderava pelo exemplo, liderava pela ousadia, liderava pelo mérito. A gente seguia e segue esses caras não porque são chefes; eles deixaram de ser chefes e continuaram liderando. Os três tinham uma química muito importante que fez as coisas avançarem, então tinha liderança. O CIn sempre teve e eu tenho certeza de que se eu tivesse que escolher um único fator que fez o sucesso do CIn, foi o fato de ter essa liderança natural, reconhecida pelos pares.

Ismar Kaufman acrescenta que os líderes do departamento “têm um mérito muito grande, porque não foram vaidosos no sentido de travar as outras pessoas, de querer as outras pessoas debaixo deles, ou atreladas a eles”. Para Kaufman, “eles deram espaço para as pessoas crescerem e desenvolverem suas próprias ideias, eles estavam preocupados em criar esse espaço”. “A gente se entregou de corpo e alma”, concorda Clylton Galamba.

Outro exemplo de liderança está na visão e no direcionamento dos pesquisadores, como conta Teresa Ludermir:

Assim que cheguei [do doutorado na Inglaterra], Paulo Cunha era o chefe de departamento e já me disse as disciplinas que eu tinha que ensinar, todo mundo dava aula, mas também disse: “Estamos precisando de alguém que construa um grande projeto de pesquisa para termos o financiamento da Finep. Você é muito bem-qualificada e a gente está lhe dando essa tarefa. Vá no Departamento de Física, aqui do lado, e aprenda como eles fizeram, para fazermos o nosso primeiro projeto Finep”.

Assim, seu papel no centro era desenvolver grandes projetos de pesquisa e estimular seus colegas a também o fazerem. Ela destaca a importância da linha de pesquisa acadêmica, na qual se especializou, para o crescimento do CIn, e ressalta a pluralidade do centro como um aspecto positivo:

A Computação é totalmente multidisciplinar. Aqui, uma pessoa como eu, que resolvi não me envolver com o mercado, ser uma cientista mais preocupada em escrever artigo do que em gerar produto, é respeitada. E eu também respeito os que fazem produtos e todo mundo contribui, porque, para termos uma pós-graduação que é nível 7 de qualidade, temos que ter os cientistas, temos que ter as

bolsas de produtividade, e também temos que atrair os alunos, ter os recursos financeiros. Eu acho que sinceramente é genuíno, a gente valoriza todos os segmentos e cada um contribui com o que sabe fazer.

O respeito à vocação de cada aluno e o interesse em estimular talentos são tão presentes que, no início de cada curso, o CIn recebe os novos estudantes com uma conversa que expõe os possíveis caminhos a serem trilhados na Computação, como explica Carlos Ferraz:

É muito bacana, o CIn mostra que, se o estudante chegar até o final, há três portas que ele pode escolher. A primeira é a carreira acadêmica, ser um pesquisador, e durante a graduação, vai existir essa oportunidade, inclusive as famosas bolsas de iniciação científica; a segunda é sair daqui como um excelente profissional e ir para o mercado, com todas as disciplinas técnicas de desenvolvimento; e a terceira é sair daqui como um empresário, montar a própria empresa, tem toda uma formação de empreendedorismo que a gente dá ao longo do curso.

Cláudio Marinho enaltece:

É uma relação antiga de amor e de compromisso mútuo pelo desenvolvimento do Estado. Amor pelo que eles fazem, que leva admiração pelos professores, empreendedores originais e todos os outros que seguiram. Entre os originais, eu vou citar naturalmente Silvio Meira, parceiro e irmão de empreitadas a partir dos anos 1990, Fabio Silva, Geber Ramalho, Ismar Kaufman, todos envolvidos na criação do CESAR. Então, é uma relação de amor e compromisso por Pernambuco, isso é o que caracteriza, no meu entender, o Centro de Informática quando comparado a outros

centros de formação no Brasil. Compromisso com o desenvolvimento do Estado, com o dar relevância ao que faz.

Silvio Meira engrossa o caldo da história:

Quer ver uma coisa? Nós fomos o único departamento que não teve nenhum computador roubado em toda a UFPE, em nenhum tempo, e isso foi uma contribuição fundamental dos alunos. A gente montou uma operação de exercícios nos nossos primeiros laboratórios, dotados dos PCs Itautec – isso foi em 1986 – e dizíamos isso pros alunos. Eles achavam engraçado, riam, tem uns que até hoje comentam isso comigo. A gente não tinha vigilante, então pegamos os alunos de graduação e pós-graduação e dissemos: “Pessoal, a gente não tem vigilante. Para que os computadores não sejam roubados, a gente vai passar tarefas para vocês de tal maneira que vocês vão ter que morar dentro do laboratório”. E assim os alunos eram os próprios vigilantes.

O técnico Julio Glasner diz que

nenhum lugar aqui na universidade deu tanta autonomia a quem não era professor. O centro é meu também. Eu dei meu tempo, eu me dediquei, eu fiz muito porque eu gostava e gosto demais do que eu faço! Tem que fazer porque gosta e essa junção de pessoas apaixonadas e com compromisso resultaram em ótimas surpresas com pessoas novas que entravam no time. Uma coisa que falo dos meninos aqui, dos alunos, é que existe um movimento chamado “manada do bem”, e isso é uma coisa interessante: na hora em que você chega num lugar que é evoluído, você assume um comportamento evoluído. Aqui, quem toma conta são os

alunos. Eu não saberia lhe dizer alguma vez que eu tenha vindo aqui e não tenha encontrado ninguém, inclusive nos finais de semana e feriados, até mesmo no Natal.

O professor Clylton Galamba ressalta a visão de sempre colocar o aluno em primeiro lugar, como fundamental para o sucesso do departamento:

Coloquei uma política de sempre dar prioridade aos alunos, a filosofia de que os alunos é que arejam e dão vida ao sistema, então eles poderiam usar o laboratório 24 horas por dia e também nos finais de semana. Não colocamos nenhum computador exclusivamente para professor, priorizamos os alunos e isso mudou tudo. Sem falar que eu, Silvio e Paulo estávamos o tempo todo disponíveis. Por exemplo, podia ser no meio do Carnaval, mas se precisasse pegar alguém no aeroporto, a gente ia.

Ismar Kaufman lembra-se da rotina intensa como estudante: “Vivi muito a vida lá dentro. Eu chegava de manhã, almoçava lá e ficava até de noite no departamento”. “Todo mundo trabalhava um pouquinho mais do que devia”, completa Teresa Ludermir. “A gente passava no corredor e via que todos estavam lá, Paulo, Silvio, Clylton, todos trabalhando, todos investindo no CIn.” E também reconhece Julio Glasner: “O aluno é o mais importante que a gente tem aqui. Ao longo do tempo, eu fui entendendo que o valor que a gente entrega é o aluno. No fim das contas, o centro só é o centro por causa dos alunos”.

Assim, quem chegasse ao laboratório do CIn às três da madrugada de um sábado para domingo, encontraria gente trabalhando lá dentro, porque não havia computador em outro lugar. O custo relativo de um computador naquela época, em valores de hoje, seria algo em torno de R\$ 50

mil. As pessoas não tinham computador em casa e só era possível fazer os trabalhos no próprio laboratório, onde havia hora reservada e não tinha máquina para todo mundo. O grande volume de trabalhos foi uma prática que se estabeleceu no CIn até hoje, mesmo com vigilância reforçada por uma equipe humana e por equipamentos eletrônicos.

Silvio Meira relembra toda a intensidade dos primórdios:

Foi uma época que era muito mais escassa do que hoje, a gente tinha muito menos meios, mas tinha uma quantidade de energia, de envolvimento, de arrepiar o cabelo. Era um negócio *full time*, era como se a gente estivesse em guerra contra o fim do mundo sempre, todo dia.

O professor Geber Ramalho comenta um caso pessoal:

A gente se reuniu para fazer o Cubic, um projeto do CNPq para o programa Institutos do Milênio. Eu lembro que pegou um 1º de maio, eu não vim pra casa. Sérgio Cavalcante, Carlos Ferraz e eu ficamos o feriado todinho trabalhando e a gente virou a noite lá; passou o dia trabalhando e virou a noite e, no outro dia, ficou trabalhando e foi até as três horas da manhã com os professores, tinha quase 30 professores até as três horas da madrugada lá para fechar um projeto, cada um fazendo um negócio. A gente terminou não ganhando, mas isso ajudou e direcionou várias pesquisas que a gente fez nos 10 anos seguintes, pois foi o tema da Computação ubíqua que a gente escolheu. Então, o CIn tinha essa pegada de integração, não é trivial você manter 20 e tantos professores trabalhando até três horas da manhã, gente que virou a noite. Essa coisa do senso de comunidade é importante, acho que foi o episódio mais memorável que eu passei no CIn.

Contribuição do CIn para o ecossistema

O CIn tem toda uma tradição de contribuição ao desenvolvimento de Pernambuco, da região Nordeste e do Brasil, uma vez que professores como Silvio Meira, Paulo Cunha e outros sempre tiveram uma inserção nacional, por meios de instituições como Capes e CNPq, participando da criação, formulação e implementação de políticas educacionais de formação da universidade. Além disso, fazendo participações em empreitadas nacionais, como, por exemplo, em 1993 e 1994, no Centro de Excelência em Tecnologia de Software do Recife – Softex Recife, cujo primeiro coordenador adjunto foi o hoje consultor Cláudio Marinho, em 1993, na época atuando na Empresa Municipal de Informática – Emprel.

O professor Ismar Kaufman participou ativamente da formação do núcleo Softex e explica um pouco como se deu o processo:

Representando o CIn, participei junto com a Assespro Pernambuco. De um lado, havia o governo, representado por Pedro Sérgio, presidente da Emprel, que contratara Cláudio Marinho como assessor. Eles dois começam a dar forças pra essa ideia de um núcleo

Softex lá dentro da própria Emprel, e a universidade me coloca lá como um representante para escrever estatutos e dar uma instrumentalidade ao assunto. A Assespro, quer dizer, os empresários de Informática do Recife veem nisso não uma concorrência, mas uma oportunidade; é uma lucidez muito grande de pessoas como Zé Claudio, Sérgio Cireno, Merval. Os empresários de Informática olham para a iniciativa e veem que é uma coisa boa. Em outros estados, em outras cidades, foi uma coisa ruim, a Assespro passou a concorrer com o Softex. Aqui não, a Assespro fundou o Softex: essa união que existe hoje entre a Assespro e o Softex aqui no Recife não é à toa, vem do nascimento do processo, com a universidade sempre junto. No fim das contas, essa parceria é a razão de o Porto Digital ter dado certo.

Marinho coordenava o programa Rede Cidadão, que era a conexão da Prefeitura do Recife à internet, num *link* de 9,6 kbps com o Instituto de Tecnologia de Pernambuco (Itep). Nessa época, toda a internet utilizada pela Universidade Federal de Pernambuco saía por outro *link* de 9,6 kbps para o Rio de Janeiro. Esse era o início da internet brasileira e o Rede Cidadão permitia conexão por linha discada para o cidadão do Recife. O então prefeito do Recife era Jarbas Vasconcelos e, como lembra Cláudio Marinho, ele foi o primeiro chefe do executivo municipal do Brasil a ter correio eletrônico.

Outra participação relevante do CIn, ao longo de sua trajetória, teve o professor Silvio Meira como liderança nacional, enquanto coordenava o programa que, junto ao Softex Recife e à Rede Nacional de Pesquisa (RNP), deu início à internet brasileira, nos idos de 1991.

De acordo com o vice-diretor do Centro de Informática, professor José Augusto Suruagy, antes do advento da RNP –

uma rede de acesso à internet com finalidade exclusivamente voltada ao ensino e à pesquisa –, o CIn tinha acesso remoto à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), que estava conectada à rede HEPnet (rede de pesquisa em física de altas energias, nos Estados Unidos). Foi nessa época que tiveram início os primeiros correios eletrônicos da universidade.

Com a RNP, foi decidido que seria necessário instalar o ponto de presença da rede, ou PoP (da sigla em inglês, *Point of Presence*): “a gente tinha visão de que se tratava de algo para o Estado e não apenas para a universidade simplesmente”, explica Suruagy, responsável pelo projeto de implantação do ponto de presença em Pernambuco e primeiro coordenador do grupo de trabalho em pesquisa e desenvolvimento do comitê gestor da internet brasileira. O local escolhido para a instalação do PoP foi o Instituto de Tecnologia de Pernambuco (Itep), na Várzea, zona oeste do Recife, com um investimento do governo do Estado por meio da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (Facepe).

Para fazer a instalação da internet na UFPE, o ponto foi puxado do Centro de Ciências Exatas e da Natureza (CCEN), por questão de proximidade, já utilizando fibra óptica. Era uma fase de experimentação e várias tecnologias foram testadas. “Naquela época, a gente não tinha muita informação, a internet era muito incipiente, não tinha ferramentas de busca (como o Google), então parte do que a gente aprendeu em instalações foi ligando diretamente para o fornecedor”, conta Julio Glasner. “Quando chegava o material, fazíamos as conexões, íamos descobrindo como se fazia. Isso foi ótimo porque sedimentou muito o

conhecimento, a gente teve que pensar em vez de simplesmente copiar e colar como fazer, seguindo o manual.”

É importante ressaltar o relevante papel da RNP na criação de uma cultura de redes, o que foi fundamental para a estreia da internet comercial no País, em 1996. “A Embratel assume tudo isso, mas a formação dos engenheiros da empresa para entender o que era a internet veio dessa iniciativa, da qual participou o Centro de Informática e os professores de então”, afirma Cláudio Marinho. “Então, só dando esse exemplo para entender como tiveram, têm e precisam ter ainda mais protagonismo os professores do Centro de Informática em Pernambuco e no Brasil.”

Silvio Meira também coordenou o Programa Temático Multi-institucional de Ciência da Computação, o ProTeM-CC, que foi um investimento, com recursos do CNPq, no *down-sizing* da infraestrutura de computadores da universidade, dos cursos de Informática para as estações de trabalho médias. Assim recorda Cláudio Marinho:

Naquela época, a microcomputação estava surgindo e, já nos anos 1980 e 1990, os computadores funcionavam em redes – até me lembro do fornecedor, redes Sun – e houve todo um investimento nos cursos, nos centros, nas escolas de Informática federais que Silvio Meira coordenou. Todas elas tiveram seus laboratórios equipados com estações Sun, que aceleraram e muito a conexão desse centro de Informática à internet nascente.

De acordo com o professor José Augusto Suruagy, além desse investimento em recursos computacionais, o ProTeM-CC também realizou editais para a viabilização de projetos de pesquisa que envolvessem múltiplas instituições.

A criação do CESAR, em 1996, foi a culminância de um período de grande efervescência que teve início em 1993, com a internet brasileira nascendo, a reequipagem dos centros de Informática e a fundação do Softex Recife, que financiava as empresas incubadas dentro do Centro de Informática, via Recife Beat. “E hoje o CESAR é o principal engenho de inovação do Porto Digital, com mais de 500 pessoas, e que faz escolhas muito acertadas e tem toda uma interação e repacutação para o futuro com o CIn”, reforça Cláudio Marinho. “Isso quando cria, por exemplo, cursos no CESAR School, como de Engenharia de Software e de Design, muito voltados aos negócios do próprio Porto Digital”, complementa.

Na opinião do diretor do Centro de Informática, André Santos, a desconfiança de alguns setores da sociedade em torno do surgimento do CESAR persiste até os dias de hoje e se estende ao próprio CIn, que ainda surpreende (positivamente):

Diariamente, recebemos visitas de empresas e representantes de governos para nos conhecer. Ainda causamos surpresa porque, infelizmente, o exemplo do CIn não é a realidade do que se encontra por aí na maioria das universidades. Há muito distanciamento e aqui houve um convencimento de que essa soma de esforços conjuga os interesses dos dois lados – o público e o privado – e traz investimentos e um grande desenvolvimento para a universidade, viabiliza bolsas, impacta a indústria, abre mercado, gera negócios, empregos e evita a evasão de cérebros que, não fosse pela nossa intervenção para a criação do CESAR, certamente estariam em posições de destaque, mas em outros locais, fora de Pernambuco e até do Brasil.

As histórias curiosas e pitorescas ficaram para trás, mas ajudaram a pavimentar os alicerces que sustentam o CIn. O tão falado “jeito CIn de ser” deve muito a elas e aos seus protagonistas. Hoje, o Centro de Informática ocupa uma posição em que só tem competidores em nível nacional, mas o conforto da realidade atual talvez tenha feito a geração contemporânea esquecer (ou mesmo não saber) como é funcionar na escassez. Para Silvio Meira, isso pode ser uma ameaça. Para o professor Fernando Fonseca, muita coisa mudou e a forma de atuação romântica de outrora desapareceu com o tempo, dando lugar à profissionalização:

Eu acredito que aquela atuação romântica se tornou algo mais técnico e, do meu ponto de vista, um pouco mais frio. Eu acho que a gente pode muito bem ser tecnológico, ser avançado, ser de ponta, mas ser humano também. São forças que podem caminhar paralelas. Com o crescimento, esqueceu-se um pouco disso.

Na opinião de André Santos, ainda há muito espaço para desenvolver a cooperação entre o Centro de Informática e a sociedade, de forma ampla e interativa, gerando impacto social e econômico. Um dos caminhos para isso é a pesquisa, tendo em vista o corpo docente do CIn formado por cerca de 90 professores, todos com formação consistente.

A ampliação do conhecimento de Informática, em seus diversos níveis, também é uma responsabilidade encampada pelo CIn, que deve, de acordo com Santos, ser compartilhada com outras universidades e instituições, com o objetivo de aumentar o impacto de formação do saber, desde a formação mais básica à mais avançada, contemplando as demandas do mercado da forma mais global possível:

É desenvolvendo tecnologias que conseguimos fazer transferência de conhecimento para a sociedade. Temos uma parceria com as indústrias, não somente as de Informática, que é uma área meio. Podemos trabalhar com indústrias de outras áreas, com comércios, com o próprio governo. Existem várias maneiras em que a Informática pode ampliar seu impacto na sociedade.

Outro aspecto importante e permanentemente desafiador é a formação e ampliação da oferta de capital humano de qualidade para as empresas, sobretudo no Porto Digital. Segundo André Santos, a parceria entre o CIn e o Porto Digital também aponta para a necessidade de apoiar a criação de mais empresas de base tecnológica – as chamadas *startups* –, a fim de incrementar ainda mais o mercado.

A extensão como rota de ampliação do alcance da Informática

O professor Fernando Fonseca, aposentado desde 2017, ficou à frente da Coordenação de Extensão do Centro de Informática por uma década, no período de 2000 a 2010. Ele foi um dos primeiros tutores do Programa de Educação Tutorial (PET), uma iniciativa do Ministério da Educação que seleciona alunos para atuarem em atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Em sua época como tutor, Fonseca liderou uma iniciativa que capacitou em Microinformática e Internet jovens e idosos ligados a uma Organização Não Governamental (ONG), hoje já extinta, do bairro do Engenho do Meio, nas proximidades do *campus* da UFPE. “Sempre gostei de atuar na extensão. É algo que pode ser feito por quem é mais necessitado, para qualificar pessoas, para melhorar e ampliar suas chances no mercado de trabalho”, afirma. Servidores da UFPE, vindos de todos os centros e até mesmo da TV Universitária, também foram contemplados com qualificações específicas, ministradas pelo grupo liderado por Fonseca. Tudo era voltado para facilitar o acesso dessas pessoas ao universo da Computação e levar a tecnologia para o benefício direto à vida delas.

“Algum tempo depois, a gente fez uma qualificação exclusiva para atrair alunos do ensino médio para o CIn. Fazíamos no período de férias escolares e abríamos cursos para que eles aprendessem a programar e a desenvolver jogos”, conta Fonseca. “O objetivo era promover uma aproximação desses estudantes com a área e atrair valores pra cá.” Todas as capacitações eram oferecidas sem custo, utilizando a infraestrutura de salas e laboratórios do próprio centro. O acesso às capacitações era feito por meio de inscrição. As vagas que não eram preenchidas eram disponibilizadas para a comunidade.

O despontar do CIn para a área de extensão surgiu dentro do Verão no *Campus*, um antigo programa de extensão da UFPE, como projeto de atividade complementar. E assim o professor nos diz:

Foi a partir de um ofício enviado pela ONG do Engenho do Meio, pedindo apoio na área de Informática, que nós começamos a atuar. Fiquei estudando um meio de motivar os alunos, havia a chamada atividade complementar de ensino e foi aí que pensei: “Vamos usar esse bônus”. Os alunos iriam primeiramente por esse motivo e, depois, descobririam que a extensão seria mais do que isso.

Segundo o professor, o fato de estar preparando seus alunos de graduação para uma visão além da formação específica deles, e de permitir que eles tivessem algumas atividades que não fossem exclusivamente os assuntos vistos em sala de aula, era um dos sentidos importantes da extensão. Além disso, a gratificante experiência de testemunhar a mudança de vida das pessoas que passavam pelas turmas de qualificação:

Todas aquelas pessoas que ficavam emocionadas por terem concluído – era um esforço grande para elas –, a importância simbólica de receber o certificado da instituição assinado por nós, aquilo era demais. A extensão era uma demonstração de que é possível fazer ciência e tecnologia e, ao mesmo tempo, ter um olhar mais humano voltado para o social.

Outra ação de extensão do CIn que durou muito tempo foi a campanha de doação de sangue e de medula óssea, quando, por duas vezes ao ano, a Fundação de Hematologia e Hemoterapia de Pernambuco (Hemope) levava parte de sua estrutura para o centro, como forma de mobilizar a comunidade em torno da causa. Sobre isso, Fernando Fonseca também relata:

Promovíamos atividades em benefício da população de modo geral, independente do uso direto da Computação. O centro comprava essa ideia e dava todo o suporte necessário para isso. Sempre que o Hemope vinha, era um dia muito movimentado, porque vinha gente de todo lado pra doar. Não eram somente os alunos, vinha gente de fora, era feita uma divulgação muito boa com o apoio das assessorias de Comunicação da UFPE e do próprio CIn e, com isso, nós sempre conseguíamos bater as metas estabelecidas. Nas nossas atividades, sempre tivemos respeito, reconhecimento e colaboração para que essas ações ocorressem. Foi um período muito bom, produtivo, grandes alunos passaram por lá.

De acordo com o professor José Augusto Suruagy, a área de Extensão do CIn “deverá ser uma atividade bem importante nos próximos anos, graças à *curricularização* da Extensão nos cursos de graduação”.

O Centro de Informática e a permanente missão de se reinventar sem perder a essência

Um dos grandes desafios de instituições surgidas sob o viés da originalidade e da ousadia (incluindo aí altas doses de comprometimento e dedicação de seus fundadores) é a preservação e a continuidade dos valores que constituem sua identidade ao longo do tempo, fugindo do risco de acomodação – armadilha tão sedutora quanto arriscada. Geber Ramalho diz que o projeto de planejar o futuro do CIn existe justamente para que o centro não se acomode nas conquistas do passado.

E o novo sempre vem. Seja pela mudança de projetos profissionais dos fundadores, seja pela ampliação da escala a partir do crescimento da instituição em questão ou, simplesmente, pelo passar do tempo. No caso do Centro de Informática da UFPE, a essência do desafio reside na combinação desses três fatores.

Com vistas a essa continuidade, a formação de novos líderes, no âmbito da governança interna, é, mais do que um desafio, uma missão institucional para o CIn/UFPE. Inicialmente formado por um corpo docente de 40 professores, em 1999 (quando ainda era DI), atualmente o centro tem em seus quadros quase 90 professores. Olhando de perto

para esse universo, sabe-se que nem todos que participam do seu dia a dia hoje vivenciaram o período de sua criação. A maioria conheceu o CIn como ele é hoje, consolidado como agente de influência e transformação fundamental nos ecossistemas de Tecnologia da Informação local e nacional. E, se o crescimento é a consequência natural almejada por qualquer instituição sólida e bem-gerida, é também a fase em que surge uma maior preocupação com a continuidade dos valores que remetem à sua origem. Veteranos e contemporâneos do Centro de Informática, incluindo professores e funcionários, sinalizam para a necessidade de as gestões atual e futuras se preocuparem com a transmissão dos conceitos que compõem a identidade do CIn.

Nesse sentido, é fundamental criar um ambiente para que os novos professores e demais funcionários que vão chegando se sintam confortáveis, tenham boas condições de trabalho e a certeza de que serão reconhecidos e valorizados – com iguais senso de importância e complementaridade –, sejam quais forem seus perfis, áreas de atuação e linhas de trabalho, como ensino, pesquisa, extensão, cooperação e interface com a sociedade.

Outra demanda sinalizada durante o levantamento de dados para a elaboração do conteúdo desta publicação é a necessidade de atrair os profissionais do quadro do CIn para o universo da gestão do centro, reforçando sistematicamente a importância do trabalho em equipe e do espírito de coletividade no dia a dia da instituição. Este traço está presente no CIn desde a sua fundação e também se reflete nas rotinas institucionais, como o compartilhamento de equipamentos e recursos físicos e financeiros, de modo a beneficiar todo o centro e não apenas um ou outro setor

específico. Uma forma de integrar todos os segmentos que formam a instituição: alunos, professores e funcionários.

Para Ismar Kaufman, existia um pacto de compartilhamento das conquistas:

Isso criou uma disponibilidade gigantesca de equipamentos, conhecimentos, biblioteca. Essa democratização dos projetos criou uma visão que também fazia parte do enriquecimento coletivo e do desprendimento dos líderes, que sabiam que a liderança deles era um veículo para criar novas lideranças. Não tenho certeza se em outros lugares era assim, mas, no Recife, eu nunca ouvi falar de um outro departamento onde houvesse esse desprendimento, esse senso do coletivo, de construção da realidade.

Desde o início, com nomes como Manoel Agamemnon Lopes, já existia a compreensão de que era preciso fortalecer o todo e que a fragmentação da instituição, a longo prazo, seria prejudicial. Na força dessa integração, também reside a missão de preservar o senso de coletividade acima de interesses específicos e individuais para quem está chegando. E, como o centro não para de crescer, o desafio, tal como exposto no título deste capítulo, é permanente.

Outras três tarefas – de diferentes naturezas, mas iguais em importância – são: o zelo com a qualidade da formação de profissionais que saem das salas de aula do CIn para o mercado de trabalho; o aumento do capital humano preparado para atuar nos ecossistemas estrangeiro e nacional, com ênfase no forte potencial de aproveitamento local desses profissionais, sobretudo pelas empresas que integram o Porto Digital; e o apoio à criação de *startups* e novos empreendimentos de base tecnológica com grande potencial de crescimento e incremento ao mercado.

Um olhar para o futuro: desafios do porvir

Dedicado a lançar um olhar para o futuro, o Centro de Informática vem desenvolvendo, desde 2018, um estudo de reposicionamento estratégico, capitaneado pelo atual diretor do CIn, André Santos, e pelo professor Geber Ramalho, assessorados pelo consultor de cenários estratégicos, Cláudio Marinho, um dos responsáveis pela criação do Porto Digital. O professor Geber Ramalho orgulha-se da iniciativa visionária: “Pergunta quantos centros na universidade fazem um planejamento estratégico? E quantos no planejamento estratégico decidem ouvir a sociedade? Eu ousaria dizer que, no Brasil, não deve ter ninguém que faz algo do tipo”.

Ele destaca ainda que o planejamento estratégico é cocriado por todos, envolvendo o CIn inteiro – Ramalho e Cláudio Marinho coordenam metodologicamente o projeto e conversaram com uma série de grupos ao longo de 2018. A partir dessas conversas, foi gerado um documento. “No planejamento, tem o diagnóstico, tem os valores que a gente quer firmar”, diz Geber. Esse plano estratégico está dividido em dois vieses: o olhar para dentro do CIn e os desafios que precisam ser enfrentados, e o olhar para fora do centro e a conexão com a sociedade.

Cláudio Marinho observa:

Essa relação que nos traz até hoje e nos leva até o futuro é o que sempre nos interessou mais. Tem uma frase que eu gosto de usar, e que Silvio Meira também repete de vez em quando, quando a gente entra em momentos de crise, como ocorre no Brasil de tempos em tempos, que é: “Vamos fugir pro futuro”; vamos criar alguma coisa pro futuro.

Para ele, um dos desafios que estão postos para o CIn, neste momento, apresenta-se sob forma de pergunta: qual é o CESAR do futuro? E ensaia a resposta: “É um instituto de inteligência artificial? Que seja o melhor do Brasil, um centro acadêmico de excelência e relevância na América Latina”.

O professor Geber Ramalho reconhece a importância de perceber o que foi bom e vem como legado do CIn, aquilo que ele denomina como os três pilares que o tornam único e devem ser considerados ao se lançar um olhar para o futuro: excelência, relevância e liderança.

Como vimos, o CIn sempre buscou a relevância e isso se expressa no posicionamento de toda a sua história pregressa e em seu presente de excelência acadêmica, que também se revela no julgamento dos pares das universidades, do CNPq, e na relevância da avaliação da sociedade, contribuindo para o desenvolvimento social. Reafirmar esse posicionamento e trabalhar para dentro, num esforço de maior alinhamento, integração, entre os professores, e para fora, no sentido de liderar processos inovadores de que a economia de Pernambuco carece, tendo em vista todo o movimento de transformação digital dos negócios – um desafio contemporâneo para as nossas empresas, sua sobrevivência, crescimento e competitividade.

O posicionamento do CIn para o futuro tem a ver com esse olhar para fora, tendo como desafio liderar processos de criação de empresas, empregos de qualidade, pactuação de parcerias empreendedoras e conexão da pesquisa de ponta, como, por exemplo, da inteligência artificial, uma demanda cada vez maior na sociedade e nos mercados. Então, esse é um esforço que vem sendo feito pelo grupo que está à frente do estudo estratégico sobre o futuro do CIn.

Ismar Kaufman admira-se com o processo: “Geber ressaltou que quer ouvir todos, reuniu uma lista com empresários, desde *startups* até grandes empresas, marcando horário com todo mundo”. É um posicionamento revelador de que, segundo ele, “a semente plantada pelos líderes do passado virou uma árvore. A humildade de querer receber todo mundo é muito significativa de um DNA forte do CIn, uma visão que se parece muito com a visão de equilíbrio de Cylton, Paulo e Silvio”.

Já o olhar para dentro aponta para a necessidade de uma maior integração entre os professores, funcionários e alunos. Um dos aspectos apontados pelos próprios docentes, durante as dinâmicas realizadas, no âmbito do diagnóstico preparado por Cláudio Marinho, é o crescimento do CIn. Se, no início dos anos 1990, o corpo docente do Centro de Informática contava com, no máximo, 30 professores com doutorado, hoje são três vezes mais. Daí a palavra integração ser forte do ponto de vista de direcionamento estratégico, como diz Marinho:

Cada um desses 90 é um mundo, do ponto de vista dos desejos de dedicação, vocação, de explorar fronteiras, futuro... Eu até brincava dizendo que, no cenário de anti-gamente, poderia se fazer uma reunião na casa de Silvio

Meira e se definir uma estratégia, “vamos criar isso, vamos criar aquilo”; agora não dá mais. A dimensão é outra.

Neste momento, é preciso repensar a estrutura interna do CIn para que permaneça integrado e coeso com o triplo do tamanho original, sempre respeitando a vocação de cada um. “Os desafios são outros”, diz Geber Ramalho. E acrescenta:

Estamos em ameaça de uma certa perda de integração, tanto que, nesse planejamento, conversamos com um monte de gente e a ideia era fazer mais conversas, pra poder ouvir o pessoal mais novo e não só juntar gente por um dia. As pessoas devem ter o sentimento de pertencimento, que é muito importante e é uma das coisas que a gente tem que resgatar.

Julio Glasner acrescenta que a própria forma de as pessoas se comunicarem hoje em dia é diferente de 20 anos atrás, por isso o centro precisa descobrir formas atuais de reaproximá-las e resgatar a cultura do CIn nas relações e atitudes de seus integrantes.

O CIn tem hoje um corpo docente multidisciplinar, uma diversidade grande, com professores de várias áreas. O respeito às individualidades de cada professor e pesquisador é primordial, mas deve vir acompanhado de um alinhamento com os objetivos institucionais, respaldado por um pensamento coletivo. “Acho que o CIn continua sendo o melhor lugar para se trabalhar, o CIn é diferenciado. Penso que não tem nenhum centro aqui na universidade que seja assim”, comenta Edna Barros. Ela acredita que o segredo para que o centro permaneça forte e coeso é a existência de desafios coletivos, que envolvam todos, como ocorreu com as reformas curriculares dos anos 2000.

Além disso, a evasão de alunos que não completam o curso deve ser considerada. O professor Carlos Ferraz comenta que, de uma turma de 50 alunos, poucos se formam:

A Computação deixou de ser tão atrativa, o salário não é mais tão bom, as pessoas estão escolhendo outras áreas. Às vezes, as pessoas entram meio iludidas e acabam desistindo, porque as matérias são difíceis; então, temos essa grande missão de fazer com que as pessoas voltem a ter aquele brilho no olhar de dizer: “Caramba, é isso que eu quero, mesmo que seja desafiador”. O que temos que fazer é um exercício constante, sempre tentar ser melhor, repensar a qualidade da formação dos nossos alunos, desde a graduação até o mestrado e o doutorado. Temos que pensar sempre na renovação de currículos, buscar novos conhecimentos e novas posturas, considerar questões culturais, inclusive.

Outro tema bastante atual, nos cursos superiores de Informática no Brasil, é a inserção feminina. A ausência de mulheres nos cursos de Informática nem sempre foi uma constante, como nota Carlos Ferraz: “A minha turma, em 1985, era praticamente 50% e 50%, metade meninos e metade meninas, um equilíbrio bem interessante”.

Nos anos 1990, porém, o cenário mudou e a área de Computação se tornou majoritariamente masculina. Atualmente, diversas iniciativas estimulam a participação de mulheres no ramo, como o movimento Meninas Digitais, capitaneado pela SBC, e o Cintia, o grupo de mulheres do CIn. Ferraz nota resultados positivos: “Hoje, nas salas de aula, já dá para ver mais meninas que há dez, seis anos”.

Na opinião de Marinho, é preciso buscar uma nova qualidade do ponto de vista do coletivo e da possibilidade de contribuição e relevância para a sociedade que tem hoje o Centro de Informática:

Esse é o grande desafio que eu vejo quando a gente trabalha para dentro, para respeitar a vocação, o que é importante que se faça para poder estender a fronteira da pesquisa, mas, ao mesmo tempo, buscar a relevância. Fazer escolhas é relevância. Então, o respeito à vocação e a busca pela relevância vão estar em tensão permanente, e é bom que estejam. Fazer escolhas estratégicas, num universo composto por tanta gente, é o desafio que eu acho mais importante, hoje, para o Centro de Informática, olhando o futuro. É um desafio que vale a pena ser enfrentado. Os professores estão conversando sobre isso.

O professor Geber Ramalho relembra a importância das lideranças anteriores, mencionando Silvio Meira, Paulo Cunha e Clylton Galamba. Ramalho reconhece que eles são insubstituíveis, mas que muita coisa do que eles “pregavam” permanece incorporada à cultura do CIn hoje. Agora, é preciso focar-se na formação de uma nova liderança: “A gente não pode descuidar da estrutura, da cultura, da formação de líderes, dessa governança interna, porque isso também foi muito importante pro CIn: tinha liderança, tinha coesão, tinha integração”.

A perpetuação do sentimento de equipe e do senso de coletividade que lastreiam a identidade do Centro de Informática, e são compartilhados pelos professores e funcionários veteranos do CIn, é um dos maiores desafios do centro. André Santos diz que passar a mensagem do DNA da instituição para “as pessoas que encontram o centro

como é hoje e não têm a noção do trabalho que foi para criá-lo, nem de onde vem esse conceito, é um desafio que a gente tem que cuidar muito para não se perder no caminho”. Tudo isso, ele diz, “faz parte de uma história que precisa ser sempre resgatada, contada e recontada”. O professor Fernando Fonseca endossa essa visão: “Um dos nossos desafios é humanizar as relações com um pouco da visão romântica que se tinha antes, para que não sejam meramente profissionais, o que é um desafio enorme diante de todas as atividades e demandas que se tem para dar conta”.

Além disso, o novo ambiente da Computação demanda cada vez mais dos profissionais, tanto no mercado quanto na universidade, criando um conflito entre “o tanto que eles têm que se envolver lá (no mercado) e o tanto que eles têm que se comprometer aqui (no CIn)”, observa Teresa Luder-mir, o que acaba dificultando a decisão de assumir um cargo institucional como o de coordenador, por exemplo. Apesar dos desafios, a professora orgulha-se do envolvimento de seus ex-alunos com o centro e acredita que esse senso de responsabilidade com a universidade pode ser transmitido aos novos ingressantes no CIn.

Alunos do CIn também carregam seu legado e cultura para muito além das fronteiras da universidade, como anuncia o depoimento emocionado de Ismar Kaufman:

Eu tenho muito orgulho da minha relação com o CIn. Eu representei os alunos na comemoração de um dos aniversários da UFPE e me marcou muito saber que eu fui um aluno importante no centro. Não pelo que eu fiz enquanto aluno, mas pelo que eu fiz usando aquilo que o CIn me deu enquanto eu era aluno. Isso é muito

revelador de quem é o CIn: não é um departamento para você ser enquanto está lá, é um departamento para você ser quando sai de lá. Esse caráter transformador, ser formado para ser um agente de mudanças é o que me deixa orgulhoso de ser CIn.

Para manter vivo o jeito CIn de ser, o professor Geber Ramalho destaca a necessidade de haver uma memória catalogada do centro e já vislumbra um “passado do futuro”, sugerindo que se estabeleça uma estrutura de registro que facilite contar a história dos próximos 30 anos do CIn. Para isso, cita como exemplo um manual do que precisa ser mantido para a posteridade: fotos e documentos que podem ser expostos em um site, trazendo o resumo das principais realizações do ano. Ele reconhece o papel da Assessoria de Comunicação do centro no processo, acredita que a lembrança do CIn deve ser registrada com regularidade e acrescenta: “Esse trabalho do passado é uma das ferramentas para aumentar o sentimento de pertencimento”.

Para o atual diretor do CIn, outro diferencial na estrutura do centro que precisa ser permanentemente validado, como já mencionado por Cláudio Marinho, é o respeito e a valorização à vocação de cada um, seja na área de qualidade de ensino, de extensão, de transferência tecnológica ou de cooperação com a indústria, com impacto direto na sociedade; ou, ainda, nas áreas de pesquisa, inclusive na pesquisa teórica, de longo prazo. Diz André Santos:

O convencimento e a valorização de cada um desses aspectos são grandes desafios porque, quase sempre, se acha que uma das áreas é mais importante do que a outra, e não é. Uma complementa a outra. Isso não é só discurso.

É a nossa realidade prática no CIn, a gente acredita nesse equilíbrio entre as áreas. Essa é uma mensagem importante a ser passada para quem está chegando ao centro.

O professor Geber Ramalho endossa essa visão e acrescenta que o respeito às aspirações e habilidades individuais sempre fez parte da cultura do CIn:

Nem todo mundo é igual, nem todo mundo dá aula do mesmo jeito, nem todo mundo faz pesquisa do mesmo jeito, nem todo mundo tá interessado em interagir com o ecossistema, ou com o que quer que seja, da mesma maneira. Então, você tem que entender isso pra fazer o todo funcionar bem.

De acordo com Santos, também é prioridade a criação de um ambiente em que os novos professores que forem chegando ao CIn se sintam confortáveis, tenham condições de trabalho, saibam que vão ser reconhecidos e valorizados a partir dos caminhos possíveis que escolherem seguir, e que poderão fazer ajustes e escolhas em determinados momentos. “É muito importante trazê-los para perto da gestão, para contribuírem para o dia a dia do centro”, defende. “O espírito de coletividade é uma coisa que precisa ser muito valorizada, para que as pessoas não trabalhem só para si, só para o seu grupo, só para o seu laboratório.”

A propósito disso, Santos lembra que a prática do compartilhamento sempre esteve presente na gestão do Centro de Informática, uma vez que, historicamente, parte de todos os recursos de projetos obtidos pelo CIn sempre foi distribuída internamente, de forma a beneficiar alunos e professores:

Acho que esse é um dos nossos segredos. A gente não tem pessoas que trazem recursos exclusivamente para elas,

para aquele laboratório ou para aquele grupo de alunos. Há sempre uma parte destinada a todos. Então, todo mundo se sente valorizado e sente um retorno daquele trabalho que o outro está fazendo. O reconhecimento de um repercute no todo. Isso é uma força muito grande que a gente tem que trabalhar para preservar e deixar claro para os recém-chegados.

Outra coisa que permaneceu como legado da história e cultura do CIn foi o compromisso com o ecossistema, hoje tendo como representante maior o Porto Digital. O professor Geber Ramalho completa:

A gente tem um passado legal para contar? Tem. Mas a gente pode fazer mais? Claro que pode. Temos uma boa história? Temos. Dá pra fazer mais? Dá pra fazer mais e bem melhor. E a gente tem que começar um outro patamar de relacionamento.

| **Confiança nas relações**

De todos os elementos que são fundamentais para a criação do futuro, um deles é o estabelecimento da confiança nas relações interpessoais. O estudo *Global clusters of innovation – Entrepreneurial engines of economic growth around the World*, da Universidade de Berkeley, na Califórnia, Estados Unidos, destacou 13 cidades do mundo e seus respectivos ambientes de inovação – que eles chamam de *clusters of innovation*. No Brasil, o Recife foi escolhido para integrar o trabalho e o case do Porto Digital rendeu um capítulo de 40 páginas desse estudo, assinado pelo professor da instituição, Flavio Feferman.

Diante disso, pontua Cláudio Marinho:

Quando esse estudo analisa e compara o Porto Digital com Barcelona, Londres e São Francisco, por exemplo, o que há de comum entre essas cidades é que todas foram capazes de criar um ambiente para atrair e reter talentos. Outro fator comum a elas é a existência de relações interpessoais que geram confiança. Então, para o futuro, eu não acredito que seja possível fazer algo ainda mais robusto do que já vínhamos fazendo se não lançarmos mão dessas relações interpessoais de confiança. Com isso, quero dizer que a parceria original que eu sempre tive – eu pelo lado do poder público, Silvio Meira pelo lado da universidade – com o Softex Recife e as muitas empresas locais (a exemplo da emblemática Procenge, que, há 47 anos, é uma sobrevivente competitiva no mundo digital) foi lastreada por esse tipo de relação. São as relações que definem a criação do futuro e o desenvolvimento, que, ainda que tenha tido sua escala ampliada, permanece calcado na confiança.

Julio Glasner acrescenta: “Reter as pessoas dentro das organizações é um desafio importante. Fortalecer o ecossistema é criar lugares para as pessoas trabalharem, com dignidade, ganhando bem e permanecendo aqui no Recife”.

| **Ampliar o conhecimento de Informática**

Outra opção estratégica para o futuro do Centro de Informática vai além do próprio CIn: pensar formas de ampliar o conhecimento de Informática é uma necessidade atual que tende a crescer num futuro próximo. Para o diretor do CIn, André Santos, é necessário estender esse conhecimento numa escala além da dimensão que já existe hoje,

nos cursos da graduação e da pós-graduação acadêmica e profissional oferecidos pelo CIn. Na sua visão, um caminho é a busca por parcerias em diferentes níveis da formação de base, a exemplo dos alunos dos ensinamentos fundamental e médio.

O professor Carlos Ferraz comenta que a transformação na educação voltada para a Informática começa com o aprimoramento do próprio ensino da Matemática e acrescenta: “Às vezes, as pessoas acham que a gente quer impor o ensino da Computação nas escolas, e não, a gente quer impor o pensamento computacional”. Em outras palavras, uma formação de base sólida em raciocínio lógico-matemático. Além disso, ele também destaca o desafio de combater o analfabetismo funcional: “Hoje, há gente no nível universitário que não consegue interpretar um texto e isso é um problema, porque, se já não é fácil passar pelas disciplinas que são mais complexas, pior ainda para quem não tem uma boa formação”.

Segundo André Santos, na prática, é possível unir forças com outras instituições de ensino superior locais que tenham projetos nessa mesma direção, para criar a cultura de conhecimento em Informática. Isso será cada vez mais demandado por todas as áreas, tendo a Informática como uma formação transversal complementar para, entre outras coisas, aumentar a empregabilidade:

São fatores importantes para atender à demanda sinalizada pelas empresas do Porto Digital e pela própria economia do Estado. É um grande desafio, inclusive com formação de educação a distância e outros tipos de formação, para que a gente possa ganhar escala, mas realmente precisamos de parcerias. Certamente, não é algo que vamos conseguir

fazer sozinhos, está além do nosso escopo, mas está no nosso direcionamento estratégico atuar nessa direção.

O investimento em novos cursos de graduação – como o de Engenharia de Software – também faz parte dos planos do CIn para dar continuidade à ampliação do conhecimento em Informática. A oferta de outros cursos de forma integral ou complementar, não apenas no Recife, mas também no interior do Estado, em parceria com o *campus* da UFPE em Caruaru, por exemplo, é, segundo André Santos, uma das iniciativas que apontam na mesma direção de ampliar a formação de pessoas de diferentes áreas, com grande demanda e alta empregabilidade.

Para o professor Fabio Silva, a ampliação do conhecimento de Informática é algo que deve existir desde o ensino médio, com ênfase na formação técnica, uma vez que as mudanças que vêm acontecendo no mundo, no perfil do trabalho e das tecnologias, apontam para a necessidade de profissionais com um perfil cada vez mais técnico. Nesse sentido, Silva nos provoca a pensar sobre qual é e para onde vai a próxima geração do ecossistema?

No passado, quando do início da formação do ecossistema que existe hoje, o CIn foi transformador sob diversos aspectos, sobretudo no que diz respeito à formação de capital humano e do perfil do profissional como diferencial fundamental para a realidade atual, como lembra Silva:

A educação que era dada aqui, não só do ponto de vista de tecnologia, mas de criação de *mindset*, tinha a ver com a tecnologia e com o perfil empreendedor que a gente tentava imprimir nas pessoas, desde o começo, para aquelas que queriam ter esse perfil. Esse profissional diferenciado foi

o grande trunfo do Porto Digital, enquanto ecossistema, e também do CESAR, que atraiu grandes projetos que vinham buscar gente de qualidade no CIn. Então, naquele momento, há quase 30 anos, a gente estava falando do elemento pessoa como o principal. Várias empresas vieram pra cá por causa da qualidade e dos diferenciais do nosso capital humano. E hoje, qual o capital humano do futuro na nossa indústria?

Segundo Fabio Silva, o perfil profissional do desenvolvedor de *software*, ou do engenheiro de *software*, recém-formado de hoje mudou e vem passando por um processo de achatamento de salários, o que faz com que muitos desses profissionais, ao se formarem, não queiram trilhar uma carreira a partir da base, o que seria o caminho natural para quem está começando. Ele analisa:

São profissões que já foram megaespecializadas e estiveram concentradas nas mãos de poucas pessoas, que sabiam fazer coisas muito complexas. Hoje, continuamos precisando de pessoal especializado, mas que, por pressão de mercado, está trabalhando com salários muito mais baixos do que há 30 anos, ganhando até cinco vezes menos do que um recém-formado ganhava na minha geração. Ao longo do tempo, isso gera um certo desinteresse pela área, por gente que estaria apta a trabalhar num curso superior complicado de entrar e difícil de permanecer, como são os cursos da área de Informática. Diante disso, eu acho que a gente deveria estar se preparando para uma nova revolução no curso do capital humano, a partir do ensino médio.

O professor explica que, ao invés de “bater repetidamente na tecla” de aumentar a formação em nível superior

de Informática, a chave para a inauguração de um novo momento seria voltar os olhos para a importância do ensino técnico como forma de aumentar a escala e viabilizar o início de carreira com profissionais que iriam valorizar esta fase da vida.

O professor Fabio Silva afirma que hoje esse é um problema real:

Temos profissionais muito bem-qualificados que, quando entram no começo da carreira, não querem ser começo de carreira. Eu tenho alunos na graduação do CIn que dizem: “Professor, quando eu me formar, eu quero ser gerente de projeto”, e isso não faz sentido. Por que gerente de projeto? Porque o salário é maior, mas se não pode começar como gerente de projeto, porque a pessoa não tem experiência, nunca gerenciou pessoas, não tem maturidade mental, espiritual, conceitual para trabalhar além de ser um programador júnior. É preciso cumprir todos os passos, ou pelo menos alguns dos passos, para eventualmente chegar a um cargo de salário maior. As pessoas, principalmente por questões socioeconômicas, dentro do perfil que a gente forma, não estão mais dispostas a fazer isso. Então, ao invés de formarmos mais gente que vai estar trabalhando no lugar onde não quer trabalhar, por que não gerarmos novas metodologias para ensinar gente no ensino médio?

Na opinião de Fabio Silva, em vez de ensinar diretamente o aluno de ensino médio, o CIn pode ensinar os professores que irão ajudar a formar esses alunos e, assim, incubar dezenas de cursos de ensino médio, o que resolveria, de uma maneira mais economicamente viável, o déficit existente de profissionais júnior. Ele argumenta:

É um profissional mais técnico, que passa menos tempo para se formar e, portanto, tem uma formação muito mais barata, que daria oportunidade para uma determinada mudança de perfil da sociedade que a gente vai precisar. É claro que, da mesma forma como as dinâmicas de competição dentro do ecossistema estão mudando, a sociedade vai mudar também. Quais são os novos empregos do futuro? E o que vai ser o ecossistema no futuro? Será que a gente tá cuidando em formar pessoas, desde o ensino fundamental e médio, que vão ser profissionais daqui a 10 anos? Talvez o Centro de Informática, da mesma forma com que ele se preocupou com o ecossistema enquanto pessoas e empresas lá atrás, deveria estar fazendo isso de novo, mas com um outro olhar.

De acordo com o professor Geber Ramalho,

para a Tecnologia de Informação, a coisa que mais vale é a cabeça das pessoas, é o conhecimento. Com um salário de um cara lá [no Porto Digital], é possível comprar não sei quantas máquinas, mas eu, com um monte de máquinas, não faço nada. Então, o insumo fundamental para a área de Tecnologia é a formação de pessoas. São pessoas capazes tecnicamente, capazes também de trabalhar em grupo, capazes de pensar, de ter um pensamento crítico, de saber inovar, tudo isso é importante e o CIn tem esse papel de formar gente, é o primeiro papel.

| Mudança de paradigma e novos desafios coletivos

É necessário despertar para um futuro que precisa ser preparado a partir do investimento na formação de base. Este é o pensamento do professor Fabio Silva, para quem a mudança ainda não aconteceu porque continuamos

trabalhando com um paradigma de 25 anos atrás, ampliando e melhorando o que já fizemos e deu certo, em vez de partirmos para fazer algo novo. Para ilustrar seu pensamento, Silva recorre ao exemplo do Porto Digital e do que queremos que ele seja daqui a uma década, para que comecemos a criá-lo desde agora:

A gente criou as coisas que existem hoje, porque havia uma deficiência do lugar e uma necessidade do futuro. Hoje, essas deficiências não existem mais da mesma forma. A gente já tem um Porto Digital, já temos um CESAR grande. São elementos que continuam tendo problemas, mas eles são muito menos do que eram há 20 e tantos anos. Eu não acho que é papel do Centro de Informática melhorar esse ambiente, nosso problema deveria ser pensar qual é o próximo.

As visões a respeito do futuro e do crescimento do Porto Digital são diversas. O diálogo entre as ideias dos professores Geber Ramalho e Fabio Silva aponta para duas fronteiras possíveis: o crescimento físico no centro do Recife e o crescimento remoto. O professor Geber Ramalho acredita que deve haver o envolvimento do CIn para que o Porto Digital consiga atingir sua meta de dobrar de tamanho e vê possibilidades físicas de expansão – acrescentando que, mesmo dentro da ilha do Recife, ainda há espaço para crescer. Ele concorda com o professor Fabio Silva quando este menciona que houve melhorias consideráveis na infraestrutura do local. Ramalho também destaca a sensação de segurança que os frequentadores do Porto Digital vivem: “Pierre Lucena sempre diz que é um dos poucos bairros no Brasil onde você anda com celular sem medo de ser assaltado, e é verdade”.

Num exercício de prospecção sobre o futuro, o professor Fabio Silva afirma que não acha provável que tenhamos, dentro dos próximos 15 ou 20 anos, em Pernambuco, um parque tecnológico maior que o Porto Digital. Não apenas por falta de espaço físico, mas porque o funcionamento da sociedade está mudando, principalmente nas grandes cidades. Existe uma tendência atual cada vez mais forte de as pessoas quererem trabalhar perto de onde moram. Nesse sentido, o modelo de precisar entrar num carro, enfrentar o tráfego intenso na ida e na volta para o local de trabalho e, no intervalo entre esses dois trechos, produzir por algumas horas, está fadado a desaparecer. A alternativa que Geber Ramalho vislumbra é o projeto-conceito chamado *coliving*, um espaço de aluguel residencial por temporada em que várias pessoas coabitam no mesmo espaço. Para Ramalho, “você transforma os lugares quando tem gente que more”.

Segundo ele,

as aglomerações representadas pelos parques tecnológicos se tornaram superimportantes nas décadas de 1980 e 1990. Eram necessárias para dar escala, reunir pessoas e fazê-las interagir entre si, porque da interação surgia muita inovação. Mas, hoje, você não precisa mais estar junto para interagir. As pessoas estão perto umas das outras interagindo eletronicamente. E, se elas estiverem longe, vão interagir do mesmo jeito. O Porto Digital pode mudar de tamanho, mas a gente quer que isso aconteça nos mesmos padrões atuais? Ou queremos dobrar a capacidade de conectar pessoas numa cidade que faça mais sentido para que elas possam trabalhar de maneiras distribuídas, ou de maneira móvel, tendo mais qualidade de vida?

Questionado sobre o futuro do Porto Digital e do ecossistema, Fabio Silva foca na necessidade de planejar: “Está faltando a gente pensar, a partir do que deu certo no passado e das deficiências que podemos resolver hoje com Informática, qual é a próxima intervenção que precisamos fazer para que, daqui a 20 anos, estejamos conversando novamente sobre um novo ciclo de transformação. “É preciso pensar hoje no que queremos ter realizado dentro de 15 ou 20 anos, porque o ecossistema que a gente tem atualmente vai se transformar, quer a gente faça alguma coisa para isso ou não.”

Ao lado da mudança de paradigma para planejar o futuro que almejamos, o professor Fabio Silva aponta outro desafio para o Centro de Informática: a necessidade de projetos comuns entre o CIn e o Porto Digital. “O centro passa por uma falta de projeto coletivo para nos tirar desse lugar de acomodação”, diz. Ele diz que é preciso ir além da questão da infraestrutura física que, há muito, está resolvida:

Na minha época, pra eu conseguir escrever um *paper*, precisava descer até o laboratório porque o meu computador não tinha os processadores de texto que eu usava. Hoje, vejo que existe uma ausência do desafio para uma melhoria que aparentemente não precisa acontecer, porque já está tudo pronto. Então, quais são os grandes projetos para fazer com que as pessoas voltem a se interessar por trabalhar coletivamente? Essa ausência de um desafio que gere articulações coletivas é o mesmo que ocorre com o ecossistema, guardadas as devidas proporções.

Para Silva, o maior problema da ausência de desafio é o esvaziamento do diálogo e o professor Carlos Ferraz concorda: “É preciso criar uma nova relação com o ecossis-

tema e a distância física do Porto Digital não pode ser uma desculpa. A pergunta é: como vamos nos relacionar com as empresas, com as antigas, com as novas, como vamos continuar trabalhando?”.

Fabio Silva complementa:

Qual a ameaça motivadora que nós temos, seja ela aparente ou não, que faria com que a gente voltasse a ter as grandes reuniões Softex, as discussões e os debates em torno de qual é o projeto que a gente quer? Porque, até no caso da implantação do Porto Digital, houve muita conversa para saber se aquele era o projeto coletivo que nós queríamos – hoje a gente não tem nem mais isso. Está tudo lá, dado, posto, não há mais os diálogos que levam a gente a ter iniciativas de trabalhar juntos na direção de um objetivo, que não é meu nem seu, é de todos.

| Internacionalização

Para o professor Augusto Sampaio, um dos atuais desafios do Centro de Informática, com vistas ao crescimento e à sustentabilidade futuros, é a internacionalização. A excelência nacional do CIn é inquestionável e isso pode ser facilmente mensurado por meio de critérios, como a boa reputação de seus cursos de graduação e de pós-graduação, ambos avaliados com nota máxima pelo Ministério da Educação, além da ótima interlocução com o mercado, a partir das relações estabelecidas pela cooperação com a iniciativa privada e os demais parceiros públicos e particulares.

Ao mesmo tempo, o CIn ainda tem pouca visibilidade no cenário internacional, como diz Sampaio:

A gente não tem um fluxo tão grande de pessoas vindas de universidades europeias e americanas para cá. Não temos atraído pessoas de fora, nem mesmo de países próximos da América do Sul, e, quando vêm, é porque a gente está oferecendo recursos, mas as pessoas não estão dispostas a se custear para fazer um curso no CIn. É claro que há exceções, mas são pontuais. Ainda não temos um fluxo sistematizado em que se receba 30 ou 40 alunos de fora do Brasil, por ano, para estudar no CIn. Para que isso possa acontecer, nós precisamos ter uma infraestrutura de internacionalização.

Segundo ele, as exceções mencionadas ficam por conta de algumas cooperações do CIn com parceiros internacionais, o que acaba gerando uma relativa visibilidade para o centro, mas ainda não o suficiente para atrair alunos de fora do País. “A gente está tentando ser o melhor da América Latina, ser uma referência no imaginário das pessoas; não só para pesquisa, mas para o próprio ecossistema local, ser um lugar de referência para atração de investimentos”, reforça Paulo Cunha, também entusiasta da internacionalização.

A estrutura mencionada por Augusto Sampaio inclui cursos com aulas ministradas em inglês e a equipe administrativa do CIn com condições de se comunicar oralmente e por escrito no idioma. Dessa forma, será possível garantir as condições mínimas para dar mais este passo significativo e ter um papel futuro num cenário internacional. “A gente percebeu que internacionalizar não é só focar na relação aluno e professor, é profissionalizar a

administração, para oferecer um serviço de mais alto nível para os professores e alunos”, diz Sampaio. “Isso seria realmente um divisor de águas. O CIn já quebrou vários paradigmas. Este seria mais um.”

| Posfácio

Como você, leitor, pôde observar, a história do Centro de Informática, desde as suas origens, foi contada com base em entrevistas realizadas com diversos protagonistas desta história. É uma história rica de dedicação, determinação, suor e paixão que levaram o CIn ao estágio em que se encontra hoje no cenário local, regional, nacional e internacional.

Além do resgate dessa história, que é sempre limitada por não ter sido possível escutar todos os que dela participaram, a intenção deste livro é manter vivo, em todos os atuais atores e construtores do CIn, este mesmo empenho e dedicação na criação do nosso futuro.

Estamos em 2021. Desde o ano passado, vivemos todos uma realidade completamente nova, devido à pandemia da Covid-19, que traz muitas transformações. Avançamos muito em termos de realização de reuniões e aulas virtuais, mas perdemos o contato presencial com alunos e colegas. Mesmo assim, conseguimos nos adaptar e trabalhar em diversas frentes, com submissões de projetos, reforma do regimento do CIn e dos cursos de graduação.

E o que esse futuro nos reserva? Quais os grandes desafios que teremos pela frente?

Certamente, um dos nossos grandes desafios é manter, com um número tão grande de professores e técnicos, a mesma coesão existente nos primórdios, em que havia um número muito menor de docentes. Precisamos estar mais próximos, preservando o DNA do grupo original e contando com o protagonismo de todos nos desafios comuns, pensando no bem da coletividade.

Precisamos manter e ampliar a relevância do que fazemos no CIn em prol dos nossos alunos em todos os níveis, assim como do ecossistema de Tecnologia da Informação e da Comunicação – local, nacional e internacional. Precisamos estar antenados para atendermos às demandas da sociedade, assim como para tornar mais atrativa a profissão na área da Computação, com uma sempre crescente participação feminina. Como dito anteriormente, precisamos dar contribuições inovadoras e que não simplesmente ampliem o que já foi construído.

É imprescindível também uma maior presença no cenário internacional, consolidando-se como uma referência na América Latina para a área e atraindo cada vez mais e melhores alunos, pesquisadores, professores visitantes e efetivos, vindos de diversas partes do mundo. Este é certamente o desafio de uma geração e no qual precisamos focar o quanto antes.

Na era de aulas virtuais, torna-se um desafio a produção e a qualificação de nossos cursos, de modo a estarmos competindo de igual para igual com os cursos oferecidos em qualquer parte do mundo.

Finalmente, fica o nosso convite para preservarmos, o máximo possível, o registro da visão e das ações atuais que irão compor a memória do Centro de Informática para as próximas gerações.

| Entrevistados

Ana Carolina Brandão Salgado

André Luís de Medeiros Santos

Augusto Cezar Alves Sampaio

Carlos André Guimarães Ferraz

Cláudio José Marinho Lúcio

Clylton José Galamba Fernandes

Edna Natividade da Silva Barros

Fabio Queda Bueno da Silva

Fernando da Fonseca de Souza

Geber Lisboa Ramalho

Hermano Perrelli de Moura

Ismar Neumann Kaufman

Ivanilda Mendes da Silva

José Augusto Suruagy Monteiro

Julio Guilherme Glasner de Mais Chagas

Manoel Agamemnon Lopes

Merval de Almeida Jurema Filho

Múcio Gomes da Silva Queiroz

Paulo Roberto Freire Cunha

Silvio Romero de Lemos Meira

Teresa Bernarda Ludermir

| Expediente

| **Comissão do Projeto Memória**

José Augusto Suruagy Monteiro

José Dias dos Santos

José Viana Guedes Neto

Marcília Andrade Campos

Sílvia Carolina Costa Neves de Matos

Zanoni Carvalho da Silva

| **Coordenação editorial**

André Luís de Medeiros Santos – Diretor

José Augusto Suruagy Monteiro – Vice-diretor

Sílvia Carolina Costa Neves de Matos – Assessora
de Comunicação

| **Entrevistas e textos**

Júlia Nogueira de Almeida

| **Transcrição de entrevistas**

Assessoria de Comunicação do CIn/UFPE

Amanda Santos Borges

Vanessa Evelin de Lima Moura

| **Apoio à redação**

Amanda Fantuzze Rodrigues de Almeida

| **Registro de imagens**

Assessoria de Comunicação do CIn/UFPE

Hugo Henrique Boner de Mélo

| **Fotografia**

Acervo CIn/UFPE

| **Seleção iconográfica**

André Luís de Medeiros Santos

José Augusto Suruagy Monteiro

| **Realização**

Centro de Informática da Universidade Federal
de Pernambuco – CIn/UFPE

Avenida Jornalista Aníbal Fernandes, s/n. Cidade
Universitária (*Campus Recife*).

CEP: 50.740-560 – Recife – Pernambuco – Brasil

www.cin.ufpe.br



Título Memória CIn/UFPE: a história do Centro
de Informática da Universidade Federal
de Pernambuco

Autoria Júlia Nogueira de Almeida

Formato E-book (PDF)

Tipografia Tisa Pro (texto) e Good Pro (títulos)

Desenvolvimento Editora UFPE



Rua Acadêmico Hélio Ramos, 20 | Várzea, Recife-PE
CEP: 50740-530 | Fone: (81) 2126.8397
E-mail: editora@ufpe.br | Site: www.editora.ufpe.br

